

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Programa de Pós-Graduação em História



**As inferências da Política Externa Estadunidense
sobre a América Latina no século XX: O caso do
Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano –
ICBNA/RS**

Rodrigo Vieira Pinnow

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História



Dissertação

As inferências da Política Externa Estadunidense sobre a América Latina no século XX: O caso do Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano – ICBNA/RS

RODRIGO VIEIRA PINNOW

Pelotas, 2014

RODRIGO VIEIRA PINNOW

As inferências da Política Externa Estadunidense sobre a América Latina no século XX: O caso do Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano – ICBNA/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Lima de Avila

Pelotas, 2014

Dados de catalogação na fonte:

Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901
Biblioteca de Ciência & Tecnologia - UFPel

P656i Pinnow, Rodrigo Vieira

As inferências da política externa estadunidense sobre a América Latina no século XX: o caso do Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano – ICBNA/RS / Rodrigo Vieira Pinnow. – 134f. : il. – Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas. Pelotas, 2014. – Orientador Arthur de Lima Avila.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Arthur Lima de Avila (Orientador)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Prof. Dr. Fernando Camargo

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Prof. Dr. Rodrigo Santos de Oliveira

Fundação Universidade de Rio Grande (FURG)

Aos meus familiares, à minha namorada Mariana, aos meus amigos e parceiros, ao *heavy metal* pela força e incentivo e, em especial, à minha avó querida que me acompanha lá de cima.

AGRADECIMENTOS

Após cinco longos anos de graduação na Universidade Luterana do Brasil, concluindo o bacharelado e a licenciatura em História, o sonho era conseguir ingressar numa instituição federal para cursar o mestrado. Eis que, para minha alegria, fui aprovado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, dia que jamais me esquecerei.

Chegar ao mestrado parecia impossível, pois os boatos alimentavam a ideia de que existiam diferenças entre alunos de instituições públicas e de privadas, havendo larga vantagem para alunos oriundos de instituições públicas. Felizmente, os boatos não se concretizaram, e consegui realizar meu ingresso com muito orgulho, através de uma seleção composta por prova escrita, arguição de projeto e análise de currículo. Ao fim do processo seletivo, além da aprovação, fui contemplado com a bolsa de pesquisa da CAPES. Portanto, agradeço à CAPES pelo privilégio de pesquisar com suporte financeiro e ao PPG em História da UFPEL pela organização de eventos, ajuda de custo e demais incentivos que possibilitaram diversas comunicações que enriqueceram este trabalho e consequentemente meu humilde *lattes*.

Com tantos apoios em minha trajetória, os agradecimentos tornam-se uma das tarefas mais emocionantes do trabalho que se encerra. Primeiramente, é imprescindível agradecer a todos os professores da Universidade Luterana do Brasil que me formaram historiador, dentre eles um agradecimento especial à professora Márcia Janete Espig, que hoje faz parte do corpo docente da UFPEL. Agradeço à mesma pela oportunidade de ser monitor das disciplinas de Teoria da História e de Projeto de Pesquisa, nos tempos de ULBRA, pela acolhida em Pelotas, pelos bons debates e bate-papos historiográficos, além da oportunidade de participar do projeto de pesquisa que deu origem ao livro “Notícias de uma Guerra Centenária: o Movimento do Contestado através do Jornal A Federação (1912-1916)”.

Gostaria de destacar o apoio da secretaria do programa, na figura da excelente profissional Ândria Pereira, sempre solícita e comprometida com as demandas dos discentes.

Gostaria de fazer um agradecimento muito especial aos professores programa: Prof. Aristeu Lopes, Prof. Edgar Gandra, Prof. Fernando Camargo, Prof.^a Márcia Espig e Prof. Arthur Avila. Graças às suas disciplinas, foi possível o amadurecimento de alguns temas que compõem este trabalho, sem contar as inúmeras obras indicadas e os intensos debates historiográficos.

Aos examinadores da qualificação e agora examinadores da banca de dissertação, Prof. Edgar Gandra e Prof. Fernando Camargo, agradeço os apontamentos e as correções na primeira etapa. Fico extremamente honrado pela continuidade de ambos na análise final da dissertação. Ao professor Rodrigo Santos de Oliveira, agradeço por sua disponibilidade em aceitar o convite para participação na banca final.

Como não poderia ser diferente, gostaria de agradecer muito meu orientador Arthur Avila, pela maneira como ministrou a disciplina de historiografia, pela bibliografia escolhida e principalmente pela condução dos debates em sala de aula. Agradeço, de coração, pela excelente orientação, pela paciência, pelas correções e pelos conselhos antídotos que serviram de calmante nos momentos de desespero: *“A carreira é complicada, mas nos traz momentos fantásticos. Ademais, como disse o sr. Bon Scott, ‘it’s a long way to the top if you want rock ‘n’ roll’! Quanto ao resto, alma tranquila e coração sereno, meu caro!”* Jamais me esquecerei dessas frases!

Agradeço, com muito carinho, aos meus colegas da turma 2012: Franciele, Luiza, Paula, Tamara, Rosendo, Maria Clara, Luiane, Geza, Marília e, em especial, meu amigo de fé, irmão, camarada, ex-*Thor* e atual *Aquaman*, Felipe Krüger, pelos longos e acalorados debates sobre história, pelas inúmeras acolhidas em sua casa, pelas jogatinas no PS3 e pelas discussões sobre os universos *Marvel* e *Dc Comics*. Além de tudo, o *heavy metal* foi uma das trilhas em todos os momentos do mestrado, principalmente nas viagens entre Porto Alegre e Pelotas.

À Mariana, minha namorada, amiga, companheira e confidente, só tenho a agradecer pelo amor, carinho e compreensão. Nos momentos de dificuldade, estive sempre ao meu lado com uma palavra de apoio e suporte. Obrigado meu amor! Sem teu apoio, certamente eu não conseguiria finalizar este trabalho!

Por fim, saliento que nada seria possível sem as lições de vida encontradas no mundo do trabalho, nos vários aprendizados que me fizeram crer que seria possível ser o primeiro membro de minha família a conquistar a graduação e batalhar pela pós-graduação. Agradeço à minha família por acreditar em mim e por confiar na minha luta. Essa pequena família me ensinou a não desistir nunca!

“Não me inspiro nas citações; valho-me delas para corroborar o que digo e que não sei tão bem expressar, ou por insuficiência da língua ou por fraqueza do intelecto. Não me preocupo com a quantidade e sim com a qualidade das citações. Se houvesse desejado que fossem avaliadas pela quantidade teria podido reunir o dobro” (Montaigne)

“Uma história da América Latina da Independência até hoje, é um tema repleto de problemas. A própria unidade da América Latina é problemática; A extrema variedade da realidade Latino-americana é o que primeiro salta a vista do observador estrangeiro” (Túlio Halperin Donghi)

“A ditadura de Getúlio Vargas tratou com encarceramento e torturas quem ousasse se opor ao seu governo e planos. A comissão de inquérito criada para investigar deu em nada” (José Murilo de Carvalho)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as inferências da política externa estadunidense na América Latina através da criação dos centros binacionais norte-americanos em meados da década de 1930. Entende-se que os estudos que contemplam a difusão cultural dos Estados Unidos no continente latino-americano apresentam uma lacuna no que tange as ações das agências e órgãos estadunidenses, bem como de seus representantes nas relações com as elites latino-americanas. Nesse sentido, pretende-se ampliar a percepção sobre a Política de Boa Vizinhança proposta pelo governo de Franklin Delano Roosevelt, ao considerar os centros binacionais como um dos vetores no processo de difusão cultural estadunidense na América Latina. Propõe-se incorporar uma nova perspectiva de análise acerca da influência dos Estados Unidos no continente latino-americano, a partir do estudo de caso do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano (ICBNA), analisando os pormenores do processo de criação da instituição, além do mapeamento dos demais centros pela América Latina. Diante disso, discute-se a ausência do processo na historiografia, na qual não se encontram estudos extensivos sobre a difusão cultural estadunidense através de institutos ou centros binacionais.

Palavras-chave: América Latina – Brasil – Estados Unidos – Política de Boa Vizinhança – Centros Binacionais

ABSTRACT

This research aims to analyze the inferences of U.S. foreign policy in Latin America by establishing the American binational centers in the mid-1930s. It is understood that the studies that consider the cultural diffusion of the United States in the Latin American continent have a gap regarding the actions of U.S. agencies and organs as well as their representatives in relations with Latin American elites. In this sense, we intend to broaden the perception of the Good Neighbor Policy proposed by the government of Franklin Delano Roosevelt, to consider the binational centers as one of the vectors in the American cultural diffusion process in Latin America. Proposes to incorporate a new analytical perspective on the influence of the United States in the Latin American continent from the case study of the Brazilian North - American Cultural Institute (ICBNA), analyzing the details of the creation process of the institution, in addition to mapping the other centers in Latin America. Therefore, we discuss the process in the absence of historiography, in which there are extensive studies on American cultural diffusion through binational institutes or centers.

Key-words: Latin America – Brazil – United States-Good Neighbor Policy – Binational Centers

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Mapa da Associação dos Centros Binacionais da América Latina....	33
Figura 02	Getúlio Vargas com Franklin Roosevelt, Jonas H. Ingram e outros na base aérea de Natal.....	38
Figura 03	Logo do ICBNA durante as décadas de 1930 e 1940.....	76
Figura 04	Proposta para sócio de Erico Verissimo.....	79
Figura 05	Inauguração do ICBNA em 12 de outubro de 1938.....	80
Figura 06	Recibo de aluguel – Frente.....	86
Figura 07	Recibo de aluguel – Verso.....	87
Figura 08	Demonstrativo da área ocupada pelo ICBNA.....	88
Figura 09	Demonstrativo de livros catalogados no ICBNA.....	91
Figura 10	Corpo docente ICBNA década 1940-1950.....	93
Figura 11	Demonstrativo de sócios do ICBNA.....	95
Figura 12	Recibo do Departamento Comercial.....	96
Figura 13	Palestra Erico Verissimo em 1942.....	99
Figura 14	Demonstrativo de alunos do ICBNA.....	101
Figura 15	Exposição de arte folclórica José Lutzemberger.....	103
Figura 16	Decreto nº 1.807 de 20 de abril de 1951.....	107
Figura 17	Recepção do embaixador americano e de sua comitiva no Palácio do Governo.....	108
Figura 18	Reportagem sobre a inauguração do ICBNA.....	109
Figura 19	Discurso do Presidente do ICBNA Gabriel Moojen.....	111
Figura 20	Discurso do embaixador Herschel V. Johnson em 1951.....	113
Figura 21	Saudação entre o embaixador estadunidense e o governador do RS em 1951.....	115
Figura 22	Ata de lançamento da pedra fundamental.....	119
Figura 23	Erico Verissimo.....	120
Figura 24	Ministro Moysés Velinho.....	120
Figura 25	Figuras do cultural.....	121
Figura 26	Inauguração do auditório Erico Verissimo.....	123

LISTA DE SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
IBEU	Instituto Brasil – Estados Unidos
ICBNA	Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano
IIE	Institute of International Education N.Y.
OCIAA	Office of the Coordinator of Inter-American Affairs
PBV	Política de Boa Vizinhança
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. A POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE E SUAS INFLEXÕES NA AMÉRICA LATINA.....	22
1.1 A Política de Boa Vizinhança.....	25
1.2 Estado Novo e <i>Office of the Coordinator of Inter-American Affairs</i>	36
1.3 Vargas, Alemanha e Estados Unidos.....	47
2. O HISTÓRICO INSTITUCIONAL, A MÃO ÚNICA E A SUPOSTA CONQUISTA INTELECTUAL: UM BREVE RELATO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO E AS PRIMEIRAS DÉCADAS DO ICBNA.....	54
2.1 O processo de fundação.....	59
2.2 Inauguração.....	80
3. A CONSOLIDAÇÃO DO ICBNA A PARTIR DAS DÉCADAS DE 1940 E 1950.....	84
3.1 A ascensão.....	92
3.2 Os Efeitos da difusão cultural estadunidense.....	97
3.3 A consolidação do ICBNA.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
FONTES.....	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130
REFERÊNCIAS A ENDEREÇOS ELETRÔNICOS.....	134

INTRODUÇÃO

No início da caminhada como pesquisador, almeja-se realizar estudos que surpreendam o universo acadêmico. Pelo menos, essa é a sensação com a qual um neófito pesquisador ingressa na academia, na busca incessante por uma lacuna historiográfica. Ciente da possibilidade de aplicar conhecimentos teóricos e práticos, o pesquisador, de maneira embrionária, começa a arquitetar o processo empírico através de anseios, questionamentos e contrariedades. No caso desta pesquisa, o início teve origem em meados de 2008, a partir da descoberta do acervo institucional do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano (ICBNA).¹

No mesmo período, com a proximidade do aniversário de setenta anos da instituição, surge o convite para a participação de um projeto institucional, que culminaria na criação de uma obra digital alusiva ao aniversário do ICBNA. O intitulado Livro Digital comemorativo aos 70 anos do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano² foi consequência do levantamento de informações sobre os acervos, repassadas para o autor responsável do projeto³ e para diretoria da instituição.

Para a elaboração do Livro Digital, verificou-se que os acervos se encontravam dispersos pela instituição, sem qualquer tipo de inventário mais preciso sobre o volume de documentação que existia. Sabia-se, contudo, que se tratava de materiais de tipo variado, documentos de fundação, tais como: atas, periódicos de época, periódicos institucionais, fichas de alunos, fitas VHS, fotografias, materiais de divulgação etc. Quanto ao acervo de obras de arte, era composto, entre outros, por quadros, cerâmicas, dobraduras e estátuas.⁴

¹ O interesse surgiu quando o autor possuía vínculo empregatício com a instituição, onde organizou o acervo da mesma e concomitantemente desenvolveu o projeto de pesquisa intitulado: “A Penetração da cultura norte-americana em Porto Alegre através do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano - (1938-1944)”, na disciplina “Projeto de Pesquisa”, em parceria com o graduando Juliano Bitencourt¹, no curso de Licenciatura em História da Universidade Luterana do Brasil.

² Disponível em: <http://www.cultural.org.br/Livro70anos/Default.htm>. Acesso em 10 de outubro de 2012.

³ Emilio Chagas é escritor, publicitário e jornalista.

⁴ Com o avanço da pesquisa e organização do acervo, a direção da instituição decidiu utilizar o histórico institucional como ferramenta de publicidade e propaganda, ou seja, o projeto não seria apenas de cunho historiográfico, mas sim propagandístico e mercadológico. Nesse contexto, após a aprovação do

Sendo assim, pode-se afirmar que o processo de “formatação” do Livro Digital, aliado às reflexões na época, motivaram as inquietações do trabalho que segue, no qual se buscam ponderações que fujam de uma história binária, determinista, com causa e efeito, mas sim um primeiro passo que possibilite contribuir para a historiografia das relações entre Brasil e Estados Unidos.

Com isso, reinterpretem-se as mesmas fontes que estruturaram o material multimídia do ICBNA, problematizando a narrativa institucional que percorreu setenta anos de história. Entretanto, a compreensão sobre a importância do “arquivo institucional” para a história de Porto Alegre faz com que se questionem quais seriam os motivos para que o acervo do ICBNA, com indícios para elucidação de fatos importantes sobre o desenvolvimento sociocultural de Porto Alegre, foi mantido durante décadas oculto da sociedade. E o interesse por parte dos pesquisadores?

Após a seleção das fontes que remontam a história institucional e a digitalização de aproximadamente 600 itens entre documentos, fotos, obras de arte, periódicos e demais materiais, foi possível compreender que o acervo do ICBNA permitiria conexões com o passado das elites intelectuais de Porto Alegre, além de

conselho deliberativo, fiscal, e, por fim, da diretoria financeira, a equipe foi formada por um jornalista, um graduando em história, uma agência de marketing e uma empresa especializada na criação de sites, todos responsáveis pelo projeto. A etapa inicial foi digitalizar grande parte do acervo, além de fazer entrevistas com fundadores e colaboradores da instituição. Complementariam ainda o trabalho, as análises historiográficas e bibliográficas, bem como transcrições de documentos oficiais e publicitários da época. Com intuito de promover uma compreensão mais ampla sobre a inserção da cultura estadunidense, além de tornar atrativo ao leitor o histórico institucional do ICBNA nas páginas do Livro Digital, fez-se necessário desenvolver uma das etapas mais importantes do projeto: a reunião de escolha do conteúdo entre o jornalista responsável pelo projeto, o graduando em história e a agência de publicidade contratada pela instituição. O projeto possuía restrições orçamentárias e tinha como missão aliar várias áreas – comunicação, cultura e história. Havia a necessidade de fortalecimento da marca e propagação da mesma, tornando-o, então, numa espécie de “ferramenta de marketing”. Por fim, aplicar-se-ia a esse objetivo uma roupagem que diferisse do que vinha sendo comumente comercializado no mercado porto-alegrense. Porém, sem o conteúdo histórico, a tal “ferramenta” não encontraria sustentação e talvez, só por esse motivo, a história do ICBNA teve sua devida valorização em sete décadas com uma publicação comemorativa. Entretanto, a alta cúpula institucional não achou interessante registrar o trabalho efetivamente como livro ou periódico, deixando claro que futuros volumes estariam definitivamente descartados. A questão cerne desta etapa do projeto foi indubitavelmente localizar as informações pertinentes ao foco de interesse do ICBNA na época, escolhendo quais fontes seriam utilizadas dentro de um acervo ainda desorganizado, sem nenhum tipo de cuidado, e principalmente sem equipe de apoio. Caberia ao graduando em história fornecer o que de fato iria compor o material multimídia, dentro de um curto espaço de tempo, três meses, executando uma “escavação de fontes” no acervo institucional, em busca de personalidades consagradas, grandes eventos e momentos de ascensão do ICBNA na mídia. Além de ir construindo os textos que serviriam de base para a edição do jornalista contratado, assim como concatenar as informações e por que não dizer materializá-las de forma eficiente, objetivando a compilação de um documento único, digital e capaz de trazer à tona as representações desejadas pela direção do ICBNA.

fornecer indícios sobre a política externa norte-americana. Diante disso, refletindo sobre a produção historiográfica a respeito da difusão cultural estadunidense, o trabalho que segue abre possibilidades de novas análises no contexto das relações entre Brasil e Estados Unidos.

Pretende-se discutir e problematizar algumas ideias expressadas no conteúdo do Livro Digital, pois se entende que a construção do mesmo seguiu uma visão contemplativa, de cunho institucional, restrita a um contexto construído por apenas um nicho social, ou seja, a elite intelectual da época, elencado pelas descrições romanceadas sobre o ICBNA, não considerando todos os pormenores envolvidos no processo de fundação institucional.

A ausência na historiografia das ações dos agentes estadunidenses em parceria com as elites intelectuais, na formação dos centros binacionais e demais instituições, será evidenciada através da descrição da Associação de Centros Binacionais da América Latina, bem como dos centros espalhados pelo continente.

O capítulo que abre a dissertação “A Política Externa Estadunidense e suas inflexões na América Latina” apresenta uma análise que busca encontrar indícios que relacionem a política externa estadunidense com a criação dos centros binacionais e demais instituições norte-americanas em importantes países da América Latina.

Serão apresentados brevemente os processos de criação de alguns centros no continente, juntamente com as articulações dos consulados e demais instituições difusoras da cultura estadunidense. Dessa forma, a pesquisa buscou inverter a lógica encontrada nas obras analisadas, em que o processo é visto de cima pra baixo, ou seja, o avanço das políticas norte-americanas de difusão cultural, pois se considera que cada país possui peculiaridades diferenciadas. Certamente, a difusão cultural não foi uniforme, por esse motivo, analisa-se o processo de baixo pra cima, considerando fatores que passaram despercebidos pela historiografia sobre o tema.

No caso brasileiro, o capítulo traz uma releitura das ações referentes à política externa estadunidense no país, além de problematizar a fundação dos primeiros centros binacionais no decorrer do Estado Novo, período conhecido por uma forte campanha de nacionalização e de valorização da cultura brasileira. Conforme as fontes pesquisadas, percebe-se, com o exemplo brasileiro, que a historiografia aponta para

meados da década de 1940 o início do processo de penetração cultural norte-americana, porém, com a criação dos centros binacionais, tem-se outra realidade.

O cruzamento das fontes disponibilizadas recentemente pelo Itamaraty e pelos demais órgãos de pesquisa, somadas às fontes do ICBNA, propiciaram questionamentos ou “provocações” que serão mencionadas no decorrer do trabalho, porém sem a pretensão de determinar uma verdade absoluta, apenas uma interpretação, mais um ponto de vista a ser debatido pela academia, apresentando uma nova perspectiva, neste caso, a presença dos centros binacionais antes mesmo de outros elementos de difusão cultural.

O segundo capítulo tem como objetivo apresentar o processo de fundação do ICBNA paralelamente às transformações de Porto Alegre e por que não dizer do mundo. Os três primeiros anos do ICBNA darão a tônica do que se pretende explanar. Apresenta-se uma breve atuação dos intelectuais que fundaram o ICBNA através dos registros em ata, problematizando informações institucionais com a realidade enfrentada pela capital.

A opção de compreender, num primeiro momento, a sociedade sob o ponto de vista institucional, comparando com as demais interpretações oriundas das obras pesquisadas, tem como intenção fugir de uma história linear, considerando os demais aspectos culturais e sociais importantes para qualquer análise historiográfica.

A análise será focada nos cinco primeiros anos, na interpretação de fontes, além da ata de criação institucional, recorrendo ao estatuto e ao acervo fotográfico. Por outro viés, serão analisadas as ações da elite que fundou a instituição, suas respectivas representações na sociedade e outras instituições que, de uma forma ou de outra, também fizeram parte do processo da difusão cultural estadunidense na época, como por exemplo, a Livraria do Globo.

O último capítulo pretende explorar a história do ICBNA a partir de 1943, estendendo-se até a década de 1950. O objetivo é apresentar como a instituição consolidou-se no cenário gaúcho e quais os aspectos responsáveis pelo crescimento da difusão cultural norte-americana.

Houve a necessidade de buscar alternativas de reflexão que contrariam as interpretações sobre a cultura estadunidense na América como um todo. Entende-se que a perspectiva que norteia este trabalho vê a construção do passado como uma

mera interpretação, uma explicação de como o processo de desenvolvimento dos acontecimentos ou fatos ocorreu, mas essa explicação está longe de ser uma verdade absoluta:

A história como discurso está, portanto, numa categoria diferente daquela sobre a qual discursa. Ou seja, o passado e história são coisas diferentes. Ademais, o passado e a história não estão unidos um ao outro de tal maneira que se possa ter uma, e apenas uma leitura histórica do passado. O passado e a história existem livres um do outro; estão muito distantes entre si no tempo e no espaço. Isso porque o mesmo objeto de investigação pode ser interpretado diferentemente por diferentes práticas discursivas (uma paisagem pode ser lida/interpretada diferentemente por geógrafos, sociólogos, historiadores, artistas, economistas et al.), ao mesmo tempo que, em cada uma dessas práticas, há diferentes leituras interpretativas no tempo e no espaço. No que diz respeito à história, a historiografia mostra isso muito bem.⁵

No momento em que se invertem as estruturas de uma história, como no caso da história dos centros binacionais, percebe-se que o processo de desenvolvimento dos acontecimentos ou fatos é imbuído de importância, ou melhor, ênfase, de acordo com os interesses acadêmicos e institucionais de época. Nesse sentido, acentua-se a habilidade narrativa e o poder de persuasão que permeiam o universo historiográfico, como no caso da historiografia sobre as relações Brasil e Estados Unidos.

O fato norteador sobre as concepções de história está alicerçado em algumas práticas que por vezes se repetem, perpetuando-se na historiografia, ou então são passíveis de novos interrogatórios. No caso da política externa norte-americana, há uma clara tendência em não considerar as identidades latino-americanas e, com isso, tornar a história sobre o período focada nos aspectos econômicos e políticos.

Por mais que as discussões sejam sobre a dominação cultural estadunidense na América Latina, as relações entre os agentes estadunidenses e as elites intelectuais inexistem. Por esse motivo, o estudo sobre os centros binacionais candidata-se a expressar como essas relações ocorreram durante as primeiras décadas do século XX.

No caso da narrativa do Livro Digital, as interpretações sobre a ata de fundação foram representadas de forma romaneada, contemplativa e elegendo Erico Verissimo como o grande líder de todo o processo, exaltando o discurso da intelectualidade responsável pelo desenvolvimento da sociedade gaúcha e sua importância para toda

⁵ JENKINS, Keith. **A História Repensada**. 3.ed. São Paulo: Editora. Contexto, 2011.

capital. Felizmente, a interpretação dos mesmos fatos no decorrer do trabalho difere e muito da versão digital, isso porque:

Naturalmente, é de conhecimento corrente que os acontecimentos históricos costumam receber mais do que uma única interpretação. Mas gostaria de fazer dois comentários sobre este fato inegável da vida do historiador. As interpretações podem antes complementar do que contradizer umas às outras, assim como diferentes mapas do mesmo território podem ser igualmente corretos, sem conflitar em ponto algum. A coexistência das interpretações, em suma, é possível e mesmo provável, mesmo que tais interpretações sejam, no bom sentido do termo, parciais.⁶

As interpretações são o mote do trabalho do historiador e, com o aprofundamento das pesquisas, as mesmas vão se tornando cada vez mais criteriosas, calcadas em problematizações que fogem às fontes, alcançando os conceitos estabelecidos, ou, quem sabe, formulando novos caminhos entre as rígidas estruturas teóricas que perpassam séculos de historiografia.

A prática historiográfica possui um resultado imediato. Esse resultado pode ser refeito, pois sua produção é flexível, basta alternar a ordem de interpretação, buscando outras relações que não as estabelecidas nas estruturas historiográficas. No caso da pesquisa que segue, analisar os centros binacionais e as peculiaridades de cada país latino-americano demonstra que o resultado da prática historiográfica foi invertido e que sua “produção” foi compreendida sobre outro viés.

Em meio a esse processo de prática, resultado imediato e produção, estão as explicações sobre a realidade, que é sempre apresentada na forma de um discurso recheado de signos. Em função disso, é que alguns autores, dentre eles Michel de Certeau, compreende a história como prática, resultado e a relação entre ambos:

Por esta razão, entendo como história esta prática (uma "disciplina"), o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de uma "produção". Certamente, em seu uso corrente, o termo história conota, sucessivamente, a ciência e seu objeto – a explicação que se diz e a realidade daquilo que se passou ou se passa. Outros domínios não apresentam a mesma ambiguidade: o francês não confunde numa mesma palavra a física e a natureza. O próprio termo "história" já sugere uma particular proximidade entre a operação científica e a realidade que ela analisa. Mas o primeiro destes aspectos será nossa entrada no assunto, por diversas razões: porque a espessura e a extensão do "real" não se designam, nem se lhes confere sentido senão em um discurso;

⁶ GAY, Peter. **O estilo na história**: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Cia da Letras, 1990. p.190

porque esta restrição no emprego da palavra "história" indica seu correspondente (a ciência histórica).⁷

A visão expressada pelo autor destaca a proximidade entre a operação científica e a realidade que a mesma analisa. Porém, tudo está direcionado ao discurso. Quando se escolhe analisar os documentos de fundação do primeiro centro binacional estadunidense no Rio Grande do Sul, propondo um estudo de caso, é uma tentativa de problematizar todo um processo criacional, que resultou numa instituição que pode ser igual a muitas outras pela América Latina. Esse fator não pode passar despercebido, pois é o começo de um trabalho de mapeamento e compreensão de um processo real de difusão cultural, com consequências na América Latina.

Ao contrário da narrativa institucional que deu pouca ênfase à fundação, resumindo o processo à suposta liderança de Verissimo, este trabalho busca uma interpretação que se aproxime do que está subentendido nas fontes, sustentando-se na ideia de encontrar semelhanças com os demais centros binacionais espalhados pela América Latina.

A prática discursiva não silencia as fontes, pelo contrário, pode deixar que o ritmo fosse conduzido pelas mesmas, mas sem deixar de lado a ideia de que um registro escrito, especialmente o oficial, é parcial, passional e recheado de signos dos quais somente uma narrativa que aponte liberdade para interpretações distintas, abrindo perspectivas para novas pesquisas, possa oferecer ao leitor.

Nesse sentido, o presente trabalho busca compreender as fontes escritas e imagéticas do ICBNA, apresentando-as no decorrer no trabalho. Trata-se de apresentar ao leitor informações suficientes para que o mesmo possa elaborar novas perspectivas de compreensão sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos.

Não se tem a intenção de relatar toda a história institucional, mas problematizar as duas primeiras décadas de funcionamento. No primeiro momento, o processo de criação institucional e suas complexidades, no segundo, a consolidação e os apontamentos para o futuro institucional. Poder-se-ia apresentar as sete décadas de história, entretanto, preferiu-se problematizar o que foi considerado normal e habitual nas rotinas. Com relação às fontes imagéticas, não há a intenção de se fazer uma análise conceitual de suas possíveis interpretações, mas sim de expressar as

⁷ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.24.

problematizações existentes no histórico institucional e, a partir delas, construir possíveis cenários de reflexão.

Por fim, acredita-se que o texto que se segue traz mais questionamentos do que certezas. Alimenta a dúvida e carrega a incerteza no que diz respeito às relações entre Brasil e Estados Unidos. Por possuir um estudo de caso, não significa que este trabalho esteja classificado como “apenas a história de mais uma instituição qualquer”, mas sim a análise de todas as conjunturas e processos envolvidos na difusão cultural norte-americana através do exemplo do ICBNA.

1. A POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE E SUAS INFLEXÕES NA AMÉRICA LATINA

O capítulo que abre esta dissertação pretende encontrar indícios que relacionem a política externa estadunidense com a criação dos centros binacionais e a articulação dos consulados na América Latina, no decorrer do período entre guerras. Para isso, é imprescindível compreender que o colapso no sistema capitalista, a partir da crise de 1929, provocou inúmeras alterações no sistema econômico estadunidense que vinha em amplo crescimento após a grande guerra. O surgimento dos regimes totalitários, a consolidação do sistema socialista e a ascensão de novos líderes pelos quatro cantos do mundo colocaram em xeque o Estado Liberal democrático, como bem lembra Letícia Pinheiro em sua obra *Política Externa Brasileira*.⁸

Assim sendo, a presente proposta objetiva revisitar as referências sobre a época, alinhando diferentes autores e reinterpretando documentos que expressam as relações entre a América Latina e os Estados Unidos, nos bancos de dados oficiais⁹ das nações envolvidas e nas demais fontes pesquisadas sobre o período.

Evidentemente, o período entre guerras é apresentado na historiografia com variações de análise por parte dos historiadores, assim como por pesquisadores das demais áreas relacionadas ao tema como as Ciências Políticas, as Ciências Sociais, a Geografia e as Relações Internacionais. Contudo, essa miríade de interpretações que compõem o cabedal teórico-metodológico das áreas citadas apresenta uma discussão polarizada entre a dependência e a dominação no que diz respeito às relações entre América Latina – Estados Unidos.

Atualmente percebemos uma retomada dos estudos americanos em geral, e dos Estados Unidos em particular, que buscam através de novas fontes históricas e da releitura de fontes tradicionais, compreender processos que se apresentam de forma cada vez mais complexa. Mais do que simplesmente procurar dependência e dominação nas relações entre Estados Unidos e América Latina, é importante compreender as dinâmicas político-sociais, as

⁸ PINHEIRO, Letícia. **Política externa brasileira (1889-2002)**. 2.ed.Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p.21-23.

⁹ Refere-se aos bancos de dados online disponíveis para pesquisa na rede mundial – internet.

relações entre política interna e externa desses países e os atores históricos inseridos no processo.¹⁰

Nessa retomada de estudos americanos, como bem citou Alves Jr., busca-se compreender as dinâmicas político-sociais envolvidas no processo, além de compreender se, de fato, a articulação estadunidense foi intensificada a partir da década de 1940 ou se já estavam estruturadas antes disso. Afinal de contas, as análises sobre o tema consideram a articulação dos consulados por toda América Latina? O período seria retratado de forma economicista?

No caso brasileiro, alguns autores¹¹ consideram os meados da década de 1940 como período chave na virada das relações entre Brasil e Estados Unidos. Além disso, entendem que o processo foi resultado da política externa estadunidense, com seus órgãos de “exportação” comercial e cultural, buscando estreitar relações com o Brasil de Vargas que, por sua vez, tinha interesses relacionados ao desenvolvimento do país. É consenso que essa relação em alguns momentos foi conflituosa. Entretanto, os autores não mencionaram a possibilidade do processo de formação dos centros binacionais, iniciado em meados da década de 1930, com a participação dos consulados, como parte integrante da estratégia política dos Estados Unidos.

Não há como negar: a Segunda Guerra Mundial é o ponto de virada na história das relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos. No entanto, a ideia de uma Política de Boa Vizinhança, que incluía a cultura na agenda internacional, foi pensada algumas décadas antes, na gestão do republicano Herbert Hoover. Eleito em novembro de 1928, Hoover embarcou numa viagem de recreação.¹² Pretendia mudar alguns aspectos importantes da política externa americana.

¹⁰ ALVES JR., Alexandre Guilherme da Cruz. Olhares sobre a política de boa vizinhança (1933-1945). **Revista Eletrônica Boletim do Tempo**, Ano 4, Nº22, Rio, 2009. p.2.

¹¹ BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**: Dois Séculos de História. Rio de Janeiro: Ed. da Civilização Brasileira, 1973; BUENO, Clodoaldo. CERVO, Amado Luiz. **História da política exterior do Brasil**. 4.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012; HIRST, Monica. **Brasil Estados Unidos**: desencontros e afinidades. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009; MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência**: a política externa brasileira de 1935 a 1942. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980; MOURA, Gerson. **O tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense. 1984; MUNHOZ, Sidnei. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **Relações Brasil-Estados Unidos**: séculos XX e XXI. Maringá: Eduem, 2011; PECEQUILO, Cristina Sorenu. **A Política Externa dos Estados Unidos**: continuidade ou mudança? 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011; PINHEIRO, Letícia. **Política externa brasileira (1889-2002)**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010;

¹² TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.28.

Nesse sentido, compreende-se que os temas relacionados à América Latina e à política externa estadunidense, embora sejam intrinsecamente ligados, são apresentados com fissuras e distanciamentos. Foram décadas de uma historiografia que exaltou o imperialismo estadunidense em detrimento à fragilidade latino-americana. Não que de certa forma isso não tivesse acontecido, mas é preciso pontuar outras questões, analisando fontes que mostrem conjunturas não exploradas nas obras sobre a dominação cultural e econômica dos Estados Unidos.

Com isso, as obras deixaram de considerar a visão de baixo do processo¹³, não discutindo as peculiaridades de toda a América Latina e as diferenças entre seus países, como se todas as ações fossem pensadas e planejadas nos Estados Unidos, sendo exportadas para o continente latino-americano e executadas por seus agentes. Porém, percebe-se através da criação dos centros binacionais, das articulações de consulados e embaixadas, outra realidade e uma possível inversão do processo descrito até o momento nas obras pesquisadas.

Os estudos sobre a política externa estadunidense na América Latina consolidaram o termo “Política de Boa Vizinhança” como a bem engendrada articulação do Governo Roosevelt para difundir a cultura estadunidense no continente latino-americano, a partir da década de 1930. Mesmo que os autores mencionem que as relações nem sempre foram harmônicas, falta compreender todos os pormenores envolvidos nessas relações diplomáticas durante as três primeiras décadas do século XX. O ideal seria fazer um estudo comparativo com as documentações oficiais, tendo por base especificamente as articulações dos consulados e embaixadas. Com essa análise, certamente novos questionamentos surgiriam e talvez fosse possível reinterpretar a Política de Boa Vizinhança estadunidense. Obviamente, somente a pesquisa dos centros binacionais não será o suficiente para problematizar o status do conceito, mas com certeza algumas dúvidas serão levantadas para o aprofundamento do debate, dando margem para novas interpretações.

¹³ Termo utilizado por autores como: SHARPE, Jim. A história vista de baixo. IN: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011. p. 39-63; HOBBSAWM, Eric. A história de baixo para cima. IN: HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. p.216-231; E.P.Thompson em History from Below, The Times Literary Supplement, 1966.

1.1 A Política de Boa Vizinhança:

Segundo Raymond Aron, a política externa incide sobre um conjunto de ações do Estado que está diretamente ligada à teia política que o envolve, ou seja, o sistema internacional de Estados. Em seu livro “Paz e Guerra entre as nações”¹⁴, Aron discorre sobre a constituição das unidades políticas que alternam relações regulares entre si. Com isso, estabelecem o sistema internacional passível de influências mútuas que envolvem relações socioeconômicas e socioculturais. A questão soberana pode suscitar conflito, podendo ou não expandir-se para uma guerra total. As “unidades separadas” nem sempre tomam suas decisões sozinhas, são rivais e, por vezes, contam apenas consigo na difícil tomada de decisões deste sistema tão complexo.

Neste ambiente de anarquia do sistema internacional, as unidades políticas acumulam meios de se resguardar, buscando consolidar seus interesses. A imposição dos mesmos se desencadeia no afã de uma crise externa ou interna por meio da força ou por meio de estratégias costuradas premeditadamente.

Por outro lado, Hedley Bull, em sua obra “Sociedade Anárquica”¹⁵, conceitua o sistema de estados (ou sistema internacional) como a relação de dois ou mais estados que entre si criam contatos suficientes que resultem impactos nas suas decisões, na forma que se conduzam, em certa medida, até um ponto convergente e significativo para todos os envolvidos.

Partindo da análise de Aron e Bull, percebe-se que as ações estadunidenses para com a América no século XX tiveram momentos distintos e ao mesmo tempo inevitáveis. No caso Brasil e Estados Unidos, as relações comerciais significaram o vínculo preponderante entre os países. Conforme dados levantados por Monica Hirst¹⁶, no período que antecedeu a grande guerra, 38% das exportações brasileiras destinavam-se ao mercado estadunidense, ao passo que 1,5% das vendas externas dos Estados Unidos vinham para o Brasil. No decorrer do conflito e após ele, fazendo

¹⁴ ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as nações**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

¹⁵ BULL, Hedley. **A sociedade anárquica**. Brasília: Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

p.43.

¹⁶ HIRST, .op. cit., p.25.

um recorte entre 1914 e 1928, a participação estadunidense nas importações brasileiras aumentou de 14% para 26%.

Cristina Pecequilo¹⁷ relata que os Estados Unidos, entre 1919 e 1941, manifestaram um desejo de isolamento e afastamento do sistema internacional de Estados, preferindo uma política de não participação. Contudo, o mesmo não ocorreu com o sistema interamericano. Apesar da retração em função da crise de 1929, a nação estadunidense não deixou de lado sua política de liderança¹⁸ continental, buscando principalmente blindar o continente latino-americano de influências externas, ou melhor, europeias. O recorte escolhido pela autora reflete a ascensão econômica, no auge da produtividade, para suprir as necessidades dos países europeus devastados após a Primeira Guerra Mundial e posteriormente a queda brusca ocasionada pela já citada crise de 1929.

Entretanto, a partir de 1933, com o *New Deal*¹⁹ adotado pelo Governo Roosevelt, qual seria a intenção dos Estados Unidos para com a América Latina? Seria o temor aos Regimes Totalitários, em especial ao Nazismo, o fator determinante para a readequação da política externa estadunidense no continente? Seria a necessidade de expandir seus mercados consumidores? Qual o reflexo disso no Brasil e como a historiografia tratou o tema? De acordo com Lars Schoultz, a resposta para as questões é a seguinte:

¹⁷ PECEQUILO, op. cit., p.114.

¹⁸ Para entender a política de liderança continental norte-americana: **Doutrina Monroe**: Declaração da política externa dos Estados Unidos advertindo as potências europeias contra uma futura colonização do Novo Mundo e contra a intervenção dos governos do hemisfério americano; também negava qualquer intenção dos Estados Unidos de tomarem parte dos assuntos políticos da Europa. O motivo da doutrina, explicada na mensagem anual do presidente James Monroe para o Congresso em 1823, foram a ameaça de intervenção da Santa Aliança para restaurar as colônias sul-americanas da Espanha e a atitude hostil da Rússia na costa noroeste da América. A doutrina foi raras vezes invocada no século XIX, mas, depois do desenvolvimento dos interesses territoriais da América Central e no Caribe, tornou-se um princípio da política externa americana. Durante o início do Século XX, deu origem a uma política pela qual os Estados Unidos se consideravam responsáveis pela segurança das Américas do Norte e do Sul: isso complicou de forma constante as relações com países da América Latina. Cf. WRIGHT, Edmund. Doutrina Monroe. In: WRIGHT, Edmund **Dicionário de história do Mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.234. **Guerra Hispano-Americana** (1898) Conflito entre Espanha e Estados Unidos: Teve suas raízes na luta pela independência de Cuba e nas ambições econômicas e imperialistas dos Estados Unidos. Cf. WRIGHT, Edmund. Guerra Hispano-Americana. In: WRIGHT, op. cit., p.329.

¹⁹ *New Deal* ("Novo Acordo", na tradução literal para o português). O programa de Franklin D. Roosevelt (1933-1938), no qual tentou salvar a economia dos Estados Unidos e acabar com a Grande Depressão. Cf. WRIGHT, Edmund. *New Deal*. In: WRIGHT, op. cit., p.540.

Então, a geração do Big Stick “Grande Porrete” de Theodore Roosevelt começou a institucionalizar este controle criando organizações formais para canalizar o relacionamento EUA-América Latina. Processo que continuou durante a Depressão, e nos períodos da Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, quando uma panóplia de burocracias permanentes foi criada para promover os interesses econômicos dos EUA e proteger sua segurança. É verdade, como argumentaria uma pessoa realista, que a hegemonia de hoje é o produto natural de esforços para proteger esses interesses, mas é também o produto de consideração para com os vizinhos que, devemos insistir, provavelmente permanecerão subdesenvolvidos a menos que os ajudemos.²⁰

Conforme Gerson Moura²¹, a década de 1930 foi marcada por esforços vigorosos por parte dos estadunidenses através de uma série de conferências interamericanas. O desejo dos Estados Unidos era “forjar” uma unidade que o colocasse como líder do continente. Com Roosevelt em cena, a Conferência de Buenos Aires em 1936 resultou na criação de um mecanismo de consulta entre os países envolvidos para tomada de decisões críticas no caso de ameaça do continente. Na Conferência de Lima, em 1938, Roosevelt decidiu ampliar o sistema de consulta e ainda recomendou o estabelecimento de um acordo de segurança continental, porém houve forte oposição dos argentinos em função da ideia de aliança militar, o que fatalmente limitaria a liberdade de ação dos latino-americanos.

Ocorreram mais dois encontros importantes. Em 1939, a primeira reunião dos Ministros de Relações Exteriores da América, que teve como principal resultado a neutralidade do continente, estendendo a mesma às águas territoriais. Roosevelt saiu fortalecido e, conforme Gerson Moura, reforça essa posição neutra com fins de apoio à Inglaterra.

Por fim, em 1940, houve a Conferência de Havana na qual foi reforçado o princípio de neutralidade, além da decisão de que qualquer tentativa de violação de soberania independente do país latino-americano por parte de qualquer país de fora do continente seria considerado um ato de agressão contra todos os países latino-americanos. Claramente, a neutralidade de Roosevelt, na concepção de Gerson Moura, era uma estratégia anti-Eixo e a oportunidade dos Estados Unidos de se consolidar como grande potência perante o rival que tinha objetivos muito parecidos.

²⁰ SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos: poder e submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina**. São Paulo: EDUSC, 2000. p.13.

²¹ MOURA, Gerson. **Estados Unidos e América Latina**. São Paulo: Contexto, 1990. p.31-34.

A interpretação um pouco mais atualizada, encontrada no artigo “Olhares sobre a política de boa vizinhança (1933-1945)²²”, relembra que, no decorrer de 1928 a 1933, seria impossível prever a real noção das intenções de Hitler, lembrando que, obviamente, seus discursos eram diretamente claros quanto aos propósitos da ideologia nazista. Todavia, a Alemanha possuía sérias limitações militares em função das normativas do Tratado de Versalhes. Assim sendo, a aproximação dos Estados Unidos com a América Latina não seria em função única e exclusivamente fruto do temor ao Nazismo.

O artigo de Alves Jr ainda propõe uma visão panorâmica das transformações da política externa estadunidense no decorrer do período entre guerras, não muito diferente do que já foi visto por aqui. Entende-se que a dinâmica de um processo como esse deve invariavelmente partir de uma pesquisa centralizada nas fontes produzidas pelas agências e organismos de diplomacia e inteligência, ou então de outros subsídios além dos habituais manuais de imperialismo²³ que cercam as análises sobre o tema. A questão *sine qua non* para toda e qualquer pesquisa é sua viabilidade, para que paulatinamente possa-se construir uma argumentação embasada em processos ordenados e direcionados à elucidação do objeto em análise.

As citadas transformações da política externa estadunidense são compostas por inúmeros fatores, dos quais podem ser reconstituídos através das ações de suas agências e órgãos pelo continente latino-americano. Nessa reconstituição, seria importante revisitar alguns conceitos estabelecidos, consolidados apenas pela visão econômica e política. Dessa forma, a ideia seria buscar nas estruturas conjecturais, problematizadas pela historiografia sobre o tema, espaços que possam ser oxigenados sobre o viés sociocultural, com objetivo de expressar qualitativamente a interpretação do tecido social como parte do processo histórico.

Sendo assim, tendo como base as fontes do ICBNA como exemplo, torna-se possível cruzá-las com fontes oficiais disponibilizadas por ambos os governos para fugir das generalizações em que apenas as relações comerciais e diplomáticas são analisadas de cima pra baixo. Dentro desse escopo de análise, as relações

²² ALVES JR., op. cit., p.2.

²³ A política de estender a influência e o domínio, sobretudo econômico, de um país sobre os Estados menos poderosos. O imperialismo geralmente assumiu uma superioridade racial, intelectual e espiritual da parte dos recém-chegados. Cf. WRIGHT, Edmund. Imperialismo. In: WRIGHT, op. cit., p.381.

diplomáticas e sua produção documental, aliadas às transformações das sociedades envolvidas, são um caminho a ser percorrido por aqueles que desejam apresentar alternativa de interpretação da política externa estadunidense.

Ainda que a noção de Política de Boa Vizinhança (PBV)²⁴ revele na grande maioria das obras poucas variações, o termo descreve política externa estadunidense focada na América Latina entre 1933 e 1945 como o período em que Franklin Delano Roosevelt atua à frente da nação estadunidense. Por esse motivo, não é intenção deste trabalho fazer um levantamento historiográfico, em que as ações do Governo Roosevelt no sentido Estados Unidos – América Latina sejam destacadas, mas sim, o contrário, destacando ações da América Latina para os Estados Unidos, uma vez que as ações dos consulados e embaixadas não se mostram alinhadas com o que é descrito na historiografia.

Por que não inverter a lógica do pensamento atual? Por que não pensar na estruturação do verdadeiro esqueleto da PBV através dos agentes estadunidenses alocados na América Latina? A hipótese teria como base as três décadas de representantes norte-americanos, fornecendo todas as informações necessárias para que os demais órgãos do governo pudessem agir e executar um roteiro. Com isso, diferentemente do que é comumente citado na historiografia, Roosevelt teria recebido exatamente todos os anseios dos latino-americanos, com suas peculiaridades e vulnerabilidades previamente analisadas. Assim sendo, as estratégias teriam sido construídas por ambas as partes, não apenas pela cúpula do governo norte-americano, com Roosevelt sendo o protagonista.

Conforme as fontes do ICBNA e dos demais centros binacionais, a ação consular manteve relações com as elites das principais capitais latino-americanas desde 1928, o que leva a crer na execução de uma estratégia de longa data, antes mesmo de Roosevelt assumir o poder. Porém, essa hipótese não será o suficiente para

²⁴ Implementada durante os governos de Franklin Delano Roosevelt, nos Estados Unidos (1933 a 1945), a chamada Política de Boa Vizinhança tornou-se a estratégia de relacionamento com a América Latina no período. Sua principal característica foi o abandono da prática intervencionista que prevalecera nas relações dos Estados Unidos com a América Latina desde o final do século XIX. A partir de então, adotou-se a negociação diplomática e a colaboração econômica e militar com o objetivo de impedir a influência europeia na região, manter a estabilidade política no continente e assegurar a liderança norte-americana no hemisfério ocidental. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/produção/dossies/AEraVargas1/anos3037/RelacoesInternacionais/BoaVizinhanca>. Acesso em 15 de outubro de 2012.

que se possa presumir qualquer afirmação, muito pelo contrário, se em solo brasileiro foram criados centros binacionais de norte a sul, na América não foi diferente. Nesse sentido, é conflitante pensar que a PBV, conceituada atualmente como incipiente no início da década de 1930, definiu todas as ações na América Latina.

Cristina Pecequilo²⁵ afirma que, até a década de 1930, a política hemisférica estadunidense foi totalmente embasada nos princípios da antiga *Doutrina Monroe*²⁶, somadas as orientações do Corolário Roosevelt, período marcado por um forte intervencionismo estadunidense no continente. Embora, nesse período, fosse determinante para o governo estadunidense a presença e a influência no território latino-americano para garantir seus interesses, principalmente econômicos, e mesmo que, em muitos casos, tal presença contrariasse os princípios wilsonianos da autodeterminação dos povos²⁷, percebe-se uma contradição, alguns detalhes que de certa forma apresentam um processo de transformação, um novo horizonte que se abria.

Em uma interessante contradição de seu próprio conteúdo, para promover o princípio da autodeterminação nas Américas, era preciso primeiro que se espalhasse pelo continente a democracia e os valores norte-americanos por meio de intervenções feitas pelos Estados Unidos, como de fato ocorreu na época. Ou seja, até chegar à autodeterminação, os países da América Latina teriam ainda que passar pela implementação, vinda de fora, da experiência norte-americana, que lhes permitiria, posteriormente, atingir a liberdade.²⁸

Cristina Pecequilo referencia que as intervenções norte-americanas acabaram tornando-se contraproducentes e onerosas em certa medida, em função da interação de três aspectos: a crise de 1929 e as devastadoras consequências na economia global, responsáveis pela redução de sua capacidade de projeção sobre o continente latino-americano. Cita também a instabilidade política na Europa, com todas suas

²⁵ PECEQUILO, op. cit., p.116.

²⁶ Durante o século XIX, o Pan-Americanismo foi o norte aliancista dos países do continente. Dois projetos se destacaram: o monroísmo e bolivarianismo.

²⁷ O Princípio da Autodeterminação dos Povos, em termos bastante simples, é aquele que garante ao povo de qualquer país o direito de se autogovernar e escolher o seu próprio destino sem interferências externas. Juntamente com o propósito de desenvolver relações amistosas entre as nações, baseadas no respeito ao princípio de igualdade de direitos e ao fortalecimento da paz universal, ele foi inserido definitivamente no âmbito do direito internacional e diplomático com a ratificação da Carta das Nações Unidas em 1945, depois do fim da Segunda Guerra Mundial, estando previsto em nossa Constituição Federal em seu art. 4º, II. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2011/03/488913.shtml>. Acesso em 15 de outubro de 2012.

²⁸ PECEQUILO, op. cit., p.116.

peculiaridades: crise nas democracias, ascensão dos regimes nazifascistas e o imediato confronto mundial. Por fim, menciona a complexa configuração dos países latino-americanos, insatisfeitos com o intervencionismo paternalista e clientelista norte-americano.

Considerando os efeitos devastadores da crise de 1929 no âmbito econômico e seus desdobramentos no mundo, incluindo o cenário belicoso que se constituía, quais seriam as orientações do governo estadunidense para seus agentes espalhados pela América Latina? Estariam estes aguardando orientações de “cima para baixo”, imóveis? Ou articulando, melhor, aproveitando o crescente interesse dos sul-americanos em incorporar uma cultura que representava modernização e progresso, como era comumente propagado, para que através dela fosse possível reequilibrar a economia estadunidense?

Nessa organização de fatos e acontecimentos, pode-se pensar que os consulados teriam executado um papel diferente do apresentado na historiografia. Nessa hipótese, Franklin Delano Roosevelt teria em mãos um estudo minucioso, executado e direcionado à América Latina, apontando as vulnerabilidades e os pontos de interesse para a nação norte-americana. De posse de tal estudo, Roosevelt, ao assumir, teve condições de realizar ações emblemáticas, com um discurso preciso que marcasse o período de transição da antiga política estadunidense para a nova postura, embasada na ação de seus cônsules, ou melhor, na construção prévia do que viria a ser a PBV em seu governo.

A Política de Boa Vizinhança (PBV/*Good Neighbour Policy*) representou uma mudança abrupta na política norte-americana, começando pela retirada das tropas que ainda estavam no continente, o abandono das intervenções armadas e interferências políticas e econômicas, seguindo-se a instalação de um processo de consulta e cooperação que passava a reconhecer a América Latina e suas nações como soberanas e parceiras igualitárias dos Estados Unidos.²⁹

Nesse sentido, entre 1930 e 1933, pode-se apresentar um processo de gestação da PBV, diferentemente do que encontramos na historiografia. A antecipação das ações mencionadas sempre a partir de 1940 pode ter ocorrido, como ficará evidente no segundo capítulo, citando o caso brasileiro, com a criação do primeiro centro binacional estadunidense, fundado na capital brasileira da época, Rio de Janeiro,

²⁹ PECEQUILLO, op. cit., p.117.

já em 1937, porém, desde 1931, sendo planejado com ajuda do *Institute of International Education de Nova York*³⁰, já consolidado em território nacional.

Em 1931, o professor norte-americano Stephen Duggan, diretor do *Institute of International Education de Nova York*, fez uma viagem de estudo por diversos países da América Latina e percebeu a importância de aumentar as relações entre esses países e os Estados Unidos. O primeiro passo foi criar uma associação de caráter binacional especializada em difundir a cultura norte-americana e, principalmente, ensinar o idioma inglês. O Instituto Brasil – Estados Unidos (IBEU) foi fundado no dia 13 de janeiro de 1937 em uma assembleia que contou com a presença de centenas de pessoas na sala de conferências do Palácio Itamarati.³¹

Ao que tudo indica, entre 1933 e 1937, período de fundação do primeiro centro binacional no Brasil, o governo Roosevelt já possuía um estudo direcionado para que a inserção cultural norte-americana na América Latina fosse expandida, embora não se tenha referências bibliográficas sobre o tema, pelo menos no Brasil, apenas fontes primárias.

Paralelo à criação dos centros binacionais, segundo Clodoaldo Bueno³², a década de 1930 foi o período em que o Brasil foi alvo de disputas comerciais entre Alemanha e Estados Unidos. O autor cita que a posição norte-americana foi ameaçada a partir de 1934, inclusive com o crescimento das exportações brasileiras de 9,0% para 25,0% com a Alemanha. Nesse sentido, percebe-se que o período não pode ser apenas interpretado do ponto de vista econômico, pois, com a criação dos centros, evidencia-se que a questão sociocultural esteve em constante transformação.

Por esse motivo, utiliza-se neste trabalho o estudo de caso do ICBNA e algumas referências dos primeiros centros fundados no Brasil, entretanto tem-se conhecimento de outras instituições, espalhadas pela América Latina, em sua grande maioria fundada nas décadas posteriores ao período citado, conforme o mapa abaixo (figura 01):

³⁰ IIE foi criado em 1919, no rescaldo da Primeira Guerra Mundial, pelos vencedores do Prêmio Nobel da Paz Nicholas Murray Butler, presidente da Universidade de Columbia, e Elihu Root, o ex-secretário de Estado, e por Stephen Duggan, sr. professor de Ciência Política na Faculdade da Cidade de Nova York e primeiro presidente do IIE. Eles acreditavam que não poderíamos alcançar a paz duradoura sem uma maior compreensão entre nações e que o intercâmbio educacional internacional formava a base mais forte para promover tal entendimento. Disponível em: <http://www.iie.org/>. Acesso em 23 de fevereiro de 2014.

³¹ Disponível em: <http://www.ibeu.org.br/por-que-ibeu/historia/>. Acesso em 20 de fevereiro de 2014.

³² BUENO; CERVO, op. cit., p.273.



Figura 01: Mapa da Associação dos Centros Binacionais da América Latina ³³

Conforme a lista atualizada da *Association of Binational Centers of Latin America*, a distribuição de centros binacionais nas Américas é a seguinte: Bolívia: 56 centros; Peru: 40 centros; Brasil: 30 centros; Colômbia: 24 centros; Estados Unidos: 16 centros; Chile: 15 centros; Argentina: 13 centros; Equador: 12 centros; Venezuela: 10 centros; México: 10 centros; República Dominicana: 8 centros; Costa Rica 6 centros; Uruguai: 5 centros; Guatemala: 5 centros; Honduras: 5 centros; Haiti: 2 centros; El Salvador: 2 centros; Inglaterra: 1 centro; Suriname: 1 centro; Antígua e Barbuda: 1 centro; Nicarágua: 1 centro e Dominica: 1 centro.

³³ Disponível em: <http://www.ablaonline.org/bnc>. Acesso em 20 de fevereiro de 2013.

Dos centros pesquisados, a primeira instituição definida como centro binacional estadunidense na América Latina, localizada na Argentina, na capital Buenos Aires, foi fundada em 1927. Período em que Herbert Hoover ainda estava à frente da presidência dos Estados Unidos e inicialmente pensava em estreitar as relações com a América Latina.

O Instituto Cultural Argentino Norte Americano, ICANA, é uma instituição privada sem fins lucrativos, criado e dirigido por argentinos, cujo principal objetivo é promover o intercâmbio cultural e educacional entre os povos da Argentina e dos Estados Unidos. ICANA foi fundado em 1927. Desde então, sua evolução crescente permite-lhe manter uma posição forte no contexto da educação.³⁴

O segundo centro encontrado foi o Instituto Cultural Peruano Norte-Americano³⁵, fundado no Peru, na capital Lima, em 02 de junho de 1938. Com uma história muito parecida com o ICBNA, foi idealizado por um grupo de intelectuais peruanos e alguns estadunidenses, que tinham como interesse o intercâmbio cultural entre os dois países.

Com características muito parecidas, os demais centros começaram a ser fundados na América Latina na década de 1930, como, por exemplo, o terceiro centro, fundado no Chile, na capital Santiago, no dia 02 de novembro de 1938, mesmo ano de fundação do ICBNA.

O Instituto Chileno Norte-Americano (ICNA) é uma empresa privada, fundada em 24 de novembro de 1938. Nossa missão é fomentar o ensino do inglês como uma ferramenta fundamental para o mundo de hoje, constituindo uma habilidade comunicativa de valor universal. Queremos ser um centro educacional e cultural, participante, ativo e dinamizador do processo de desenvolvimento, a partir da interação da cultura chilena e norte-americana em suas várias formas, garantindo cada vez mais um profundo conhecimento dos valores representativos de ambos os povos.³⁶

Os demais centros foram fundados na Bolívia, Colômbia e Equador, todos no decorrer da década de 1950, com as mesmas características dos demais e com processos de formação tardios. Os centros multiplicaram-se não apenas pela América do Sul, como pela América Central e pela América do Norte por mais de sete décadas.

³⁴ Disponível em: <http://www.icana.org.ar/indexInstitucional.php>. Acesso em 20 de fevereiro de 2013.

³⁵ Mais informações acessem: http://www.icpna.edu.pe/contenido.aspx?cod=9&cod_1=6

³⁶ Disponível em: <http://www.norteamericano.cl/index.php>. Acesso em 20 de fevereiro de 2013.

Certamente, não se pode julgar o processo de implementação dos centros binacionais sem uma análise mais aprofundada, preferencialmente comparando os processos de fundação e os responsáveis pelos mesmos, buscando indícios que levem até as articulações dos consulados e embaixadas. Porém, não se pode deixar de lado a hipótese de todos terem sido parte integrante da ação estadunidense para a implementação da PBV, na qual os agentes, a exemplo do ICBNA, foram responsáveis pelas articulações no processo de fundação dos mesmos e nas relações com as embaixadas estadunidenses.

Ao que tudo indica, no fim da década de 1930, com o crescimento das ações da Alemanha nazista, houve um processo de ampliação da PBV, através dos centros binacionais, estrategicamente posicionados nas grandes capitais dos países da América Latina. Os exemplos citados são um forte indicativo desta estratégia, o que corrobora a ideia deste capítulo de que a articulação norte-americana possa ter sido planejada por suas agências governamentais e consulados no continente.

Nesse sentido, pode-se pensar numa etapa anterior de testes na América Latina e por que não dizer de ações ainda não mencionadas na historiografia. Com essa interpretação, os agentes governamentais e consulares estadunidenses possibilitaram a construção da PBV entre o fim da década de 1920 e os primeiros anos da década de 1930, considerando a fundação do primeiro centro na Argentina.

Dessa forma, no decorrer do Governo Roosevelt, a interpretação dos resultados obtidos foi focada no fortalecimento sociocultural e econômico norte-americano, tendo como base os estragos causados pela crise de 1929 e os caminhos para superá-los. Com isso, a visão proposta nesta pesquisa busca incorporar o estudo das ações consulares nas análises como um dos elementos fundamentais para a supracitada “americanização” dos países latino-americanos.

O estudo das ações consulares e seu vínculo com a formação dos centros binacionais colocaria em xeque afirmações generalizantes e mudaria o foco de análise para documentação diplomática entre os países da América Latina e os Estados Unidos. Busca-se analisar a política externa estadunidense tendo por base uma estrutura fragmentada e não uniforme como a historiografia apresenta. Entende-se que há enorme necessidade de ampliar o olhar historiográfico para as peculiaridades de cada país e seu respectivo tecido sociocultural. Se, após várias décadas de pesquisa

sobre o tema, tais centros, juntamente com as articulações dos consulados, ficaram ausentes da historiografia, como não afirmar que o tema tem sido tratado de maneira generalizante ou, no mínimo, sem contemplar todas as possibilidades evidentes no processo?

1.2 Estado Novo e *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*:

Os centros binacionais no Brasil foram criados num período político de intensa repressão e centralização da máquina pública, processo concentrado na figura do ditador “estado-novista” Getúlio Vargas. Geralmente, as explicações sobre o período contemplam as questões econômicas, políticas e sociais, bem como a equidistância pragmática³⁷ assumida por Vargas no campo das relações exteriores com as grandes potências. Entretanto, a historiografia do período não menciona o processo de criação dos centros binacionais e tampouco faz referência à ação dos representantes estadunidenses em território brasileiro, antecipando o que mais tarde seria a chamada “americanização” do Brasil.

O Estado Novo perseguiu, prendeu, torturou, forçou ao exílio intelectuais e políticos, sobretudo de esquerda e alguns liberais. Mas não adotou uma atitude de perseguições indiscriminadas. Seus dirigentes perceberam a importância de atrair setores letrados a seu serviço. Católicos, integralistas autoritários, esquerdistas disfarçados vieram ocupar os cargos e aceitar vantagens que o regime oferecia.³⁸

Uma das obras mais conhecidas de Gerson Moura³⁹ – “O tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana” – descreve o processo de inserção da cultura estadunidense no Brasil, iniciada no decorrer do Estado Novo. Segundo o autor, o *american way of life* (estilo de vida americano) estava se enraizando na sociedade brasileira conforme um bem engendrado “plano de conquista” ou “dominação” cultural.

O tal plano seria uma estratégia de cooperação para enfrentar a ameaça nazista, tendo como principal mote a difusão dos “valores pan-americanos”, exaustivamente mencionados em todas as conferências interamericanas promovidas no

³⁷ Refere-se às relações que o Brasil mantinha simultaneamente com os dois novos eixos de poder em ascensão no mundo, Estados Unidos e Alemanha. Cf. MOURA, 1980, p.103

³⁸ FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

³⁹ MOURA, op. cit., 1984.

decorrer do período entre guerras. A visão de Moura tem continuidade, porém ampliada, até certo ponto, na interpretação do historiador Antonio Pedro Tota, na já citada obra “O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra Mundial”⁴⁰. A pintura que ilustra (figura 02) a capa da obra de Tota é o registro da visita do presidente estadunidense na base americana, ou melhor, estadunidense em Natal, no Rio Grande do Norte, conhecida como Paramirim Field em 1943.

Numa fotografia tirada no Rio Grande do Norte em Janeiro de 1943, quando voltava da Conferência de Casablanca, o presidente Roosevelt aparece sorrindo num jipe, de terno de linho branco e chapéu panamá, acompanhado por um Getúlio Vargas também sorridente e confiante. Uma nova imagem sedutora transmitida por Roosevelt aos Brasileiros. Nessa nova fase, o latino-americano até podia admitir ser representado como a parte feminina da América, mas não nos mesmos moldes que antes. Para o norte-americano, que vivia a moralidade informal do *New Deal*, a América Latina, representada por essa imagem feminina, passou a ser, no plano lúdico, um território liberado. Uma espécie de *Harlem* internacional.⁴¹

Aparentemente, conforme as interpretações do autor, a difusão cultural estadunidense está intrinsecamente ligada às ações de Roosevelt, não considerando o projeto executado anteriormente pelos consulados. Com a evidência dos centros binacionais, esta visão torna-se limitada e não contempla todos os aspectos do processo, a contar do recorte temporal sugerido pelo autor.

⁴⁰ TOTA, op. cit., 2000.

⁴¹ Idem, *Ibidem*, p.40.



Figura 02: Getúlio Vargas com Franklin Roosevelt, Jonas H. Ingram e outros na base aérea de Natal ⁴²

A imagem acima descreve bem o conteúdo do livro dando a impressão de que todo o processo de “americanização” da América Latina e, conseqüentemente do Brasil, ocorre de maneira intensa, paralela à Segunda Guerra Mundial, tanto que a imagem escolhida possui oficiais do exército de ambos os países, dando a impressão de consenso e apoio mútuos.

Nas duas obras citadas, tanto Moura, quanto Tota, apresentam um cenário de dominação cultural, amparados por referências econômicas, em que claramente os Estados Unidos “organizam” seus planos “imperialistas” em função da fragilidade do governo brasileiro, porém não mencionam a prévia articulação norte-americana entre as décadas de 1920 e 1930. Há uma menção na obra de Tota sobre a visita de Hebert Hoover⁴³, em dezembro de 1928, à América Latina, relatando que a Argentina manifestou pouco entusiasmo com a visita, inclusive com manifestações em Buenos Aires, certamente em função das diferenças de alinhamentos propostos pela diplomacia argentina e brasileira. Buenos Aires um ano antes fundava o 1º centro binacional estadunidense no continente latino-americano.

⁴² Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em 13 de dezembro de 2012.

⁴³ TOTA, op. cit., p.28.

Segundo Stefan Rinke, o envolvimento dos Estados Unidos com a América Latina possui alguns aspectos determinantes. Embora o autor não cite diretamente o Brasil, de certa forma descreve a ação de Vargas no período:

Os motivos econômicos foram cruciais para a política norte-americana de envolvimento da América Latina na aliança pan-americana contra regimes totalitários europeus. Esse plano foi apoiado por uma cultura política que visava à produção de filmes em Hollywood feitos especialmente para tal finalidade. As reações latino-americanas foram ambivalentes. A desconfiança e a rejeição do vizinho do norte da América permaneceram fortes. Muitos países manipularam o contraste entre os EUA e a Europa em proveito próprio, perseguindo interesses nacionais.⁴⁴

A dominação cultural citada por Moura e Tota no Brasil contrasta de maneira muito interessante com a afirmação de Rinke, pois, ao mesmo tempo, tem-se desconfiança e rejeição do vizinho do norte da América. Por outro lado, no caso brasileiro, tem-se um processo de dominação cultural. Não se discute a política imperialista estadunidense para América Latina, porém é preciso ressaltar as estratégias dos países latino-americanos e as ações dos consulados e agências governamentais norte-americanos e europeus.

Conforme as obras citadas, nascia, em agosto de 1940, a superagência de coordenação dos negócios interamericanos, sob a chefia de Nelson Rockefeller, chamada *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA)*. A iniciativa tinha foco diferente dos programas de cooperação estabelecidos ao longo do governo Roosevelt por estar diretamente conectada ao Conselho de Defesa Nacional dos Estados Unidos. O OCIAA possuía divisões de comunicações, de relações culturais, de saúde, comercial e financeira. Entende-se que tais ações, no momento, só poderão ser exemplificadas de acordo com o caso brasileiro, uma vez que no restante da América Latina seria necessário buscar uma análise detalhada de país por país, considerando todos os aspectos socioculturais e econômicos, fugindo de uma visão totalizante e generalista.

As divisões citadas continham seções específicas, tais como: rádio, cinema, imprensa; arte, música, literatura; problemas sanitários; exportação, transporte e

⁴⁴ RINKE, Stefan. **História da América Latina**: das culturas pré-colombianas até o presente. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p.114.

finanças. No decorrer de suas atividades, o OC/IAA tinha como parceiro o DIP⁴⁵, órgão estatal brasileiro responsável pelo suporte na direção e controle de projetos conjuntos, bem como base de sustentação das ações da superagência no Brasil.

O controle de comunicação e informação, segundo as obras de Moura e Tota, seguia o ritmo estadunidense, procurando propagar na imprensa brasileira notícias a favor dos Estados Unidos e, conseqüentemente, a divulgação da cultura brasileira em solo estadunidense. A influência do jornalismo estadunidense fez-se presente e ditou o ritmo dos veículos de comunicação brasileiros, com programas radiofônicos considerados pela população como muito sofisticados, bem como a divulgação das obras cinematográficas que encantavam os brasileiros numa fase de intensa turbulência nacional e mundial.

Mas é no Estado Novo, sem dúvida, que a simbiose do rádio com a política tem a sua maior expressão. Para forjar uma ideologia estado-novista aceitável pela população, o governo investe significativamente na área de radiofusão, através de patrocínios dos programas mais populares e dos artistas, já então transformados em ídolos. Além da hora do Brasil, que a partir de 1938 passa a ser obrigatoriamente transmitido para todo país, e da Rádio Nacional, o Estado Novo mantém mais uma emissora oficial, a Rádio Mauá, subordinada ao Ministério do Trabalho e autodenominada “a emissora do trabalho”, que popularizava a imagem de Vargas como benfeitor dos trabalhadores no Brasil.⁴⁶

No Brasil estado-novista, o rádio tornou-se um dos mais importantes instrumentos de propaganda estadunidense, e conseqüentemente, o povo brasileiro recebeu a “versão” dos acontecimentos da guerra de acordo com o OC/IAA sob os auspícios do DIP. Os programas radiofônicos possuíam transmissão direta dos Estados Unidos. Obviamente, além da cobertura da guerra, as transmissões divulgavam incessantemente a cultura estadunidense. Segundo Moura, a ideia era propor um

⁴⁵ A imprensa sofreu um severo controle por parte do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão cuja criação, em 1939, marcou a transformação da estrutura da comunicação de massa no país. A partir dele, até o final do século XX, a atividade regulatória, sempre centralizada no Poder Executivo federal, deixou de ter função exclusivamente técnica, assumindo um caráter político que incluiu, em vários momentos, a censura e a perseguição aos jornalistas, proprietários de órgãos de imprensa e concessionários de radiofusão. Cf. JAMBEIRO, Otto et.al. **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: EDUFRA, 2004. p.105.

⁴⁶ Idem, ibidem, p.112.

contraponto à propaganda de guerra nazista através de programas como "Família Borges", "Barão Eixo" ou "O Brasil na Guerra".⁴⁷

Porém, toda essa estratégia estadunidense confronta-se com algumas interpretações distintas sobre o processo de nacionalização do Estado Novo. Afinal de contas, se o período estado-novista fomentava a valorização da cultura brasileira de maneira intensiva através da imprensa, como, ao mesmo tempo, a inserção cultural estadunidense e fenômenos linguísticos de fusão entre as duas línguas se desenvolviam concomitantemente pelo mesmo veículo de comunicação?

O discurso nacionalista de Vargas ainda insistia na temática da imprensa, no sentido de estimular o "espírito de cooperação" com o governo, pois deveriam agir "sob as mesmas inspirações". Para isso, buscava aumentar o prestígio e a autoridade dos jornalistas, dotando a Associação Brasileira de Imprensa de sólido patrimônio e incrementando a indústria do papel para suprir as suas necessidades.⁴⁸

Neste ponto, surge outro aspecto que merece uma interpretação mais atenta. Os autores citados até o momento defendem a ideia da equidistância pragmática na esfera econômica. No campo da cultura, defendem o processo de dominação cultural estratégica, a partir da década de 1940, equivalente ao início da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, paralelo ao processo de fundação dos centros binacionais, tem-se a ideia de que todo o processo nacionalista do Estado Novo calcado em valores culturais direcionados ao nacionalismo não foi capaz de conter a inserção cultural estadunidense. Porém, não há como afirmar que tal fato apresente claro alinhamento brasileiro com os Estados Unidos, até porque havia relações com a Alemanha, estas comerciais, não ideológicas, pelo menos naquele momento.

A valorização da cultura nacional no decorrer do Estado Novo e a criação dos centros binacionais estadunidenses em território brasileiro podem ter vários sentidos, entretanto, não há como lançar mão de uma afirmação concreta, pois faltam subsídios

⁴⁷ No rádio, um dos mais importantes instrumentos de propaganda da guerra, o OCIAA apresentava programas transmitidos diretamente dos Estados Unidos ou por estações locais. Além de fazer a cobertura dos fatos relacionados ao andamento da guerra, as transmissões procuravam divulgar a cultura norte-americana e se contrapor à propaganda de guerra do Eixo em programas como "Família Borges", "Barão Eixo" ou "O Brasil na Guerra". Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/TioSam>. Acesso em 12 de outubro de 2012.

⁴⁸ CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. p.44.

que apontem o claro alinhamento com os Estados Unidos, e presumir tal aproximação durante o período entre guerras seria simplificar todo um processo carente de análises mais focadas na América Latina.

Conforme Roberto Gabini⁴⁹, a era Vargas foi marcada por discursos dúbios que por muitos momentos ameaçaram os Estados Unidos. Graças à ação conciliadora de Osvaldo Aranha, as relações com o vizinho do norte mantiveram-se numa crescente. Entretanto, as relações com o Eixo também foram conservadas em função das afinidades comerciais. O autor enfatiza que Vargas soube exaltar e preservar o Estado Novo enquanto regime político e, através desse argumento, equilibrou as relações mediante a opinião pública.

Outro indicativo, que se interpreta de forma diferente, diz respeito ao cinema no decorrer do Estado Novo. Comumente é propagado que assim como acontece nos dias de hoje, a grande maioria dos filmes da época, importados dos Estados Unidos, tinham conteúdo direcionado à difusão dos aspectos culturais e ideológicos estadunidenses, graças ao OCIAA e à alta colaboração de *Hollywood*.

Entretanto, havia um cuidado, uma espécie de censura, para que não fossem distribuídos na América Latina conteúdos relacionados à discriminação racial, marca das primeiras décadas nos Estados Unidos, bem como questões que revelassem uma suposta “superioridade estadunidense” com relação aos latino-americanos. Com isso, pode-se afirmar que houve uma seleção do que deveria ser absorvido ou não pelos latino-americanos. No entanto, estima-se que a recepção da cultura estadunidense na América Latina tenha suas peculiaridades em função da formação sociocultural dos diferentes países do continente.

Para americanizar o resto da América seria necessário um projeto mais simples. Alguns pontos formulados pelos intelectuais contestadores – crítica ao segregacionismo, a ideia de superioridade do branco protestante – foram sem dúvida incorporados, mas tão-somente para a consolidação de um modelo condenado pelos *outsiders*, isto é, para o enaltecimento da ideia de progresso material e a inserção dos países latino-americanos na esfera mercantilista do americanismo. Os *outsiders* foram, de certa forma, usados para realizar o projeto de americanização, pelo menos no plano das representações.⁵⁰

⁴⁹ GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo**. São Paulo: Ed.Símbolo, 1977. p.129-133.

⁵⁰ TOTA, op. cit., p.37.

Dessa forma, pelo menos no Brasil, pode-se sugerir que houve um processo diferenciado dos demais países da América Latina, no que diz respeito às representações da cultura estadunidense. Para promoção do clima de boa vizinhança e camaradagem mútua, a indústria *hollywoodiana* foi responsável pela criação de personagens que promovessem o sentimento de amizade recíproca entre os países envolvidos. No caso brasileiro, o papagaio Zé Carioca teve destaque na época e foi apresentado ao mundo no filme “Alô Amigos”⁵¹, como amigo e parceiro do Pato Donald, um exemplo evidente da estratégia PBV, consenso entre pesquisadores sobre o tema. Além do personagem brasileiro, outros foram surgindo pela América latina, conforme lembra Mariana Villaça:

Além de Zé Carioca outros personagens de Walt Disney, como o galo “mexicano” Panchito, ou o cavalo pampeano do Pateta (transformado oportunamente em gaúcho), bem como os curiosos documentários inseridos nas animações de Walt Disney, presentes em *Alô Amigos* (1942) ou o *The three caballeros* (1944), os cinejornais e várias outras produções cinematográficas oferecem um enorme arsenal de representações vinculadas à Política de Boa Vizinhança.⁵²

Um dos ataques mais fortes à indústria *Hollywoodiana*, mais especificamente ao “império” de Walt Disney, foi executada pela obra do Chileno Ariel Dorfman e do belga Armand Mattelart “Para Ler o Pato Donald”⁵³, que denunciava os personagens de Walt Disney como estereótipos que promoviam a propaganda imperialista norte-americana. A ausência de laços de família e as poucas relações interpessoais na opinião dos autores apresentavam o esquema perverso do imperialismo econômico estadunidense.

Em dezembro de 2001, numa entrevista para Alcino Leite Neto, da Folha em Paris, Armand Mattelart responde sobre o que ainda é válido no livro e o que precisaria ser revisto:

⁵¹ Disponível

em:

http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=2014:alo-amigos-uma-abordagem-da-politica-de-boua-vizinhanca&catid=13&Itemid=129. Acesso em 12 de outubro de 2012.

⁵² VILLAÇA, Mariana. Estados Unidos: “farol” e “polícia” da América Latina. In: MUNHOZ, Sidnei. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **Relações Brasil – Estados Unidos**: séculos XX e XXI. Maringá: Eduem, 2011. p.76.

⁵³. DORFMAN, Ariel. MATTELART, Armand. **Para ler o Pato Donald**: Comunicação de massa e colonialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

“Para Ler o Pato Donald” é um livro de circunstância. Era um panfleto, que escrevemos em condições muito particulares no Chile, ou seja, quando já havia três anos da Unidade Popular, o regime de Salvador Allende. Paralelamente à pesquisa de outros modelos de cultura de massas, de revistas para crianças, jovens e mulheres, nós elaboramos uma crítica dessa forma de expressão. Pois bem, apesar disso, eu creio que há uma coisa que ainda é válida no livro, que é o capítulo que fala sobre subdesenvolvidos e o bom selvagem. Ele mostra como os patos saem da metrópole e chegam em países que se chamam, por exemplo, Aztecland. São lugares que se pode identificar [no caso, o México], mesmo se tratando de ficção. E, nestes países, os personagens estabelecem sempre uma relação de dominação. Justifica-se o roubo das riquezas porque o bom selvagem não sabe o valor das coisas. A relação de dominação no mundo, entre centro e periferia, tal como a examinamos no livro, permanece válida⁵⁴.

Outro aspecto interessante citado nas obras pesquisadas remete à ação do OC/IAA na área da saúde, na qual atuou diretamente no controle da malária, promovendo treinamento de enfermeiras e educação médica. Conforme a interpretação de Gerson Moura, os programas aplicados pelo OC/IAA não tinham como principal objetivo político obter a aprovação da população para fins de estabelecimento de suas práticas em território nacional. Destinavam-se também a articular e organizar um possível estabelecimento do exército estadunidense no Brasil, beneficiando-se, obviamente, de materiais estratégicos existentes no país a serem fornecidos aos Estados Unidos. Supõe-se que tais questões estivessem sendo discutidas e presentes nas negociações de alinhamento brasileiro aos interesses estadunidenses e, conseqüentemente, à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

A estrutura do *Office* tornou-se muito mais complexa, com novas divisões e um crescimento no número de funcionários. Na verdade, a estrutura organizacional da agência mudaria constantemente, dependendo da conjuntura. Nos documentos, há pouca precisão na nomeação de cada unidade no interior da agência. Às vezes um setor é designado como seção; outras, como divisão; outras ainda, como departamento. De qualquer forma, a organização comandada por Nelson Rockefeller foi se transformando numa estrutura complexa, um emaranhado de subdivisões com sedes nos principais centros dos Estados Unidos e na maioria dos países da América Latina. O OC/IAA foi considerado uma das agências americanas mais bem preparadas na época da guerra.⁵⁵

⁵⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u19534.shtml>. Acesso em 01 de março de 2014.

⁵⁵ TOTA, op. cit., p.91.

Entende-se que, no decorrer do período entre guerras, no qual o Brasil foi governado por uma ditadura, criaram-se, premeditadamente, dois processos de amadurecimento e inserção dos interesses estadunidenses.

Por um lado, a ação de estudo e reconhecimento dos consulados, a criação dos centros binacionais e organização estratégica do que, a partir do mandato de Roosevelt, viria a ser a conhecida PBV. Paralelo a esse processo, ao final da década de 1930, a partir das intervenções do OC/IAA, houve um processo mais intensivo, no qual a inserção cultural dos Estados Unidos se materializou de maneira efetiva nos países latino-americanos, através de símbolos culturais, dentre os quais se pode citar Carmem Miranda, símbolo da cultura brasileira nos Estados Unidos, e o já citado Zé Carioca, figura que se baseou no arquétipo brasileiro. Conforme alguns pesquisadores da área e referenciados neste trabalho, cita-se a inserção cultural por intermédio de novos produtos, como por exemplo a Coca-Cola, que, conforme os autores Antonio Pedro Tota e Gerson Moura, tomou o lugar dos refrescos de frutas nos lares de classe média brasileira.

Entretanto, há de se discordar dos autores quando a interpretação sobre os resultados obtidos através da PBV os simplifica e generaliza, considerando que, apesar das resistências quanto à ação do OC/IAA, o mesmo conseguiu banir a “suposta” influência da Alemanha no Brasil e consolidar o discurso estadunidense de união entre as Américas, da solidariedade continental, encerrando suas atividades após o término da guerra, deixando os rumos das relações com o Brasil a cargo da Embaixada Estadunidense.

Com essa interpretação, percebe-se que os autores desconhecem a ação dos consulados no plano que originou a PBV. As ações da embaixada e as ações do OC/IAA nem sempre tiveram o mesmo foco e barganharam politicamente os espaços conquistados na América Latina. Nesse sentido, pode-se afirmar que as estratégias adotadas entre os dois segmentos não foi uniforme e houve uma competição bastante acirrada.

A partir de então, o embaixador Jefferson Caffery teve vários atritos com o pessoal do *Office*. Em especial com o próprio Rockefeller, quando visitou o Brasil, em 1942. Durante um almoço oferecido pela embaixada a políticos e homens de negócios brasileiros, Jefferson Caffery, o “embaixador das revoluções”, evitou, depois de ásperas conversas paralelas, que Nelson mencionasse seu projeto para a Amazônia, que se chocava diretamente com os interesses do Brasil. A partir daí, Nelson iniciou articulações para afastar Caffery de seu caminho, o que realmente aconteceu dois anos depois.⁵⁶

Um aspecto a ser considerado – e pertinente à interpretação do processo, refere-se à postura de Vargas em relação à criação dos centros binacionais. Se não existissem outros aspectos envolvidos no processo, poder-se-ia afirmar que não existiu nenhum tipo de inclinação ideológica de apoio à política nazista, em função da proibição do ensino de alemão em 1938⁵⁷, juntamente com as “facilidades” encontradas na fundação dos centros binacionais estadunidenses, pelo menos no caso brasileiro. Entretanto, segundo Maria Luiza Tucci Carneiro⁵⁸, desde o início do Estado Novo, Vargas procurou impedir a imigração dos judeus refugiados do nazismo. De acordo com a autora, o governo adotou uma política imigratória seletiva e restritiva.

As pesquisas sobre o tema não consideram as ações de Vargas, analisando todas as possibilidades socioculturais e socioeconômicas, colocando o Estado Novo como um período de “indefinição”, quando na verdade os aspectos citados demonstram, pelo menos no âmbito cultural, a posição de Vargas em simpatizar com a cultura estadunidense. Porém, nos aspectos econômico e militar, pelo menos no início do Estado Novo, essa simpatia era pelo alemão.

Prefere-se entender que não há indefinição, há claramente escolhas, no começo do Estado Novo, no meio e no fim. Obviamente, manter as relações comerciais com a Alemanha até 1942 foi uma estratégia arriscada, porém determinante para que o governo estadunidense incrementasse os investimentos em território brasileiro, e houvesse base suficiente para que o processo de industrialização desejado por Vargas fosse impulsionado. E se Vargas, ao contrário de tudo o que foi dito, tivesse um plano para tornar o Brasil uma potência mundial, usando Alemanha e Estados Unidos para alavancar tal projeção?

⁵⁶ TOTA, 2000, p.84.

⁵⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p.118.

⁵⁸ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Fascismo verde-amarelo. In: **História do Brasil para ocupados**: os mais importantes historiadores apresentam de um jeito original os episódios decisivos e os personagens fascinantes que fizeram o nosso país. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. p.181.

1.3 Vargas, Alemanha e Estados Unidos:

O “triângulo amoroso” entre Vargas, Alemanha e Estados Unidos provoca uma série de interpretações entre os autores referenciados na pesquisa, além dos diferentes pontos de vista sobre o período entre guerras e como o mesmo é comumente apresentado na historiografia. Certamente, existem muitas análises distintas, assim como a que segue nesta pesquisa. Entretanto, se a apresentação dos acontecimentos e fatos abrir um leque maior de possibilidades, talvez se possa encontrar novos indícios que reconstruam parte do processo ou apresentem uma visão menos generalista.

Até o momento, com a fundação dos centros binacionais na América Latina e Brasil, fica evidente que a política externa estadunidense foi retratada com um olhar de “cima pra baixo”, não considerando todos os fatores envolvidos na construção das premissas envolvidas nas relações dos países. Nesse sentido, entende-se que a simplificação das ações diplomáticas entre Alemanha, Brasil e Estados Unidos, direcionadas apenas à iminência da Segunda Grande Guerra, tenha sido o auge de todas as interpretações, não permitindo olhar a situação de “baixo pra cima”, partindo do ponto de vista do continente americano e suas peculiaridades.

Como já vimos no decorrer do texto, a inserção cultural estadunidense intensificou-se a partir da iminência do conflito, entretanto as instituições articuladas por associações e consulados estadunidenses começaram a surgir muito antes de Hitler tornar-se de fato o *führer* alemão. No caso brasileiro, discute-se o “jogo duplo de Vargas”, os riscos assumidos e até mesmo possíveis alinhamentos ideológicos com o nazismo. No entanto, propõe-se uma comparação arriscada, na qual Vargas poderia ter sido uma espécie de Goebbels no Brasil, com astúcia suficiente para articular boas relações internas e externas, usufruindo de seu populismo de massas e por que não dizer do demagogo discurso conciliatório no campo político, com desejo de elevar o Brasil como referência na América Latina. Contudo, o governo Vargas, no início do Estado Novo, promoveu uma espécie de fascismo verde-amarelo?

Por meio de ações preventivas e punitivas, o Governo Vargas sustentou uma política imigratória antissemita com o objetivo de garantir uma imigração saudável e civilizada. O discurso intolerante adotado pelos nacional-socialistas alemães foi adaptado à realidade brasileira, servindo como argumento político para impedir a entrada de imigrantes tidos como indesejáveis, entre estes os judeus, os negros e os japoneses. É importante lembrar que os refugiados judeus eram, em grande parte, profissionais liberais, comerciantes, intelectuais, artistas e ativistas políticos excluídos na sociedade alemã e dos países ameaçados de ocupação pelos nazistas desde 1933.⁵⁹

Provocações e divagações à parte, é preciso interpretar os fatos e tentar organizá-los suavemente no contexto histórico, desfrutando de todos os pormenores possíveis que venham a reconstruir uma ideia diferenciada do suposto “triângulo amoroso”, contemplando suas intenções nada inocentes. Para isso, é necessário, antes de tudo, fugir do que já está formalmente convencionado e conseqüentemente enraizado nas reflexões sobre o tema.

As interpretações sobre o período entre guerras apresentam uma Alemanha como ameaça iminente. Um astuto, meticuloso e imediatista Estados Unidos pressionando um Brasil inocente e necessitado, que se obriga a jogar com ambos os lados, porém decidindo seu futuro quase sem tempo, pressionado entre duas potências emergentes. Entretanto, se todos os indícios mencionados até aqui fossem interpretados com mais atenção, poder-se-ia dizer que a tão famosa e célebre “equidistância pragmática” apresentava tendências ao alinhamento com os Estados Unidos somente no âmbito cultural e educacional. Autores como Gambini, Tota e Moura entendem que, por tratar-se de uma ditadura, o governo Vargas aproximava-se e muito das ideias dos regimes autoritários europeus.

Dentre as nações do continente, o Brasil era o país que melhores condições apresentava para os projetos de expansão da influência alemã nas Américas devido à existência de colônias de imigrantes, cuja mobilização política serviu de apoio às negociações político-econômicas realizadas no plano diplomático.⁶⁰

Nesse jogo de xadrez, o então presidente Vargas, ao conceder espaços diferenciados para os Estados Unidos no campo cultural e educacional, como no caso dos centros binacionais, no decorrer da década de 1930, apresentaria uma inclinação ideológica com o governo estadunidense?

⁵⁹ CARNEIRO, op. cit., p.182.

⁶⁰ GAMBINI, op. cit., p.53.

A “equidistância pragmática” exigia um equilíbrio especial, tanto no plano externo como no plano interno. Externamente, tratava-se do equilíbrio mais abrangente de dois grandes sistemas de poder que emergiam no plano internacional. Internamente, dizia respeito aos diferentes grupos de interesse e seu acesso aos centros de decisão. Aos reajustes políticos internos que produziram o Estado Novo corresponderam movimentos do plano internacional que intensificaram a competição entre os dois sistemas emergentes e puseram em marcha novas pressões sobre a política externa brasileira, especialmente da parte do governo dos Estados Unidos, que procurou ganhar apoio mais decidido do Brasil.⁶¹

Pretende-se interpretar o período sob o ponto de vista das ações de análise executadas pela política externa estadunidense através dos consulados, não apenas com o interesse em conter a “temível” ameaça nazista em meados do século XX, mas também de expandir diversas instituições em território latino-americano, prevendo, em longo prazo, influência cultural suficiente para vantagens diversas, sejam econômicas e geopolíticas.

Não se compreende tais ações como dominação cultural, mas sim “influência”, para determinados setores, especificamente desenhados desde o início da década de 1930. Ora, o suposto imperialismo estadunidense pode perfeitamente ser interpretado como um processo natural de uma sociedade avançada, utilizando as armas que possui para “cooptar” sutilmente uma gama de países ainda “em desenvolvimento”.

Precisa-se do empenho governamental para articular em uma agência os interesses relativos ao desenvolvimento educacional, científico e cultural no hemisfério ocidental. Trata-se de homogeneizar formas de pensamento. Deve ser iniciada uma campanha para capturar a elite intelectual ibero-americana através do rádio, da televisão, de livros, de artigos e folhetos, de mais doações, bolsas de estudos e premiações. Consideração e reconhecimento são o que mais agrada aos intelectuais e um programa com essas características poderá atraí-los.⁶²

Neste processo complexo, no qual a historiografia entende que o imperialismo norte-americano foi imposto aos países menos desenvolvidos através de sua cultura, omite-se, por exemplo, os anseios socioculturais das elites latino-americanas. O poderio econômico e de circulação da grande potência que se consolidava no decorrer das três primeiras décadas foi difundido com ampla aceitação, como no caso do ICBNA em

⁶¹ MOURA, 1980, p.103.

⁶² PINSKY, Jaime. et al. **História da América através de textos**. 10.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p.139.

Porto Alegre. Embora boa parte do que foi produzido na historiografia apresenta a América Latina como um grande “quintal” explorado e usufruído pelos Estados Unidos, pode-se dizer que tal afirmativa não serve para todos os países, pois cada contexto social difere dos demais. Engessar a análise e igualar todo o processo histórico ocorrido no continente é ignorar as realidades de cada país.

Afirmar que a luta ideológica tornou-se lucrativa e garantiu certo controle sobre os movimentos simpatizantes ao Eixo que se formavam na América Latina, através da tradução e distribuição de diversas obras literárias e da “amigável” oferta de cooperação, apoio e parceria sempre ressaltada pelos estadunidenses, torna-se, no mínimo arriscada, uma vez que a partir de 1927, centros binacionais e demais associações já atuavam em território latino-americano, ou seja, a difusão cultural existia muito antes da ameaça do Eixo, como já foi constatado.

Entende-se que a ação de ampliar o foco na conquista de uma base intelectual nas sociedades latino-americanas concretizou-se na medida em que o OC/AA foi intensificando suas ações. Porém, anteriormente a isso, os consulados estruturaram o projeto com o propósito de facilitar a futura aproximação através do conhecimento e, paralelamente, com acordos comerciais.

Se a interpretação fugir do aspecto historiográfico, especificamente nesse período, pode-se trazer à tona alguns conceitos das relações internacionais, dos quais correspondem ao sistema de relações e fluxos internacionais, sejam eles políticos, econômicos, culturais, demográficos, militares, materiais ou imateriais, todos imbricados, conseqüentemente, nas ações entre dois ou mais indivíduos, grupos ou coletividade, notadamente os estados.⁶³

No caso do estudo sobre os centros binacionais espalhados em toda América Latina, compreender as ações estadunidenses através da documentação diplomática, incorporaria elementos fundamentais na interpretação do que foi realmente planejado ou do que foi puramente conjuntural e na evolução das negociações culturais, educacionais e econômicas.

Desta forma, compreende-se que a ausência dos centros binacionais na historiografia brasileira, representa uma mão única, esquecendo-se de problematizar as

⁶³ MARTINS, Estevão Chaves de Resende. História das Relações Internacionais. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier Universitária, 2011.

peculiaridades de cada país quanto às relações com os Estados Unidos, preferindo considerar as ações da América Latina de maneira uniforme, quando na verdade as evidências mostram uma colcha de retalhos que aumentam a gama de possibilidades e análises a serem incorporadas nas discussões sobre o tema.

Voltando ao “triângulo amoroso”, citado anteriormente, há outro aspecto interessante e bastante pertinente a ser considerado na reflexão sobre o período, referente à política externa brasileira, e por isso, mais uma vez reforça-se a ideia de navegar nas outras áreas que analisam o tema. Houve uma tentativa brasileira de reduzir sua vulnerabilidade econômica diante das pressões estadunidenses até meados de 1930. Nesta fase, o Brasil buscou aliar-se ao Reino Unido para não depender da economia estadunidense, porém, no decorrer do período entre guerras e com a proximidade da Segunda Guerra, foi impossível não ceder a tal poderio econômico, tendo início um longo período de hegemonia estadunidense na economia brasileira.⁶⁴

No início da era Vargas, há de se ressaltar o papel de Osvaldo Aranha como articulador das relações diplomáticas brasileiras. No período de controle da entrada de judeus e demais imigrantes no Brasil, de acordo com Maria Luiza Tucci Carneiro⁶⁵, coube ao Ministério das Relações Exteriores a emissão de circulares secretas que regulassem a entrada de imigrantes através da raça. A primeira delas (nº 1.127, de 07 de junho de 1937) teve autoria na gestão do ministro Mário de Pimentel Brandão, direcionada à organização do desordenado processo de imigração. A segunda circular emitida (nº 1.24, de 27 de setembro de 1938) tinha como meta disciplinar o fluxo de judeus indesejáveis sob os auspícios de Osvaldo Aranha que temia o “perigo judaico”.

Já em 1939, segundo Monica Hirst⁶⁶, a partir da missão do Chanceler Osvaldo Aranha a Washington, o chamado “jogo duplo” de Vargas iniciava sua contagem regressiva para o fim. Seria necessário abrir mão do comércio de compensações com a Alemanha para obter uma agenda fixa de negociações bilaterais que promovessem o desenvolvimento econômico brasileiro.

Nesse sentido, as análises historiográficas sobre o período, em que são consideradas apenas as ações entre Alemanha, Brasil e Estados Unidos, tiveram em

⁶⁴ ABREU, Marcelo Paiva. **O Brasil e a economia mundial 1930-1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

⁶⁵ CARNEIRO, op. cit., p.182.

⁶⁶ HIRST, op. cit., p.29.

Osvaldo Aranha um articulador que percebeu a necessidade de alinhamento com os Estados Unidos, tornando-se o principal elo de ligação entre Roosevelt e Vargas, pelo menos nos primeiros anos do Estado Novo.

Propaga-se que, através de uma bem engendrada política cultural, os Estados Unidos conseguiram, no decorrer de décadas, impor seus padrões culturais aos latino-americanos, conduzindo-os no sentido de reforçar a opção capitalista, logo consumista, desestimulando e enfraquecendo os nacionalismos. Entretanto, tal visão, considerando as evidências encontradas, parece subestimar, mais uma vez, a América Latina em sua totalidade e nas suas especificidades.

No caso brasileiro, em pleno Estado Novo, no período da valorização nacional, tal política cultural faria com que os centros binacionais, juntamente com suas ofertas de ensino de inglês, testes de proficiência e abertura de espaço para artistas, recebessem decretos de utilidade pública municipal e estadual, bem como reconhecimento e influência por parte das autoridades do governo sem que os mesmos percebessem?

E quanto ao nazismo? As colônias alemãs no sul do Brasil representavam perigo? A Ação Integralista Brasileira de Plínio Salgado estava em ascensão? Para René Gertz⁶⁷, no Sul do Brasil, a AIB fez sucesso entre alemães e italianos, mas estava longe da adesão às ideias de Mussolini e Hitler, até porque a ditadura de Vargas e o nacionalismo suplantavam qualquer ideologia. Conforme o autor, isso não significa dizer que não houve espionagem nazista e adeptos ao partido, mas nada que significasse o “perigo alemão”. Porém, o mesmo questiona se a Alemanha tinha controle absoluto sobre alemães e seus descendentes.

Certamente, o imaginário brasileiro, em meio a todo esse processo, passou a seguir alguns padrões oriundos de uma cultura estrangeira, com a incipiente exigência de domínio do inglês, conhecimento da cultura, ou melhor, a ideia de sofisticação e, principalmente, o anseio de possuir testes de proficiência, o que seria um diferencial para concorrer a bolsas de estudo no exterior. Porém, esse processo não foi iminente, mas se arrastou por mais de cinquenta anos como será apresentado no terceiro capítulo.

⁶⁷ GERTZ, René. Nazismo tropical. In **História do Brasil para ocupados**: os mais importantes historiadores apresentam de um jeito original os episódios decisivos e os personagens fascinantes que fizeram o nosso país. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. p.187.

Como foi visto neste capítulo, o discurso oficial estadunidense, desde o início da década de 1930, tinha como meta promover sua cultura, pois a nação vivia uma fase criativa de ascensão intelectual, assim como a econômica, e por que não combinar o útil ao agradável, incentivando uma verdadeira fusão de culturas que significaria bons rendimentos econômicos?

Para tais reflexões, constata-se que a cultura é um eficaz instrumento de dominação, e a sua manipulação é uma arma poderosa na mão do poder estabelecido. Com isso, fica evidente que a cultura é, em parte, construída conforme a necessidade humana, mas também por interesse dos que estão no controle ou, por vezes, os dois casos. No exemplo brasileiro, durante o Estado Novo, identifica-se a cultura como uma importante ferramenta nas mãos do ditador Getúlio Vargas.

Cultura tornou-se um problema no mundo de hoje. Os antropólogos definem cultura tradicionalmente como “o modo de vida de um povo”; usando essa definição podemos falar de “cultura navajo”, “cultura americana”, “cultura chinesa”. Mas, tais rótulos, no mundo atual de fluxos e interações globais, realmente fazem algum sentido? Há, de fato, algo como a cultura americana, japonesa ou chinesa que defina todos os americanos, japoneses, chineses em comum em contraposição a não-americanos, não-japoneses, não-chineses? Se não, deveríamos então descartar o termo “cultura”?⁶⁸

Acredita-se que o processo de inserção da cultura estadunidense foi discutido sem considerar a interpretação dos intelectuais da época, seus interesses e aspirações, não apontando fatores que levam a uma compreensão mais abrangente sobre o processo e suas dimensões socioculturais na época. Dessa forma, percebe-se uma falha na análise da política externa estadunidense, pois faltou a sensibilidade de buscar respostas na diversidade cultural e documental existente na América Latina. Manter o foco no discurso de Roosevelt pode ter desviado a atenção dos pesquisadores e consolidado as mesmas conclusões sobre a Política de Boa Vizinhança: dominação cultural, imperialismo, ascensão dos regimes totalitários e necessidade de desenvolvimento do Brasil. Será que foi essa a estratégia dos Estados Unidos? Será que as fontes diplomáticas, consulados e embaixadas não possuem subsídios que podem mudar o rumo das atuais interpretações?

⁶⁸ MATHEWS, Gordon. **Cultura Global e Identidade individual**: à procura de um lar no supermercado cultural. São Paulo: EDUSC, 2002. p.15.

2. O HISTÓRICO INSTITUCIONAL, A MÃO ÚNICA E A SUPOSTA CONQUISTA INTELECTUAL: UM BREVE RELATO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO E AS PRIMEIRAS DÉCADAS DO ICBNA

A proposta do capítulo é revisitar a documentação institucional, navegando nas ideias dos intelectuais que, nas décadas de 1930 e 1940, alavancaram o crescimento do ICBNA, tornando-o uma instituição de referência intelectual na época e, posteriormente, um difusor cultural. Nesse sentido, primordialmente, por se tratar de uma instituição ainda não analisada na historiografia, a questão cerne deste trabalho é trazer à tona a história do ICBNA, não de maneira romanceada como foi a proposta do Livro Digital⁶⁹, mas propondo algumas provocações ou estimulando reflexões para que, posteriormente, novas análises sejam elaboradas e novas discussões surjam no contexto da inserção cultural estadunidense.

Acredita-se que um trabalho de história não possa fugir inicialmente de um cuidadoso trabalho com fontes primárias. É preciso ir, de fato, até as fontes, examiná-las, problematizá-las e, então, criar interpretações e questionamentos. A partir disso, a historiografia se oxigena e, conseqüentemente, as aplicações teóricas da história se perpetuam ou se renovam. Eis o grande desafio do historiador: inovar.

As pesquisas geralmente seguem um protocolo, um ritmo determinado pela academia. Entretanto, o que parece muitas vezes óbvio, necessita invariavelmente ser questionado. Como por exemplo, o passado e a história. Na concepção de Keith Jenkins⁷⁰, a história, embora seja um discurso sobre o passado, está numa categoria diferente do dele. Nesse sentido, a pesquisa que segue pretende respeitar essa distinção e compreende as conseqüências desse processo.

No caso de um tema que ainda não foi tratado pela historiografia, como o estudo dos centros binacionais, não há como fugir de uma construção através das fontes primárias. Como não exercer o que Marc Bloch⁷¹ sabiamente definiu como título de sua obra primorosa: *apologia da história ou o ofício de historiador*.

⁶⁹ Disponível em: <http://www.cultural.org.br/Livro70anos/Default.htm>. Acesso em 10 de outubro de 2012.

⁷⁰ JENKINS, Keith. op. cit., p.24

⁷¹ BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Na produção historiográfica referente ao processo de inserção cultural estadunidense, os centros binacionais não são citados, porém, se desviarmos o foco para o ensino de línguas no Brasil, encontram-se algumas referências, como na Revista História do Ensino de Línguas do Brasil do Programa de Pós-Graduação em linguística Aplicada da Universidade de Brasília⁷². Como já foi mencionado no primeiro capítulo, o primeiro centro binacional fundado no Brasil foi o Centro Binacional Brasil - Estados Unidos - IBEU⁷³, sendo inaugurado no Rio de Janeiro, então capital da República, em 13 de Janeiro de 1937. Conforme informa o site da instituição e a autora do artigo, Margarete Nogueira, a ideia da criação de uma entidade cultural binacional tinha sido lançada seis anos antes, em 1931, pelo professor Stephen Duggan, do *Institute of International Education de Nova York*, em visita ao Brasil.

O Instituto Brasil - Estados Unidos (IBEU) contou com um grupo de intelectuais e políticos, formado por Osvaldo Aranha, Assis Chateaubriand, Vital Brasil, Gilberto Freyre, Afrânio Peixoto e Austregésilo de Athayde, todos mencionados como participantes da assembleia fundadora da instituição no Palácio Itamaraty.

Margarete Nogueira cita que a primeira sede do Instituto funcionou na Associação Brasileira de Educação e, após dois anos, o IBEU conseguiu alugar sede própria graças às contribuições financeiras, provenientes de americanos e brasileiros. Além de receber da embaixada norte-americana material didático e publicações para a instituição, eventos para os professores foram organizados bem como programas de bolsas de estudo.

O segundo centro citado por Margarete Nogueira foi o ICBNA, através das informações retiradas do Livro Digital, e com uma interpretação mais romanceada da ação dos intelectuais gaúchos. A descrição feita pela autora apresenta uma distorção grave e não mencionada no Livro Digital, quando aponta que a criação do Instituto tinha como objetivo contrapor-se às ideias nacionalistas alemãs.

Em momento algum, as fontes do ICBNA mencionam que os intelectuais fundaram a instituição com objetivo de combater o nacionalismo alemão. Entretanto, fica evidente no artigo a intenção de exaltar a criação dos centros binacionais, demonstrando a ambição e o pioneirismo dos intelectuais da época. Por tratar-se de um

⁷² Disponível em: <http://www.helb.org.br/>. Acesso em 16 de agosto de 2012.

⁷³ Mais informação acesse: <http://www.ibeu.org.br/por-que-ibeu/historia/>

artigo que relata a importância dos centros no ensino de línguas, entende-se que a interpretação dos processos de fundação foi puramente descritiva, com um crivo diferenciado da análise historiográfica.

A influência política e cultural europeia era muito forte no Brasil nas primeiras décadas do século XX, principalmente no sul do país. O Rio Grande do Sul era uma província castilhistas, mas na década de 1930 já tinha gerado um líder nacional, Getúlio Vargas. Para contrapor-se ao avanço das ideias nacionalistas alemãs, um grupo de intelectuais gaúchos, entre eles o escritor Erico Verissimo, decidiu criar o Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano. Era o ano de 1938 e a iniciativa recebeu total apoio da Embaixada Americana. Por quase cinco anos o Cultural dedicou-se a atividades eminentemente culturais, mas a falta de conhecimento da língua inglesa por parte da comunidade gaúcha era um fator que impedia uma maior integração entre os países. Foi assim que, a partir de 1943, foi aberto o primeiro curso de inglês do Rio Grande do Sul, pioneiro por décadas no ensino desse idioma.⁷⁴

Margarete Nogueira trabalha em um centro binacional, a Casa Thomas Jefferson⁷⁵, considerada como uma das mais renomadas instituições especializadas no ensino de inglês e aplicação de testes de proficiência, chancelada pela embaixada norte-americana. Portanto, acredita-se que essa narrativa entusiasta da autora é reflexa da imagem criada pela fundação dos centros binacionais no Brasil.

Continuando sua narrativa sobre a importância dos centros binacionais para o ensino da língua estrangeira no país, a autora relata que foi a partir da década de 1930 a ascensão dos centros binacionais de norte a sul do país. Conforme suas pesquisas, a autora aponta que existiu um centro binacional em São Paulo em 1938, em Salvador no ano de 1941, em Fortaleza em 1943, em Belém em 1955 e em Brasília em 1963, logo após a inauguração da nova capital do país.

Não foram encontrados registros sobre a fundação do centro binacional de São Paulo em 1938, no entanto, as demais informações estão corretas. Estrategicamente ou não, se levarmos em conta o relato de Margarete Nogueira, os centros binacionais cruzaram o Brasil no período de autoritarismo e nacionalização do Estado Novo. A autora revela que atualmente existem mais de 62 centros espalhados pelo Brasil,

⁷⁴ NOGUEIRA, Margareth. Os Centros Binacionais Brasil-Estados Unidos: sua importância na história do ensino de línguas no Brasil. **Revista Helb**. Brasília, Ano 4 - Nº 4, 1/2010. Disponível em: http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=1095&Itemid=13. Acesso em 16 de agosto de 2012.

⁷⁵ Mais informações acesse: <http://www.thomas.org.br/>

porém não menciona que, no 26º Simpósio dos centros binacionais, nasce uma coligação vinculada à Associação dos Centros Binacionais da América Latina.

A coligação dos centros binacionais também é chancelada pela embaixada norte-americana e promove simpósios para aperfeiçoamento das instituições. A Coligação das Entidades de Educação e Cultura Brasil-EUA apresenta em seu histórico um breve relato sobre o período em que os centros binacionais foram fundados.

No final da década de 30, o Brasil e os Estados Unidos sentiram a necessidade de estreitar os laços de amizade que os uniam. Essa decisão marcou o nascimento dos Centros Binacionais através da fundação por diversas partes do Brasil de entidades ligadas a sociedade local com o intuito de divulgar a cultura Norte Americana no Brasil e vice versa. Para conseguir manter o seu objetivo inicial, as entidades tinham que manter-se financeiramente de forma sustentada e a opção encontrada foi a de ministrar o ensino da língua inglesa, focada no inglês americano. A estratégia foi a mais correta face o desenvolvimento das comunicações globais e especialmente por primarem pela qualidade de ensino. Assim sendo os BNC's passaram a ser uma referência no ensino de Inglês por todo o Brasil, independentemente de não possuírem o mesmo nome institucional. O link principal entre todas essas escolas foi sempre o de ensinar a língua com a preocupação de difundir cultura brasileira e norte-americana ao mesmo tempo. Pela diversidade de seus nomes de fundação, foi necessário se criar uma entidade que reunisse esses membros ligados por um objetivo comum. Assim a Coligação das Entidades de Educação e Cultura Brasil-Estados Unidos, é uma associação civil e sem finalidade econômica ou lucrativa, constituída de pessoas jurídicas, no caso os BNC's e fundada durante o 26º Simpósio dos Centros Binacionais realizado entre 13 e 16 de outubro de 2002, na cidade de Rio Quente, Goiás. Possuindo bibliotecas, promovendo eventos e comemorações de datas festivas brasileiras e norte americanas, os BNC's têm como missão principal transformar os seus estudantes em cidadãos libertos pela língua mais falada nos ambientes de viagens e profissionais por todo o mundo. Os BNC's contribuem de forma importante na formação profissional, acadêmica e pessoal de milhares de jovens por todo o Brasil, criando uma consciência de que a globalização é algo a ser vivido aqui e agora.⁷⁶

Após a contextualização dos demais centros espalhados pelo Brasil, volta-se a refletir sobre o ICBNA, trazendo à tona um fator a ser esclarecido, e não menos importante, no que diz respeito aos intelectuais que fundaram a supracitada instituição. Todos mencionados como grandes vultos do passado no Livro Digital e com importante contribuição para o crescimento da instituição e da sociedade gaúcha.

Nesta pesquisa, o protagonista é o ICBNA, uma instituição que teve um importante papel na formação da sociedade gaúcha. Os personagens que fizeram parte

⁷⁶ Disponível em: <http://www.coligacaobnc.org/conteudo/historia>. Acesso em 01 de março de 2014.

da história da instituição serão mencionados no ritmo que as fontes permitirem e de acordo com sua atuação.

Contudo, entende-se que a certeza nas análises historiográficas, na busca da verdade através de acontecimentos e fontes, por vezes pode se tornar um cárcere, limitando o olhar do historiador a um continuísmo cientificista que empobrece o desenvolvimento da disciplina. O fazer história exige, impreterivelmente, uma proposta de distinção, ruptura e, como já foi mencionado anteriormente, entender que o passado está em outra dimensão, não sendo possível igualar passado e história. O historiar, portanto, necessita de um corte, um ponto de partida, uma ação escolhida pelo historiador que identifique sua visão do passado e o desligue de uma tradição.

Um incessante trabalho de diferenciação (entre acontecimentos, entre períodos, entre dados ou entre séries, etc.) é, em história, a condição de todo relacionamento dos elementos distintos e, portanto, de sua compreensão. Mas este trabalho se apoia na diferença entre um presente e um passado. Supõe sempre o ato que propõe uma novidade, desligando-se de uma tradição, para considerá-la como um objeto de conhecimento. O corte definitivo em qualquer ciência (uma exclusão é sempre necessária ao estabelecimento de um rigor) toma, em história, a forma de um limite original, que constitui uma realidade como "passada" e que se explicita nas técnicas proporcionadas à tarefa de "fazer história". Ora, esta cesura parece negada pela operação que funda, já que este "passado" retorna na prática historiográfica. O morto ressurgue dentro do trabalho que postulava seu desaparecimento e a possibilidade de analisá-lo como um objeto.⁷⁷

O objeto em análise inspira uma série de cuidados dos quais o autor tem conhecimento e principalmente respeito. Ao tratar-se de um tema inédito na historiografia, o importante é abrir perspectivas de pesquisa e não limitá-las as poucas verdades ou então a reproduções generalizantes. Compreende-se que o trabalho do historiador possa ser compartilhado, socializado e de acesso público. Escrever apenas para a academia denota uma pretensão que distancia a função do historiador, em todos os aspectos, de sua missão social-política dentro de uma sociedade que almeja o crescimento intelectual.

A história do ICBNA será problematizada através de um diversificado acervo institucional, confrontando-o com as fontes digitalizadas disponíveis para acesso nos sítios eletrônicos espalhados pela rede e com as referências bibliográficas que se aproximam do objeto, porém com algumas perigosas generalizações a serem filtradas e

⁷⁷ CERTEAU, op. cit., p.41.

ponderadas no decorrer do texto. Entretanto, há de se evidenciar o caráter inovador do objeto, no qual se tem a possibilidade de incorporar a tudo o que já foi dito, no que tange a inserção cultural estadunidense, outro viés, outra história, mais um conteúdo estrutural e *sui generis* para a historiografia.

2.1 O processo de fundação:

A ata de fundação do ICBNA⁷⁸ não é um documento completo, não contempla os cinco primeiros anos da instituição, bem como não relata detalhadamente os pormenores quanto à constituição de capital financeiro, mas aponta desde o início a ligação com governo estadunidense.

A história oficial do ICBNA, relatada no Livro Digital, informa que o Instituto foi criado por um grupo de intelectuais gaúchos, “liderados” por Erico Verissimo, que tinha como principal objetivo difundir a cultura estadunidense em Porto Alegre por meio do intercâmbio cultural, com anseio de uma aproximação entre as duas culturas. Porém, observando mais atentamente a 1ª página da ata de criação institucional, em 14 de julho de 1938, fica evidenciado que a ideia inicial surgiu na palestra ministrada pelo Cônsul dos Estados Unidos aos três bacharelados que compunham o grupo de Erico Verissimo.

Abaixo segue a transcrição do trecho que dá origem ao primeiro registro da história do ICBNA:

Às 20hs do dia 14 de Julho de 1938, reuniram-se na residência do Sr. Guy W. Ray Cônsul dos E.E.U.U. da América do Norte pessoas interessadas em concretizar a ideia de criação de um instituto cultural surgida numa palestra entre o Sr. Guy W. Ray e os bacharelados João Kessler Coelho de Souza, Dante Sfoggia e Paulo Augusto Simões Pires. Após uma rápida dissertação sobre a utilidade e alta significação de um instituto dessa natureza, no sentido de promover um intercâmbio cultural entre as duas nações amigas, o Dr. Renato Barbosa propôs que devesse ser eleita a primeira diretoria do instituto ao qual resolveu se dar o nome de I.C.B.N.A., iniciais que significam Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano. A 1º diretoria do I.C.B.N.A ficou assim constituída: Presidente: Dr. Renato Barbosa, Vice-presidente: Escritor Erico Verissimo, 1º Secretário: Escritor Limeira Tejo, 2º Secretário: Bacharelado Paulo Augusto Simões Pires, 1º Tesoureiro: Bacharelado Dante Sfoggia, 2º Tesoureiro: Bacharelado Bruno Schuetz Arquivista: Bacharelado João Kessler Coelho de Souza.⁷⁹

⁷⁸ A Ata de fundação do ICBNA não possui páginas numeradas. Por esse motivo, utiliza-se a descrição das mesmas de maneira sequencial.

⁷⁹ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.1.

Analisando o texto inicial da ata, no momento de formação da instituição, percebe-se que já existia uma relação anteriormente estabelecida com o Cônsul Guy W. Ray, pois o mesmo é escolhido por unanimidade como 1º sócio honorário do ICBNA e, no fim da 1ª página, exaltadamente, está registrada uma promessa de dedicação e empenho no crescimento da instituição. Porém, não fica exatamente claro de quem partiu a supracitada ideia de criação do Instituto.

A ideia surgiu numa palestra, em que certamente o foco principal seria o intercâmbio intelectual. Obviamente, o conhecido grupo de intelectuais era bastante influente e referenciado na capital. Entretanto, mais uma vez, somente através das fontes institucionais não há como explicar a aproximação do Cônsul com os supostos intelectuais. Como os intelectuais conheceram o Cônsul? Quem promoveu a aproximação? Qual o contexto que propiciou tal encontro? Talvez, no decorrer do capítulo, analisando as demais fontes, alguns indícios possam ajudar na compreensão do processo, mas há lacunas que certamente não poderão ser preenchidas, pelo menos não agora.

A história construída pelo próprio ICBNA cita que o grupo de intelectuais teve a liderança de Erico Verissimo. De acordo com o que é descrito em ata nos primeiros encontros, não fica clara tal liderança. Entretanto, a narrativa institucional pode ter destacado o nome do escritor em função de seu sucesso na época e, possivelmente, por possuir relação com o Cônsul Guy W. Ray.

Busca-se problematizar as entrelinhas dos documentos, como no caso da análise na ata de fundação e das demais documentações a serem examinadas no decorrer do texto. Tendo por base tantas informações, são notáveis os questionamentos possíveis quando relacionamos o ICBNA, seus intelectuais, Porto Alegre, a situação do país e do mundo. O instigante em historiar o passado são as diversas possibilidades de investigação e o uso das fontes como possíveis guias, não como verdades absolutas. Se assim fosse, bastaria incorporar as ideias apresentadas no Livro Digital, confiar na história que uma séria e importante instituição propaga,

envolvendo-se na alegoria criada de um suposto universo intelectual, amostrado no ICBNA e presente na memória de todos que passaram pela instituição.⁸⁰

Contudo, mesmo com inúmeras interpretações distintas sobre o tema, a pesquisa tenta encontrar caminhos para compreensão e problematização do que ainda não foi questionado de uma engrenagem, uma possível ferramenta de difusão cultural. Como já foi dito anteriormente, por muito tempo, mais especificamente por sete décadas, esta engrenagem/ferramenta foi considerada como representação de status e avanço pela chamada elite intelectual porto alegreense⁸¹, esquecida pela historiografia, necessitando invariavelmente ser analisada com as peculiaridades que não se incorporam ao discurso de americanização utilizado pelas obras referenciadas e analisadas no decorrer do trabalho.

Salienta-se aqui o desejo de construção de algo novo por parte destes intelectuais. Influenciados ou não pelo representante estadunidense, no caso o Cônsul Guy W. Ray, eles desejaram a aproximação com a cultura estadunidense, anos antes da criação do *Office of the coordination of Inter-American Affairs* (OCIAA) de Nelson A. Rockefeller, criado em 1941.⁸²

Nesse sentido, no caso específico dos centros binacionais, diferentemente do que é afirmado sobre a “americanização”⁸³ do Brasil a partir da década de 1940, constata-se que dois anos antes já havia uma suposta articulação para difusão da cultura estadunidense. No entanto, é complicado classificar a fundação de instituições semelhantes ao ICBNA como parte da Política de Boa Vizinhança, sem analisar todas as instituições, comparando obviamente os detalhes e as peculiaridades de fundação de cada uma delas.

Por enquanto, analisa-se somente o caso de Porto Alegre e suas imbricações com todo o contexto da época, buscando através disso montar um quebra-cabeça em toda a América Latina, ponderando o que foi ação estadunidense e o que foi desejo latino-americano, no caso desejo brasileiro.

⁸⁰ Referencia-se aqui a ideia de que Porto Alegre fora celeiro de uma cultura intelectual muito rica, principalmente de acordo com os relatos dos responsáveis na construção da história do ICBNA e suas testemunhas.

⁸¹ Elite intelectual é o termo utilizado na historiografia institucional para se dirigir a seus alunos, colaboradores, diretores e principalmente aos fundadores na década de 1930.

⁸² TOTA, op. cit., p.49 -54.

⁸³ Idem, Ibidem, p 54.

Tendo por base as obras e fontes pesquisadas, não é possível afirmar a condição dos centros binacionais como resultado das primeiras ações da Política de Boa Vizinhança, pois não existe menção a tais instituições, mas levando em conta a atuação inicial do Cônsul estadunidense e as fontes encontradas na instituição, pode-se considerar que o OC/AA teve, na figura dos consulados, seus antecessores nas medidas tomadas para propagação do pensamento estadunidense na América Latina.

Na época, o Rio Grande do Sul era comandado pelo interventor General Osvaldo Cordeiro de Farias, responsável pela ampliação dos quadros do magistério e da rede de escolas no estado. Promoveu uma intensa campanha de brasilianização no sistema educacional, onde a ênfase de atuação foi fundamentalmente na área de colonização de imigrantes alemães e seus descendentes. A ação do governo foi pontual na proibição do ensino do idioma nas escolas, imprensa, lápides de túmulos com inscrições alemãs e qualquer coisa que fizesse alusão à Alemanha.⁸⁴

Como compreender a inserção da cultura estadunidense em meio ao processo de nacionalização do Estado Novo? Os fundadores do ICBNA possuíam liberdade para articular a difusão do inglês neste período? De acordo com o relatório do período de 1938 a 1943, apresentado ao Presidente Getúlio Vargas pelo então interventor Gen. Cordeiro de Farias, não há nenhuma citação autorizando ou desautorizando o ensino de inglês no formato de cursos livres no estado e tampouco iniciativas de fundação de centros binacionais⁸⁵. Com isso, pode-se dizer que a difusão do inglês não era e não seria uma ameaça à integração nacional.

Para fugir de perigosas generalizações, continua-se a análise documental, examinando o segundo encontro da então diretoria, também considerada conselho deliberativo, realizado na sede do Consulado dos Estados Unidos no dia 26 de julho de 1938 e no mesmo horário do encontro anterior, às 20 horas.

Em meio aos trâmites de criação institucional, os locais para encontro dos intelectuais pareciam ser o grande problema inicial do grupo. De acordo com a descrição na ata, só foi possível realizar o segundo encontro graças ao Cônsul Guy W. Ray, personagem que ganha grande destaque sempre que citado nos registros institucionais. Aliás, percebe-se na descrição do segundo encontro o forte interesse do

⁸⁴ PESAVENTO, op. cit., p.118-119.

⁸⁵ Disponível em: <http://www2.al.rs.gov.br/memorial/>. Acesso em 12 de janeiro de 2013.

Cônsul na organização da instituição e principalmente sua atuação como uma espécie de guia (consultor), em todas as etapas de discussão de ideias e nos caminhos a serem percorridos para que fosse consolidada a tão esperada troca de culturas.⁸⁶

Um dos então sócios, Álvaro Soares, sugere que fosse criado um conselho fiscal e também uma comissão consultiva formada por 10 membros. Ao que tudo indica, conselho e comissão seriam o núcleo “duro” do ICBNA e responsáveis pela tomada de decisões juntamente com a diretoria. Nesta mesma noite, houve um chamado para que todos os sócios se empenhassem na busca de uma sede provisória, mas não é mencionado como, quais seriam os meios para aquisição da mesma e principalmente como seria o processo de entrada de novos sócios na instituição.⁸⁷

Alguns aspectos chamam a atenção nas premissas abordadas logo no segundo encontro. Primeiramente, o que em certo momento soa como uma reunião de intelectuais, um formato de clube de inglês, do primeiro para segundo encontro, apresenta uma estrutura institucional bastante organizada, ou seja, em uma semana a ideia do Instituto amadurecia vertiginosamente. Em meio às discussões, destaca-se mais uma vez a participação do Cônsul, sendo escolhido como membro permanente do conselho fiscal e presidente da comissão consultiva.⁸⁸

Além disso, a incipiente instituição que se formava tinha pretensões bastante altas. No segundo encontro, os membros presentes definiram que seriam convidados para sócios honorários o Embaixador dos Estados Unidos da América no Brasil, Sr. Jefferson Caffery⁸⁹, o Ministro das Relações Exteriores Osvaldo Aranha e o descrito equivocadamente em ata como Cônsul Geral dos Estados Unidos Willian Carter Burdett⁹⁰. Por falta de mais detalhes na ata, não se pode afirmar que existiam relações antigas entre as personalidades citadas e os intelectuais do ICBNA.

⁸⁶ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.2.

⁸⁷ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.2.

⁸⁸ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.2.

⁸⁹ Foi embaixador dos EUA em vários países de 1926 até 1955, trabalhando nos governos dos Presidentes Coolidge, Hoover, Roosevelt, Truman e Eisenhower. Disponível em: <http://history.state.gov/departments/history/people/caffery-jefferson>. Acesso em 15 de outubro de 2012.

⁹⁰ No *U.S Department of state Office of Historian* temos duas referências ao nome Willian Carter Burdett: A primeira informa que William Carter Burdett (1884-1944) foi Enviado Extraordinário e Plenipotenciário ministro na Nova Zelândia, nomeado em 08 de julho de 1943, cargo assumido em 4 de dezembro de 1943 e falecido em 14 de janeiro de 1944. A segunda diz que William Carter Burdett Jr. (1918-1995) foi Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário no Malawi, nomeado em 08 de abril de 1970, assumindo em 13 de maio de 1970. Aparentemente nenhum foi Cônsul geral e, levando-se em conta a falta de informações mais precisas na ata, entende-se que a nomenclatura do cargo foi mencionada de maneira

No fim da redação sobre o conteúdo discutido no segundo encontro, encontram-se os primeiros indicativos da criação de uma biblioteca bilíngue que teria como papel principal difundir a literatura estadunidense para que os sócios pudessem usufruí-la e apreciá-la. Embora seu nome tenha sido pouco citado nos dois primeiros encontros, mas sempre lembrado em qualquer texto elaborado pelos colaboradores do ICBNA, associa-se a ideia da criação da biblioteca institucional a Erico Verissimo em função de sua ligação com a Livraria do Globo.

No período entre 1930 e 1940, Erico Verissimo atuou na editora como escritor, tradutor, colaborador de revistas, entre outras atividades, e principalmente como entusiasta da literatura brasileira e estadunidense⁹¹. Tendo em vista suas funções na editora e a aparente amizade com o Cônsul, evidencia-se o interesse do intelectual na proliferação literária, assim como a expansão das obras de língua estrangeira no país e principalmente na consolidação do ofício de escritor.

Tais indícios talvez coloquem o escritor como um dos protagonistas no processo de difusão da cultura estadunidense em Porto Alegre, obviamente por ser um dos propagadores da cultura literária estadunidense através de suas traduções. Todavia, somente as informações obtidas nas fontes do ICBNA associam-no ao processo de fundação do instituto. Em suas memórias autobiográficas⁹², o nome da instituição jamais foi citado, o que parece estranho, pois a ênfase narrativa da historiografia institucional descreve o escritor como um líder no processo de intercâmbio que nascia, ou melhor, da própria instituição.⁹³

No caso da exaltação de Erico Verissimo sempre expressada por aqueles que contaram sua história no ICBNA, falando pela perspectiva de exame das fontes institucionais, não é possível afirmar que o mesmo liderou o processo como um todo. Por outro lado, as fontes não revelam em sua amplitude toda a rede social da época e tampouco as ações de Verissimo em nome do Instituto. Portanto, como já foi dito

equivocada. Disponível em: <http://history.state.gov/departmenthistory/people/burdett-william-carter>. Acesso em 12 de novembro de 2012.

⁹¹ TORRESINI, Elisabeth Wenhausen Rochadel. **Editora Globo: Uma Aventura Editorial no Anos 30 e 40**. São Paulo: EDUSP: Com-Arte; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999. p 67.

⁹² Solo de Clarinete 1 (2005), Solo de Clarinete 2 (2005), Gato Preto em Campo de Neve (2005) e A Volta do Gato Preto (2006).

⁹³ Não foi possível entrevistar Luis Fernando Verissimo, filho de Erico Verissimo, em função de sua agenda e também pelas constantes dificuldades de contato. Tendo em vista que o mesmo participou de alguns eventos no ICBNA, acredita-se que somente o mesmo possa explicar a ausência das contribuições de Erico Verissimo em suas autobiografias.

anteriormente, somente aprofundando a análise, e talvez em futuras pesquisas, possa-se afirmar que o mesmo foi líder do processo ou apenas mais um protagonista, na mesma escala de importância de seus colegas citados como intelectuais.

Não há intenção de qualificar ou desqualificar Verissimo e sua participação na história do ICBNA, validando-a como falácia ou verdade absoluta, mas sim de esclarecer como cada indivíduo colaborou para formação da instituição. Nesse sentido, não se faz juízo de valor por influência da narrativa institucional, mas sim, interpretam-se as fontes conforme o contexto histórico em que são alocadas.

E essa interpretação é fiel ao seu tempo, logo, possui uma ideologia, não sendo possível historiar dissociando interpretação e ideologia. Porém, há de se considerar o constante movimento historiográfico em busca de uma reescrita da história e de suas possibilidades de interpretação. O que pode significar também reconsiderar novas e velhas interpretações, pois afinal de contas, a história não mais se apoia tão somente na busca implacável por conclusões definitivas, mas sim em considerações e projeções.

O fato de que a história propriamente dita seja um constructo ideológico significa que ela está sendo constantemente trabalhada e reordenada por todos aqueles que, em diferentes graus, são afetados pelas relações de poder – pois os dominados, tanto quando os dominantes, têm suas próprias versões do passado para legitimar suas respectivas práticas, versões que precisam ser tachadas de impróprias e assim excluídas de qualquer posição no projeto do discurso dominante.⁹⁴

Nessa conflitante interpretação, em que narrativa e fonte se embatem, compreende-se que a referida instituição, com setenta anos de atuação, produziu, através de sua história, uma série de outras “estórias” que constituem um universo específico de formação da sociedade gaúcha. Tais “estórias” permanecem, até o momento, inabaladas, sem indagações, ocultadas, pois mesmo a instituição possuindo decretos de utilidade pública, participação ativa no contexto social porto-alegrense e com uma referenciada biblioteca bilíngue utilizada durante décadas, não causou interesse de pesquisa por parte dos historiadores em seu acervo institucional.

Conhecendo a organização de acontecimentos e fatos apresentados pela narrativa institucional, precisa-se esclarecer o conceito de intelectualidade proposto pela instituição, aplicado de forma contemplativa, principalmente quando a pesquisa é

⁹⁴ JENKINS, op. cit., p.40.

focada nos vultos responsáveis por sua fundação. Nada melhor do que relembrar a trajetória inicial de Erico Verissimo para compreender a visão não apenas do ICBNA, como de boa parte da sociedade da capital:

Erico Verissimo, ao entrar para a Livraria do Globo, sabe que a profissão de escritor ainda não existe no Brasil e que para realizar seu intento deve escrever para um jornal, traduzir livros, colaborar em revistas e desempenhar outras funções não previstas [...]

Sérgio Miceli inclui Erico Verissimo num grupo que ele denomina de *romancista*, cuja situação profissional se define na conjuntura dos anos 1930 e 1940. Desse grupo fazem parte aqueles intelectuais que puderam dedicar seu tempo integral à produção de obras literárias ou artísticas. Miceli destaca o fato de estes intelectuais não serem provenientes dos grandes centros urbanos, de serem autodidatas em sua grande maioria, de possuírem uma relativa independência política e de terem nascido em famílias às voltas com um adiantado estado de falência material.⁹⁵

Dois encontros e muitas indagações, ou seja, uma amostra de um acervo revelado, de uma parte da historiografia porto-alegrense sendo exposta para reflexão e apontando inúmeros caminhos de análise e pesquisa. Algumas dúvidas levantadas neste capítulo serão melhor explanadas e discutidas no derradeiro capítulo final do trabalho. Porém, ressalta-se o desejo de acentuar mais alguns pontos ao leitor, para que o fio condutor desta análise inicial do ICBNA motive o máximo possível de questionamentos e incentive futuras pesquisas.

No primeiro dia de agosto de 1938, realizou-se o terceiro encontro do ICBNA, no mesmo horário, na sede da Associação Comercial de Porto Alegre. Desta vez o espaço foi conseguido graças ao sócio Érico Mello. Constata-se, no decorrer da descrição dos fatos em ata, que novos nomes vão surgindo e certamente há uma campanha, ainda não mencionada, de associação de novos membros.⁹⁶

Aparentemente, pelo menos seguindo a documentação até o terceiro encontro, percebe-se não haver grande destaque para este ou aquele sócio, com exceção da figura do Cônsul Guy W. Ray, sempre citado, como no caso deste novo encontro, em que por ser estadunidense, deixa de ser membro permanente do conselho fiscal e é escolhido em seu lugar o brasileiro Dr. Pedreira. O Cônsul comunicou o recebimento de uma circular do Departamento de Estado de Washington na qual continha a notícia da

⁹⁵ TORRESINI, op. cit., p.67.

⁹⁶ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.3.

criação da Divisão de Relações Culturais⁹⁷. Tal registro em ata apresenta a ligação direta com o governo estadunidense e com as articulações que poderiam facilitar a consolidação do ICBNA.⁹⁸

Certamente, a criação de instituições com a chancela estadunidense na América Latina era de grande interesse do governo estadunidense em função do período entre guerras. O Cônsul Guy W. Ray executou com primazia sua missão. Articulou em parceria com os intelectuais gaúchos o primeiro centro binacional estadunidense no sul do Brasil, promoveu a difusão cultural norte-americana em plena campanha de nacionalização, além de tornar-se uma importante figura no contexto sociocultural da capital gaúcha.

Outro informe interessante surge no meio da reunião: a descoberta em Alegrete, interior do Rio Grande do Sul, da existência da *Association of English Culture and Conversation*. Infelizmente, por enquanto, não se encontram registros desta instituição na rede, apenas a citação na exposição do terceiro encontro. Porém, sem sombra de dúvidas, seria a primeira instituição difusora de inglês no estado, desbancando o título de pioneirismo no ensino de inglês do ICBNA.

Continuando a releitura da terceira página da ata de fundação, iniciam-se as discussões sobre a data da festa de fundação e, por consenso, doze de outubro foi a data escolhida como ideal. O evento seria na Biblioteca Pública Municipal e teria abertura com o Presidente do Instituto Dr. Renato Barbosa e posteriormente uma palestra com o escritor Erico Verissimo sobre a Moderna Literatura Americana. Para terminar o evento em *grand finale* haveria um grande baile no Porto Alegre Country

⁹⁷ O Departamento de Estado estabeleceu um Escritório de Relações Culturais Internacionais em 01 de junho de 1959 e, posteriormente, rebatizou-o Bureau de Assuntos de Educação e Cultura, em 17 de abril de 1960. No ano seguinte, o Departamento elevou a posição de assistente especial para a Coordenação de Relações Internacionais Culturais e Educacionais, incorporando o posto de secretário-assistente de Estado. O Departamento tinha estabelecido uma Divisão de Relações Culturais, em 1938. As relações culturais também faziam parte das atribuições do Secretário Adjunto primeiro de Estado para Assuntos Públicos criados em 1944. Em 1978, o Bureau foi extinto e suas funções transferidas para a Agência Internacional de Comunicações (posteriormente a Agência de Informação dos EUA) no âmbito do Plano de Reorganização n.º 2 (91 Stat. 1637). Em 1 de outubro de 1999, nos termos da integração da Agência de Informação dos EUA para o Departamento de Estado, esta posição foi revitalizada. Sessão 2305 da Lei de Autorização de Relações Exteriores para os anos fiscais de 1998 e 1999 (112 Stat. 2681-825) aumentou o número de secretários adjuntos de Estado de 20 a 24. Disponível em: <http://history.state.gov/departmenthistory/people/principalofficers/assistant-secretary-for-educational-cultural-affairs>. Acesso em 15 Ago.2012.

⁹⁸ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.3.

*Club*⁹⁹, que por ventura tinha como sócio fundador José Bertaso¹⁰⁰, também fundador da Livraria do Globo e chefe de Verissimo.¹⁰¹

Em meio a informes, discussões e projeções sobre os rumos da consolidada instituição, há um comprometimento por parte dos sócios para estudo e criação de um brasão para o ICBNA, que representasse o foco da instituição no intercâmbio intelectual. Além do logotipo, estabeleceram que em toda reunião houvesse um período de conversação em inglês, o que certamente deve ter alegrado o Cônsul e demonstra que os sócios possuíam conhecimento do idioma.

Entretanto, com todo o planejamento para a inauguração e expansão da entidade, a sala da associação comercial estaria disponível somente por mais quatro ou cinco meses, sendo urgente a necessidade de estabelecimento de um local fixo, mas o modo de conseguir isso não ficou claro. Por consenso, todos os sócios decidiram buscar endereços nos Estados Unidos de Instituições congêneres a fim de iniciar intercâmbios literários.

Portanto, após o terceiro encontro, constata-se que a história do ICBNA foi interpretada, por muito tempo, graças apenas a sua narrativa institucional, de forma a não considerar os pormenores do processo de fundação e principalmente, adotando como prática um enredo narrativo romanceado. Como foi mencionado, constata-se e apresenta-se outra visão, mais uma oportunidade de interpretação que difere da produção institucional.

Voltando para o campo de análise das fontes, após um mês de reuniões, chegou o quarto encontro no dia 15 de agosto de 1938. O registro de abertura ficou por conta da decisão do conselho de deixar a criação de um modelo de estatuto nas mãos do Cônsul Guy W. Ray. Em relação à sede, todos os integrantes do conselho fiscal ficaram incumbidos de localizar um espaço que atendesse às necessidades e especificidades do Instituto. Na verdade, até o momento citado, a necessidade apresentada era apenas de uma sala para realização de reuniões e conversação em inglês. Entretanto, seguindo a leitura da ata, com intuito de expandir o crescimento de sócios, o conselho lançou uma campanha de estímulo para que os membros

⁹⁹ Mais informações sobre o histórico da instituição acesse: <http://www.pacc.com.br/institucional.php?l=6>.

¹⁰⁰ TORRESINI, op. cit., p.54-55.

¹⁰¹ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.3.

começassem a associar o maior número possível de pessoas que “compartilhassem do desejo em se aproximar da cultura americana”.¹⁰²

A estratégia era o “porta a porta”, ou seja, todos os sócios, estrategicamente, iriam associar primeiramente comerciantes, estudantes, intelectuais, proprietários de grandes empresas e pessoas com interesse em usufruir a cultura estadunidense, ou melhor, que teriam condições financeiras e status para a referida aproximação. A constatação sobre a condição socioeconômica foi possível através da análise e pesquisa das fichas de associação entre 1938 e 1943, conciliando a identificação das profissões, cargos e empresas, em que os novos sócios se apresentavam muito bem colocados socialmente, representando para os fundadores do ICBNA o que poderia ser a elite intelectual almejada e de acordo com os princípios que se consolidavam na entidade.

Os encontros que antecederam a inauguração pareciam mais curtos, embora muito tensos, com uma urgência difícil de compreender, como se a fundação do ICBNA tivesse um prazo estabelecido em função de algum benefício, não citado em ata, mas perceptível pela aceleração do ritmo na descrição da tomada de decisões. Não que isso não possa ser normal, pela falta de pautas, ou excesso delas, mas o aumento do ritmo, do quórum e principalmente na tomada do posicionamento incisivo do Cônsul, soa como algo pré-planejado, de cima para baixo, uma articulação que poderia estar acima da simples ideia de troca de culturas.

Quatro encontros e a sensação de uma força simbólica embrionária que permeou as ações dos representantes estadunidenses e intelectuais fundadores do ICBNA. Uma espécie de sentimento de pertencimento a um grupo de vanguarda, no qual todas as fontes e depoimentos, no decorrer das décadas, convergem no Livro Digital.

Consequentemente, pode-se pensar que o significado da entidade para o grupo de intelectuais gaúchos marcaria uma nova fase, o grande passo que a sociedade gaúcha deveria dar em direção a um novo mundo que emergia. Esse sentimento está intrínseco nas entrelinhas da ata de fundação que remonta parte do passado institucional. Os discursos exaltados encontrados nas fontes não deixam dúvida: além da cultura norte-americana em franca expansão, os intelectuais do ICBNA trabalhavam

¹⁰² ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.4.

em prol da difusão de um status intelectual. Algo que no entendimento deles seria imprescindível para o desenvolvimento da sociedade gaúcha.

Essa força simbólica intelectual ou institucional fez-se presente na história do ICBNA, ao passo que manteve um espectro de superioridade de seus colaboradores e sócios no decorrer de sete décadas. Com isso, houve um aumento cada vez mais expressivo de sócios, oriundos da elite porto-alegrense. Portanto, seria o ICBNA uma estrutura simbólica de difusão de cultura que repaginaria os horizontes da capital gaúcha?

Apropriando-se da visão de Bourdieu¹⁰³, podem-se aproximar as articulações dos representantes estadunidenses e intelectuais gaúchos do citado processo que, com certeza, tinham como objetivo simbolizar na figura do ICBNA um difusor de cultura norte-americana, institucionalizando a produção sociocultural e intercultural, ampliando o conceito simbólico de pertencimento à vanguarda intelectual, existente no grupo de intelectuais, para o restante da sociedade de Porto Alegre.

As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Este efeito ideológico produz a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante.¹⁰⁴

Na medida em que os pormenores dos encontros vão sendo elencados, torna-se imperativo incorporar a problematização desse jogo citado por Bourdieu, pois se trata de uma oportunidade inicial de provocar um debate juntamente com as operações investigativas, focadas na análise de fontes primárias, e operações narrativas, focadas no estudo da historiografia, da escrita da história, todas sendo apresentadas como “propostas” e “tentativas” de elucidação das relações Brasil-Estados Unidos.

¹⁰³ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

¹⁰⁴ BOURDIEU, op. cit., p.10-11.

Digamos que a história do ICBNA fosse narrada apenas pelo Livro Digital? Passaria despercebida e seria utilizada como referência, como já foi em alguns trabalhos. Entretanto, a persuasão da narrativa institucional foi convincente e aqui temos um exemplo do poder simbólico que uma instituição com sete décadas consegue propagar. O Livro Digital pode ser conceituado como o enredo de acontecimentos e fatos escolhidos pela instituição, a história do ICBNA por ele mesmo.

Trazendo à tona mais alguns pormenores pouco exaltados na contemplativa história institucional, até a inauguração, são relatados mais cinco encontros e todos estes com aspectos semelhantes às constatações feitas até agora. No quinto encontro, realizado no dia 22 de agosto, finalmente são entregues os exemplares mimeografados dos estatutos para cada sócio e, após breves apontamentos, o restante do tempo é utilizado para conversação em inglês.¹⁰⁵

A instituição infelizmente não possui mais o mesmo modelo, pois foram sete décadas de alterações para adaptação ao mercado e as normativas que no futuro garantiriam benefícios junto à união. Entretanto, alguns artigos do mesmo não foram alterados no decorrer das décadas e elencam-se alguns para análise:

Art.: 2º Para integral consecução de seu objeto, o Instituto deverá, primordialmente:

- I. Promover o conhecimento recíproco das culturas da República Federativa do Brasil e dos Estados Unidos da América do Norte, facilitando a intensificação da amizade e intercâmbio entre os dois países.
- II. Fomentar o ensino, o estudo e a difusão dos idiomas inglês e português, para tanto mantendo escolas com linhas específicas de cursos adequados à plena obtenção desse resultado, onde for conveniente.¹⁰⁶

No artigo acima, no item I, percebe-se que um dos planos iniciais do ICBNA era o intercâmbio, obviamente com dificuldades de ser executado em função do período entre guerras. Pensado e escrito pelo Cônsul, certamente houve uma discussão em grupo, mais setorizada, sem menção em ata sobre as principais demandas para elaboração do documento. Conforme mencionado anteriormente, a ideia do Instituto se deu em função

¹⁰⁵ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.5.

¹⁰⁶ ICBNA. Documentos de fundação: Estatutos do ICBNA – Registrado sob o nº 59382, fls 1448 F do livro A. Registro Civil das Pessoas Jurídicas no dia 03 de Agosto de 1944 POA-RS. p.3.

de uma palestra ministrada pelo Cônsul a um grupo de colegas de Erico Verissimo. Porém, ao que tudo indica, Verissimo seria o primeiro a ser contemplado com benefícios da Embaixada Norte-Americana por ser conhecedor e tradutor da literatura estadunidense. Seria em função disso que a historiografia institucional relata que o mesmo liderou todo o processo?

Já no item II, não fica clara a ideia mencionada no Livro Digital, no que diz respeito à difusão do ensino de português. Após a análise no acervo, tem-se a impressão que todos, sem sombra de dúvida, acreditavam que de alguma maneira seria criado uma espécie de “Instituto Cultural Estadunidense Brasileiro”, mas não foi o que aconteceu. Com isso, obviamente a difusão da cultura brasileira e sua língua materna, pode ter sido elaborada com boa fé, ou com má fé pelo Cônsul, mas o fato é que jamais se consumaria por uma série de fatores dos quais não serão tratados aqui.

Entende-se que, no processo de elaboração do estatuto, analisando sobre o ponto de vista das fontes, não foram registradas quaisquer discussões em ata e tampouco houve qualquer objeção à escolha do Cônsul para a elaboração do documento. Na redação da ata, o status estadunidense transmitia confiança e credibilidade, porém prefere-se compreender que se tratava de uma questão de poder político e institucional. Ressalta-se aqui o interesse brasileiro pelos costumes estadunidenses e, conseqüentemente, a instituição a partir desses fatos foi cada vez mais se aproximando da Embaixada Estadunidense e, certamente, com a política de boa vizinhança da época, se beneficiaria como veremos no terceiro capítulo.

Abaixo segue mais um trecho que pela primeira vez se refere ao processo de associação e rentabilidade do ICBNA:

Art.: 11º Da admissão dos associados:

- I. A diretoria poderá ainda como requisito para admissão, cobrar jóia, ou antecipação de contribuição, desde que essas exigências estejam previstas em normas previamente por ela editadas.
- II. A diretoria, verificando haver vaga de associado ativo, examinará a proposta, manifestando-se, pelo voto da maioria, pela sua aceitação ou não.¹⁰⁷

¹⁰⁷ ICBNA. Documentos de fundação: Estatutos do ICBNA – Registrado sob o nº 59382, fls 1448 F do livro A. Registro Civil das Pessoas Jurídicas no dia 03 de Agosto de 1944 POA-RS. p.7.

De acordo com o item I do artigo segundo, a estratégia de associação parece ter sido consolidada com a determinação dos valores para admissão de sócios e, com isso, um esboço do que inicialmente seria o capital de giro institucional. Importante explicar que, nos cinco primeiros anos de funcionamento, os principais documentos eram o livro ata desde a fundação, o estatuto, as fichas de associação e um livro caixa com registros a partir de 1943. Não foram encontrados livros contábeis com registros das movimentações financeiras do ICBNA referentes aos cinco primeiros anos, bem como qualquer outro tipo de documento que pudesse remeter a uma interpretação que fizesse alusão ao capital de giro da instituição.¹⁰⁸

No item II, acredita-se que o exame da proposta para sócio fosse embasado nas qualidades informadas anteriormente: condição intelectual, financeira ou de status na sociedade, pois, até então, os sócios mencionados e identificados nas fichas de associação possuíam, aparentemente, os requisitos necessários para associação. Ou, então, algumas pessoas não se candidatavam.

Importante mencionar, de maneira breve e introdutória, aproveitando ainda o item II do estatuto, a ausência de negros na história do ICBNA, seja no conselho fiscal, deliberativo, diretoria e nos quadros de funcionários. Assunto a ser tratado no decorrer do terceiro capítulo. Por outro lado, no Livro Digital, os ritmos considerados como de negros norte-americanos são muito exaltados, presentes na narrativa institucional como parte integrante da cultura que encantava os intelectuais.

Chegou-se ao sexto encontro, promovido no dia 12 de setembro de 1938, exatamente a um mês da tão esperada inauguração, com menção especial em ata às ilustres presenças do Vice-Cônsul dos Estados Unidos, Francis Jordan¹⁰⁹, e o representante da Empresa Norte-Americana *Massey Harris*¹¹⁰, Sr. José Luis Ramón (sic). Percebe-se que a aproximação e o intercâmbio cultural também fomentaram as relações comerciais, pois há uma descrição sobre apresentação da empresa

¹⁰⁸ Nas fichas de associação, alguns sócios eram contadores. Possivelmente a instituição poderia ter contratado algum dos profissionais para fazer sua contabilidade, mas isso é apenas uma mera inflexão, pois não há fontes que comprovem tal hipótese.

¹⁰⁹ O nome do Vice-Cônsul não foi localizado no departamento de história do governo estadunidense. Entretanto, há uma referência ao nome do mesmo, numa manchete referente ao apoio da antiga empresa Varig ao Nazismo no ano de 1939. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0701200117.htm>. Acesso em 11 de janeiro de 2013.

¹¹⁰ Não foi possível identificar o nome do representante, pois a empresa não possui lista online de colaboradores. Mais informações sobre a empresa acesse: <http://www.massey-harris.com/>.

estadunidense para os sócios presentes em reunião. Mostra, também, a forte presença do consulado na capital gaúcha através de articulações e troca de influências, sejam culturais, sejam comerciais.¹¹¹

Na mesma reunião, os modelos de propostas para adesão de sócios, recibos e timbre oficial foram apresentados aos sócios e foram sugeridas e discutidas pequenas alterações conforme as reivindicações de todos os presentes. Ficou estabelecida a organização das festividades, com a criação de duas comissões, com responsabilidade de planejar a sessão solene e também o jantar dançante que seria realizado no *Country Club*. Foram revisados os estatutos antes dos mesmos serem impressos a cargo do escritor Erico Verissimo e também foi decidido, por consenso, que o requisitadíssimo Cônsul Guy W. Ray fizesse o discurso de abertura em inglês, na cerimônia de inauguração, a ser realizada na Biblioteca Pública Municipal de Porto Alegre. O sócio Limeira Tejo recebeu a missão de portar uma mensagem convidando o Cônsul Geral dos Estados Unidos Sr. Burdett para ser sócio honorário do Instituto.¹¹²

Um encontro efervescente e claramente ansioso pela inauguração da instituição e principalmente pelo reconhecimento de um ideal concretizado. Pois bem, há alguns pontos que instigam reflexão neste encontro. A proximidade cada vez maior dos intelectuais com o consulado estadunidense, o aumento do número de sócios e a aproximação dos mesmos com o poder municipal são evidentes e denotam bem as noções formuladas por Bourdieu¹¹³, quando se refere às instâncias que sustentam o mundo social: campos sociais¹¹⁴ e *habitus*.¹¹⁵ Nesse sentido, no que diz respeito à consolidação simbólica do ICBNA, a relação entre tais instâncias faz com que as estruturas se tornassem corpo, e igualmente, que o corpo se fizesse estrutura.

¹¹¹ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.6.

¹¹² ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.6.

¹¹³ BOURDIEU, op. cit., p.07-16

¹¹⁴ Noção que caracteriza a autonomia de certo domínio de concorrência e disputa interna. Serve de instrumento ao método relacional de análise das dominações e práticas específicas de um determinado espaço social. Cada espaço corresponde, assim, a um campo específico – cultural, econômico, educacional, científico, jornalístico etc - no qual é determinada a posição social dos agentes e onde se revelam, por exemplo, as figuras de “autoridade”, detentoras de maior volume de capital. Algumas propriedades do campo In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

¹¹⁵ Sendo produto da história, o *habitus* é um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável. (Bourdieu, 2002, p.83). Disponível em: <http://www.bourdieu.com.br/2013/09/pierre-bourdieu-entrevistado-por-maria.html>. Acesso em 15 de março de 2014.

Nesse sentido, a instituição que nascia, avançava em vários domínios da sociedade, ou melhor, campos sociais, e fazia uma espécie de combate sociológico para a época, principalmente entre o campo social destacado no processo de formação do ICBNA: o campo da produção intelectual.

A investida no capital intelectual como escolha feita pelo Cônsul e pelos “intelectuais” fundadores, afastando a ilusão de “intelectuais sem laços nem raízes”, faz do ICBNA um difusor cultural e catalisador de novas experiências sociais, neste caso, experiências estadunidenses. Se outrora, houve predomínio da cultura francesa, como é mencionado no Livro Digital, e não houve avanço significativo que se consolidasse numa grande instituição na sociedade de Porto Alegre, por outro lado, a nova escolha infiltrava-se na dinâmica cultural e intelectual da capital, buscando caracterizá-la pelos interesses específicos (notabilidade e reconhecimento intelectual), na maioria das vezes imperceptíveis aos olhos daqueles que não fazem parte deste universo.

Seriam os intelectuais fundadores do ICBNA, enquanto detentores do capital intelectual, nas suas tomadas de decisão, no que tange ao processo de intercâmbio cultural, reféns de sua posição de dominados entre dominantes? Significaria dizer que aparentemente foram seduzidos pela cultura estadunidense?

Embora sejam lembrados na narrativa institucional pelo domínio de sua época, e até hoje são reconhecidos por isso, pela vanguarda e pioneirismo. Entretanto, conforme explanado no 1º capítulo, os intelectuais tiveram um importante papel na “aceitação” da Política de Boa Vizinhança, sendo os protagonistas brasileiros no processo e ocultando o suposto papel de Getúlio Vargas durante o Estado Novo.

Os intelectuais são os “comissários” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso “espontâneo” dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce “historicamente” do prestígio (e, portanto, da confiança) que o grupo dominante obtém, por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparato de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade, na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais fracassa o consenso espontâneo.¹¹⁶

¹¹⁶ GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1982. p.11.

Dando continuidade ao processo de compreensão das ações da elite fundadora do ICBNA, eis que ocorre o sétimo encontro, datado em 19 de setembro de 1938. A confirmação da Biblioteca Pública de Porto Alegre para as festividades de inauguração é o ápice na narrativa da ata. Após o importante informe, a reunião seguiu com a complexa discussão sobre as questões de funcionamento e organização do ICBNA como agente difusor da cultura estadunidense. Estranhamente, neste dia, a redação da ata foi curta, e as discussões não foram totalmente mencionadas. Há um relato de um longo pronunciamento do Cônsul, mas o teor da intervenção não é mencionado, o que sugere ser uma colocação de extrema valia para o bom funcionamento do Instituto.¹¹⁷

No oitavo encontro, no dia 03 de outubro de 1938, finalmente ficam prontos os materiais com o brasão definitivo da instituição e foram organizadas algumas ações de suporte ao evento de inauguração. Foi acertado que o 2º secretário tornar-se-ia uma espécie de agente comercial com a responsabilidade de divulgar a solenidade de inauguração para toda a sociedade de Porto Alegre.¹¹⁸



Figura 03: Logo do ICBNA durante as décadas de 1930 e 1940 ¹¹⁹

¹¹⁷ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.7.

¹¹⁸ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.8.

¹¹⁹ Disponível em: <http://www.cultural.org.br/Livro70anos/Default.htm>. Acesso em 10 de outubro de 2012.

A instituição já possuía um logo (figura 03), uma marca que seria a consolidação de um esforço coletivo no tão esperado intercâmbio cultural e, conseqüentemente, um avanço para a época. Todavia, em pleno período entre guerras não era mencionada qualquer preocupação com a situação mundial, principalmente por parte dos representantes estadunidenses. O foco principal de todos era a fundação da entidade, o resultado da inauguração e a expansão do Instituto no estado, pelo menos eram essas as palavras de ordem mencionadas.

Com a proximidade da inauguração, todas as redações em ata foram feitas de maneira sucinta, basicamente para registro das ações, mas sem muito cuidado na produção do documento. Nesse sentido, o nono encontro, realizado dia 07 de outubro de 1938, cinco dias antes das festividades, foi marcado pela elaboração das falas na Biblioteca Pública de Porto Alegre. Foi também organizada uma comissão para recepcionar os convidados, e o fato mais importante do encontro diz respeito ao convite que seria efetuado ao Ministro das Relações Exteriores Osvaldo Aranha para participar da inauguração, juntamente com a solicitação para que o ICBNA fosse filiado ao *Institute of International Education N.Y.*¹²⁰ – entidade com missão de proteger e fomentar intercâmbios estadunidenses.¹²¹

Até então, há um personagem que transita entre duas histórias, conforme a interpretação do leitor. Trata-se de Erico Verissimo, o sempre citado líder do processo de intercâmbio cultural conforme a historiografia institucional. Com base nas fontes, poder-se-ia dizer que Verissimo foi um mero coadjuvante em todo o processo, pois em ata seu nome quase nunca é mencionado, embora o mesmo tenha participado de algumas reuniões e, juntamente com o Cônsul, discursaria no dia da inauguração.

Outro documento que liga Verissimo ao ICBNA é sua ficha de associação (figura 04), sendo o mesmo, de acordo com a ordem de associação, o sétimo sócio da instituição, no dia 08 de outubro de 1938. Pela exaltação na narrativa institucional, imaginava-se que o escritor seria o sócio número um. Talvez, a explicação mais lógica para essa ordem de associação seja o atraso na confecção de materiais e o registro posterior na associação do ilustre membro.

¹²⁰ Mais informação acesse: <http://www.iie.org/>.

¹²¹ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.9.

Mais uma vez, salienta-se que o protagonista deste trabalho é o ICBNA e que não é missão da pesquisa criticar o escritor Erico Verissimo e tampouco menosprezar sua atuação na instituição. Entretanto, a questão cerne são os discursos opostos entre a historiografia institucional e as fontes em relação a esse personagem no contexto histórico. Não há condições de mencioná-lo como líder do processo até o dia da inauguração do ICBNA, bem como nas décadas que seguem analisadas no terceiro capítulo. Portanto, há de se registrar aqui a intenção da instituição em elencá-lo como principal expoente da época, porém, através da análise documental não foi possível corroborar tal iniciativa e, tampouco, justificá-la.



N.º de Matricula 7

Instituto Cultural Brasileiro-Norte-Americano

PROPOSTA PARA SOCIO

CATEGORIA

Nome por extenso *Erico Verissimo*
(SEM LEGIVEL)Residencia *Livragio do Globo* Telefone *7369*Profissao *escritor* Onde exerce. *Liv. do Globo*Nacionalidade *Brasileiro* Naturalidade *Curitiba*Estado civil *Casado*Onde pagará as contribuições? *Liv. do Globo*

Proponho para socio ativo do INSTITUTO CULTURAL
BRASILEIRO - NORTE-AMERICANO

O Snr.

Porto Alegre, *8* de *Outubro* de 193*8*

SOCIO PROPONENTE.

DE ACORDO.

Erico Verissimo
PROPOSTO.

Aceito em de de 193

PRESIDENTE.

SECRETARIO.

C.I.B.N.A. - 85.624

Figura 04: Proposta para sócio de Erico Verissimo ¹²²

¹²² ICBNA. Documentos de fundação: fichas de associação. Acervo Privado.

2.2 Inauguração:



Figura 05: Inauguração do ICBNA em 12 de outubro de 1938 ¹²³

A imagem acima (figura 05) é o único registro da cerimônia de inauguração do ICBNA, acondicionada no acervo fotográfico da instituição, com a mesma legenda acima escrita a lápis no verso da fotografia. Na imprensa da época, não houve cobertura nos jornais da capital, somente alguns comentários nas colunas sociais da festa realizada no Porto Alegre Country Club, como era costume com todo e qualquer evento social que ocorria na sede do clube.

Ao que tudo indica, o indivíduo de pé, discursando, seria o Cônsul Guy W. Ray e os demais integrantes do Consulado ou então representantes do município de Porto Alegre. O presidente do ICBNA Renato Barbosa não se encontra na foto, bem como o vice-presidente Erico Verissimo.

¹²³ ICBNA. Documentos de fundação: Acervo fotográfico 1938-2010.

Após a fundação do Instituto, realizou-se o décimo encontro, no dia 31 de outubro de 1938. A reunião começou com a leitura do telégrafo recebido pelo Ministro Osvaldo Aranha (não encontrado no acervo) agradecendo o convite para inauguração e justificando sua ausência em função de uma agenda lotada de compromissos. Uma vez inaugurada a instituição, foi definida uma comissão para localizar um imóvel que pudesse ser a sede definitiva do ICBNA. Não há nenhum tipo de menção sobre a festa, repercussão, contatos, em suma, qualquer informação que pudesse trazer à tona novas perspectivas para a instituição. Muito pelo contrário, a narrativa na ata foi meramente protocolar e sucinta.

Para surpresa, o décimo primeiro encontro ocorreu no dia 09 de outubro de 1939, um ano após a inauguração, sem qualquer registro de reuniões. Com base na ata, o ICBNA ficou um ano sem atividades. O instituto já contava com a nova sede na Rua Sete de Setembro nº 1087, pois a identificação do documento está bastante precária. Porém, não há menção sobre como foi conquistada a nova sede, quem colaborou e como ocorreu o processo de locação.¹²⁴

Neste encontro, foi proposta a organização de uma comissão com objetivo de criar um bar para geração de renda do Instituto, uma vez que, a nova sede estava com três meses de atraso do aluguel. Ficou decidida, também, a criação de outra comissão incumbida de correr o comércio para receber importâncias prometidas, em função da atual condição em que se encontravam as finanças do Instituto. Erico Verissimo, Dante Sfoglia e João Kessler estavam nos Estados Unidos, conforme relato em ata, porém, em função da situação europeia de conflito e acirramento das discussões políticas, haviam retornado.¹²⁵

Se houve a proposta de criação de um bar, certamente o local não foi alugado apenas para reuniões, mas sim para demais atividades. Entretanto, no acervo institucional, encontram-se registros de aquisição de livros, área ocupada e número de alunos a partir de 1943. Mas aqui temos uma questão instigante. Por qual motivo seria alugada uma sala com capacidade para criação de um bar, se não houvesse alunos ou sócios? Seria o início das conversações em inglês somente para sócios? Após um ano

¹²⁴ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.10.

¹²⁵ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.10.

de ausência de registros em ata, bem como memórias de fundadores, a compreensão deste fato torna-se no mínimo bastante interessante e complexa.¹²⁶

Após a inauguração, imaginava-se que a instituição só teria avanços, apoio municipal e suporte do Consulado Estadunidense. Porém, a situação demonstrada foi de muita apreensão e mobilização. Ao que tudo indica, o grupo de intelectuais teve outras demandas, talvez em suas carreiras, como no caso de Verissimo que ainda em 1938 lançou seu livro¹²⁷ de maior sucesso.

Se a Livraria do Globo nos idos de 1937 é uma importante casa editora, Erico Verissimo, o indispensável conselheiro “contador de Histórias”, já possui reconhecida obra. Depois de *Caminhos Cruzados* (1935), aparece *Um lugar ao Sol* (1936) e *Aventuras de Tibicuera* (1937). Em 1938, a Globo publica *Olhai os Lírios do Campo*, que consagra Erico Verissimo como escritor e exige três edições no mesmo ano.¹²⁸

O ano de ascensão de Verissimo contrasta com uma declarada crise financeira do ICBNA. Como a instituição se consolidou juridicamente, foram necessários investimentos para regularização junto aos órgãos competentes. Dessa forma, o Instituto possuía um nome legal na praça e uma situação jurídica com algumas diferenças de uma empresa tradicional, em função de ser uma entidade sem fins lucrativos e de regimento estatutário. Conforme o estatuto, o principal avalista do ICBNA seria seu presidente, na época o Dr. Renato Barbosa:

Art. 53 – Compete ao Presidente:

- I. Dirigir, administrar e representar o Instituto ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente.
- II. Exercer a administração geral do Instituto, elaborando, em conjunto com os demais diretores, a proposta orçamentária para o exercício subsequente, e executá-la tal como aprovada pelo Conselho Administrativo;¹²⁹

Acredita-se que após a elaboração do estatuto e da inauguração, a ausência de registros se deva ao esvaziamento do quadro de sócios e da ausência dos principais “ícones” intelectuais que ajudaram a constituir a instituição. Desta forma, todas as responsabilidades se direcionaram para o presidente, fazendo com que o mesmo tivesse que arcar com as responsabilidades legais da instituição. Após quatro meses do

¹²⁶ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.10.

¹²⁷ VERISSIMO, Erico. **Olhai os lírios do campo**. 20 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

¹²⁸ TORRESINI, op. cit., p.83.

¹²⁹ ICBNA. Documentos de fundação. Estatuto.

último encontro entre a diretoria, em 19 de fevereiro de 1940, a ata foi preenchida pela última vez, com um breve relato sobre a criação do departamento comercial, que tinha como objetivo principal fortalecer as finanças do ICBNA. No mais, são mencionados alguns informes, sem a presença de nenhuma autoridade internacional e tampouco com indicação de quórum como nos demais encontros.

A análise do ICBNA será retomada a partir das fontes do acervo no próximo capítulo, a partir de 1943, ano que marcou a retomada das atividades do Instituto. Acredita-se que, em função da guerra, a instituição não funcionou e, com isso, houve mais tempo para organização interna, quitação de débitos etc. De acordo com a historiografia institucional, o ano citado também marca o início do ensino de línguas pelo ICBNA.

A questão da guerra fomenta uma reflexão interessante. Não poderiam as operações pré-conflito terem levado a um esvaziamento do Instituto talvez em função da dúvida sobre qual lado o governo de Vargas penderia. Há de se pensar também na entrada do Brasil na Segunda Guerra coincidir, justamente, com a retomada das atividades e o início do ensino de línguas. Será que não houve nenhum tipo de fomento financeiro por parte dos Estados Unidos a partir de 1943? Ou, pelo menos, as pessoas se deram conta do alinhamento do Brasil e ficaram mais confortáveis com a aproximação a um Instituto Binacional?

3. A CONSOLIDAÇÃO DO ICBNA A PARTIR DAS DÉCADAS DE 1940 E 1950:

Entre 1940 e 1943, há um hiato nos registros do ICBNA. A última reunião foi realizada em 19 de fevereiro de 1940¹³⁰, após isso, não se encontram vestígios que demonstrem os acontecimentos, nos anos que seguem até 1943, ano de início das atividades de ensino de inglês. Este “hiato” pode ter sido causado por inúmeros fatores associados a aspectos de organização interna, institucional e, também, fatores de influência externa, como por exemplo, a enchente de 1941, as consequências da equidistância pragmática e a transformação sociocultural na capital no decorrer do Estado Novo Vargasista.

Nesses intensos anos, o Brasil alinhou-se definitivamente com os Estados Unidos, além de romper relações com a Alemanha em 1942.¹³¹ Os reflexos deste alinhamento em Porto Alegre, conforme cita Luiz Carlos Carneiro, alteram a rotina da capital, a partir do dia 18 de agosto de 1942. Houve um comício de âmbito nacional, realizado nas principais capitais brasileiras, expressando total represália às ações do Eixo, seguido de manifestações em que a população saiu às ruas depredando de forma violenta tradicionais estabelecimentos de alemães, italianos, teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros.¹³² Havia uma onda de nacionalismo xenófobo tolerado pelas forças policiais conforme a descrição do autor.

O delegado de polícia Plínio Brasil Milano, ele próprio de descendência italiana, promoveu grandes e paranoicas perseguições entre esses imigrantes para chegar a mais óbvia das conclusões: os descendentes de alemães eram simpáticos ao arianismo e à causa de Hitler. A xenofobia que tomou conta da cidade se expressava pelos mais variados meios. Um deles era mandar calar a boca a qualquer um que estivesse falando idiomas estranhos aos seus ouvidos! E não foram poucos os que insistiram, que acabaram levando umas bordoadas e entregues a Guarda Civil como “perigosos” quinta coluna!¹³³

Coincidentemente, após esse alinhamento e a situação instável na capital, o ICBNA ressurgiu com uma estrutura organizada, descrita no Livro Digital como ideal para o ensino de inglês. Vale lembrar que, no último registro em ata¹³⁴, foi relatada a

¹³⁰ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.10.

¹³¹ HIRST, op. cit., p.31.

¹³² Lojas Renner, Guaspari, Casa Lyra, Bromberg, Sloper e Krahe.

¹³³ CARNEIRO, Luiz Carlos. **Porto Alegre – de Aldeia a Metrópole** – Porto Alegre: Marsiaj Oliveira; Oficina da História.1992. p.122-123.

¹³⁴ ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1940. p.11.

criação do departamento comercial que tinha como principal finalidade o fortalecimento das finanças institucionais. Seria apenas o departamento comercial e, conseqüentemente, a adesão de novos sócios os fatores responsáveis pela reestruturação do Instituto? Será que não houve nenhum tipo de apoio financeiro estadunidense em função do estreitamento das relações Brasil – Estados Unidos?

Os documentos do ICBNA na década de 1940 são fragmentados. Não permitem compreender os pormenores da expansão institucional. Portanto, os vestígios encontrados, diferentemente do apresentado no capítulo anterior, são baseados na narrativa institucional, utilizados em todos os materiais de divulgação posteriores ao período citado. Ao que parece, o desenvolvimento da instituição foi reforçado sistematicamente e a ata de fundação foi utilizada como referência principal na adaptação dos discursos que se sucederam nas décadas seguintes.

Portanto, a partir de agora, analisa-se as principais fontes da década de 1940: os demonstrativos de área ocupada, alunos, livros catalogados e sócios. As fontes citadas apresentam dados importantes para compreensão do processo de fixação do ICBNA na capital gaúcha. A questão que norteia o início da análise dos demonstrativos diz respeito à localização do Instituto, no início da década de 1940. A fonte abaixo (figura 06) mostra o endereço da sede do ICBNA no período citado. Trata-se de um recibo de aluguel referente ao mês de julho de 1940:

Banco Agrícola Mercantil Ltd.
E. J. EX-CAIXA (COOPERATIVA) SANTA CRUZENSE LTDA
Rio Grande do Sul Sede SANTA CRUZ Brasil

No. **Rs.** 150\$000 /

Recebemos de INSTITUTO CULTURAL BRASILEIRO NORTE-AMERICANO
a quantia de CENTO E CINCOENTA MIL RÉIS /

REF. AO ALUGUEL DO MÊS DE JULHO DE 1940, DA SALA N.4, DO EDIFÍCIO SITO À RUA
7 DE SETEMBRO, 1087.

p. p. Banco Agrícola Mercantil Ltd.
[Assinatura]




Mod. 168 A
— 1000-5-40 —

Figura 06: Recibo de aluguel – frente

No capítulo anterior, conforme mencionado, os três primeiros encontros do ICBNA foram realizados sem local fixo. Sendo o primeiro encontro realizado na casa do Cônsul Guy W. Ray, o segundo na sede do consulado norte-americano e o terceiro na Associação Comercial de Porto Alegre. Do quarto encontro em diante não foram mencionados os locais em ata. No verso do recibo de aluguel (figura 07), um dos sócios fundadores do ICBNA faz uma observação quanto à origem da fonte em 28 de agosto de 2001:

Este documento é um dos recibos referentes ao pagamento de aluguel, da 1ª sala ocupada pelo ICBNA, onde se deram reuniões prévias do Instituto, inclusive a sua fundação em 14/07/1938.

Depoimento dado pelo sócio-fundador Dr. Paulo Augusto Simões Pires a Luiz Carlos Bittencourt, 2º V. Presidente do ICBNA em 28/08/2001.

Paulo Augusto Simões Pires

Figura 07: Recibo de Aluguel – verso ¹³⁵

De acordo com Paulo Augusto Simões Pires, a fundação do ICBNA ocorreu na sede referida no recibo, o que difere das informações contidas na ata de fundação. Contudo, há duas informações divergentes quanto à localização do local da primeira reunião que deu início ao planejamento das atividades do ICBNA. Qual o local exato? Acredita-se que, após o terceiro encontro, todas as reuniões possam ter ocorrido no endereço do recibo. Entretanto, o demonstrativo de área ocupada da instituição apresenta uma expansão considerável no decorrer da década de 1940. Com isso, a instituição pode ter sido setorizada em diferentes endereços, pois além do demonstrativo de área ocupada, os registros de crescimento de alunos e livros catalogados apresentam crescimento entre 1943 e 1951.

¹³⁵ ICBNA. Documentos Contábeis: Recibo de Aluguel. Acervo Privado.



Figura 08: Demonstrativo da área ocupada pelo ICBNA ¹³⁶

O demonstrativo (figura 08) apresenta um crescimento gradativo da estrutura da instituição, sendo impossível que a mesma tenha realizado obras de expansão em um prédio já consolidado, o que não impede da instituição ter ocupado diferentes espaços no mesmo prédio. Observa-se que, em sete anos, a área de ocupação institucional triplicou. Vale lembrar que em 1940 o recém-criado departamento comercial tinha a missão de propagar para a sociedade gaúcha os benefícios de fazer parte do ICBNA. Porém, os registros que poderiam mostrar os trâmites da organização institucional entre 1940 e 1943 não existem. Teria a instituição aumentado a sua estrutura em meio ao processo de eclosão da guerra, impulsionada pela propaganda norte-americana? Se a base de reflexão for creditada à fonte e à historiografia, pode-se afirmar que sim.

¹³⁶ ICBNA. Documentos de fundação: Demonstrativo de área ocupada 1943 -1950.

Primeiramente, é preciso contextualizar a situação nacional e, conseqüentemente, compreender os reflexos na capital gaúcha. Trata-se de perceber se as relações entre Brasil e Estados Unidos tiveram alguma inferência que beneficiasse diretamente os centros binacionais no Brasil. As fontes do ICBNA mencionam a instabilidade mundial apenas no que se referia ao desejo dos intelectuais de viajar para os Estados Unidos e “usufruir” da cultura que apreciavam pelo cinema. A questão alemã jamais foi referenciada e o propósito de intercâmbio cultural seria calcado apenas no desejo de crescimento intelectual.

Do ponto de vista da estruturação do Instituto, pelo menos nas fontes existentes, não houve nenhuma referência mais direta à situação mundial. Foi como se o ICBNA estivesse numa realidade paralela ao complexo cenário global. A ditadura de Vargas também não é sequer mencionada. Por tratar-se de intelectuais próximos ao Cônsul Guy W. Ray, imaginava-se que, de certa forma, reproduziriam algum tipo de discurso pró Estados Unidos no sentido de apoio à guerra, principalmente após o ataque em Pearl Harbor e a imediata entrada dos norte-americanos no conflito.

A questão econômica e política permeia a historiografia sobre o tema. Entretanto, no âmbito cultural não se encontram registros no que diz respeito aos possíveis financiamentos oferecidos pela embaixada estadunidense, bem como investimentos da agência de Nelson Rockefeller direcionados aos centros binacionais na América. Não houve apenas o crescimento da estrutura do ICBNA, mas também do catálogo de livros da biblioteca. Conforme registros institucionais, durante décadas, a embaixada estadunidense enviou obras de arte, livros, periódicos e demais *souvenirs* que expressaram e difundiram sua cultura.

Nesse sentido, pode-se pensar que os investimentos financeiros na área da educação e da cultura talvez tenham sido executados através da proposta de intercâmbio cultural. Dessa forma, os investimentos não apareceram na historiografia, pois as análises deram ênfase apenas às questões relacionadas aos acordos bilaterais envolvendo as duas nações:

As negociações com o governo norte-americano foram seladas em um acordo militar secreto assinado pelos dois países em maio de 1942. Os “Acordos de Washington” previam o empréstimo de U\$\$ 100 milhões para o projeto siderúrgico brasileiro e um crédito de U\$\$ 200 milhões para a aquisição de material bélico – com base na lei norte-americana de empréstimos e

arrendamentos. Os novos termos dos laços com os Estados Unidos em seguida foram acompanhados pela decisão brasileira de romper relações com os países do Eixo – o que provocou o torpedeamento de cinco navios brasileiros por submarinos alemães.¹³⁷

Assim sendo, fica evidente que além dos investimentos na siderurgia nacional e nas Forças Armadas, houve também investimentos na área intelectual, porém de forma diferente do que é mencionado na historiografia. É preciso diferenciar propaganda de ação concreta. Os centros binacionais são parte integrante de outra frente de atuação estadunidense diferente, por exemplo, da difusão cultural através do cinema, literatura e rádio. A biblioteca do ICBNA pode ser um exemplo desse processo. Conforme mencionado no segundo encontro¹³⁸ dos intelectuais, a ideia da criação de uma biblioteca esteve presente no processo de desenvolvimento da instituição sob os auspícios do Cônsul Guy W. Ray.

O Livro Digital cita a importância da biblioteca para sociedade gaúcha, considerada como uma das maiores bibliotecas particulares do estado. A biblioteca de Haydée Leão de Madureira possuía um acervo de quase 40 mil exemplares, incluindo livros que contemplavam as literaturas norte-americana e brasileira. Havia também obras relacionadas às artes, música e outras expressões artísticas, assim como jornais locais, nacionais e as principais publicações norte-americanas, “oferecidas” pela embaixada dos Estados Unidos da América.

Não fica claro nas fontes como os primeiros livros foram adquiridos pela instituição e como seriam organizados, se haveria contratação de uma bibliotecária, se os sócios seriam responsáveis, se haveria empréstimo etc. Não há menção sobre o processo de estrutura, organização e funcionamento. Os relatórios mais precisos são posteriores, da década de 1950, já na presença da bibliotecária Haydée Leão de Madureira, apontada como principal responsável pelo setor por décadas.

Com relação ao demonstrativo de livros (figura 09) catalogados, no ano de 1943, a instituição possuía um número razoável de volumes para início das atividades. Comparando com a expansão da área ocupada, percebe-se que o aumento na aquisição de obras foi de quase 100%, o que leva a crer que a embaixada foi responsável por esse vertiginoso crescimento.

¹³⁷ HIRST, op. cit., p.30.

¹³⁸ Referido no segundo capítulo – páginas 41-42.

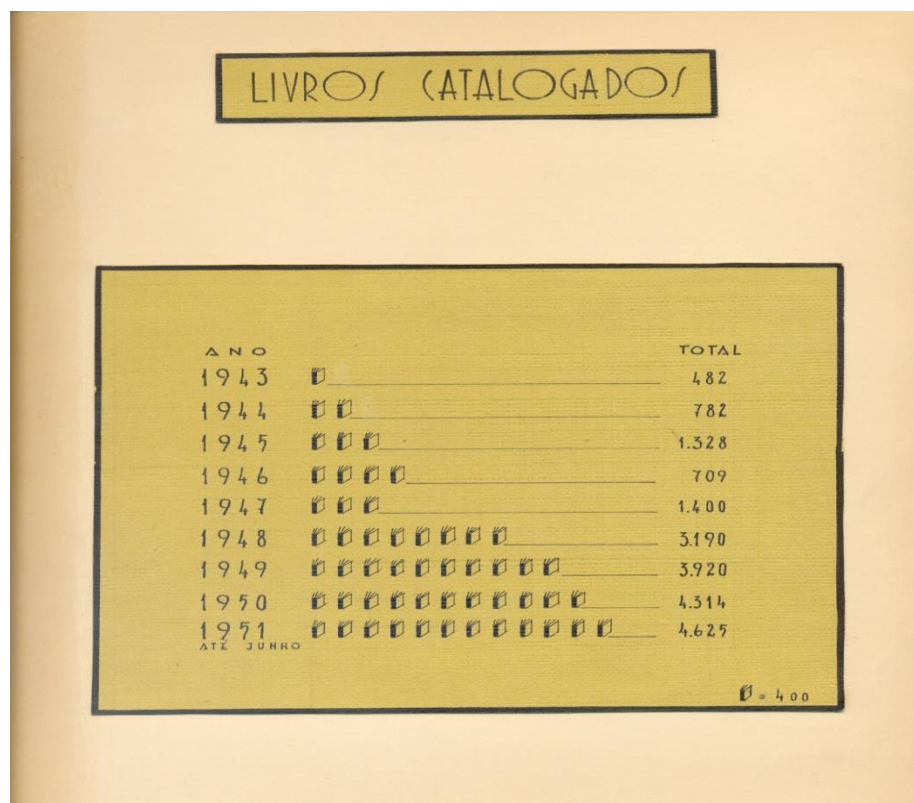


Figura 09: Demonstrativo de livros catalogados no ICBNA¹³⁹

Na tentativa de encontrar algum indício mais revelador que pudesse elucidar o início das atividades de ensino de inglês do Instituto paralelo à nova conjuntura que se consolidava no Brasil, analisou-se os relatórios relacionados aos decretos de lei entre a década de 1930 e 1940.¹⁴⁰

Os documentos analisados correspondem ao período em que a educação escolar foi considerada por Vargas como ferramenta fundamental de inclusão social. Educadores somados a uma grande maioria da população desejavam participar do processo de transformação social da época. Vargas difundia a ideia de que a educação

¹³⁹ ICBNA. Documentos de fundação: Demonstrativo de livros catalogados. 1943-1951.

¹⁴⁰ Carta a Monteiro Lobato, Constituição Federal 1934, Constituição Federal 1937, D22626-lei da usura 1933, Decreto 19.890- 1931 - Reforma Francisco Campos, Decreto 19.941-1931- Sobre o ensino religioso, Decreto 19402-1930, Decreto 21.241-1932 - Reforma Francisco Campos, Decreto-Lei 0580-1938 INEP, Decreto-lei 4.244-1942 - Reforma Capanema-Ensino Secundário, Decreto-lei 4.245-1942, Del5452-CLT-Consolidação das Leis do Trabalho 1943, Diário Oficial Estado do Paraná - DECRETO N.º 589 (10.03.1931) - Exposição de Motivos da Lei Orgânica do Ensino Secundário, Lei orgânica ensino comercial 1943, Lei orgânica ensino industrial 1942 e O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/index.html>. Acesso em 10 de março de 2014.

impulsionaria o progresso. Após a análise dos documentos oficiais, nada foi encontrado com relação à normatização de cursos livres, destinação de verbas ou isenção de impostos para os mesmos, bem como qualquer tipo de ligação na esfera educacional com os Estados Unidos.

3.1 A ascensão:

No Livro Digital, é mencionado que os primeiros professores eram nativos, apresentando uma foto do corpo docente (figura 10)¹⁴¹, nas décadas de 1940 e 1950. Porém, a explicação para a vinda de tais professores e a regulamentação da “docência estrangeira” em pleno Estado Novo não causa estranheza. Conforme os relatórios analisados anteriormente, em nenhum momento há menção sobre qualquer proibição sobre a entrada de norte-americanos no Brasil.

Se o ensino de inglês iniciou no ICBNA em 1943, período de guerra, seria a vinda dos professores parte de um acordo? A documentação oficial não menciona nada sobre a entrada de professores norte-americanos. Tampouco há registros de alguma ação nesse sentido no departamento de história estadunidense.¹⁴²

Ao que tudo indica, há uma questão de relevância do Governo Vargas com relação à difusão da cultura estadunidense. Sem contar que, nas reformas educacionais, a língua inglesa figurou entre as disciplinas desde a década de 1930. Entende-se que a intelectualidade brasileira manteve ligações com as instituições e com os agentes estadunidenses. Também não encontram-se registros sobre imigração norte-americana. Com relação à historiografia sobre o tema, o foco das produções pairam sobre as imigrações alemã, italiana e judia.¹⁴³

¹⁴¹ Da esquerda para direita: Miss Lu Schnapp, Mr. Paul Schelp e Mr. P.Ewing – Em Pé: Mr. Oscar Shelp, Mr. Charles Lewy e Mr. L.Rehfeldt

¹⁴² Disponível em: <http://history.state.gov/search?q=+teachers+Brazil+1943&within=edu>. Acesso em 10 de março de 2014.

¹⁴³ KUHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. 4.Ed.Porto Alegre: Leitura XXI, 2011.



Figura 10: Corpo docente ICBNA década 1940-1950 ¹⁴⁴

A estrutura inicial do ICBNA contava com 120 m², ocupados por uma pequena biblioteca com 482 obras, professores nativos e um entusiasmado grupo de intelectuais interessados na difusão do ensino de inglês, além do apoio constante do Cônsul estadunidense Guy W. Ray, presente desde o processo de fundação e expansão do Instituto. O quadro não poderia ser mais atrativo para o aumento gradativo de alunos e

¹⁴⁴ ICBNA. Documentos de fundação: Acervo fotográfico 1938-2010.

sócios e, além de tudo isso, para o incremento da propaganda norte-americana, no decorrer da guerra, da popularização do cinema e da literatura norte-americanos.

Embora a historiografia sobre Porto Alegre não mencione o ICBNA como parte da formação sociocultural da capital, as fontes institucionais apresentam que a influência estadunidense também se fez presente em momentos importantes da história gaúcha. Geralmente, algumas pesquisas sobre a história da capital apontam apenas a cultura francesa como predominante.¹⁴⁵ Entende-se que as décadas de 1930 e 1940 apresentam a difusão de ambas. Não se pode afirmar que houve predomínio de uma influência sobre outra. Há de se ponderar que, assim como nos dias de hoje, nas décadas passadas, houve alternância de influências, conforme os contextos e conjunturas internacionais e seus reflexos na América Latina:

Desembargadores, advogados, médicos, engenheiros, jornalistas, profissionais liberais, funcionários públicos, estudantes da Universidade de Porto Alegre e Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas circulavam nos cafés, que eram espaços de sociabilidades masculinas das elites e camadas médias urbanas. Todo cidadão de destaque social devia frequentar ao menos esporadicamente esses locais para ver os seus pares e ser visto. A boêmia literária, porém, era privilégio de um grupo seletivo de escritores que declamava autores franceses e brasileiros, em meio a fumaça dos cigarros e ao aroma do café e do chope de barril.¹⁴⁶

Continuando a análise das fontes, uma vez que a instituição não possui os registros financeiros da década de 1930 e 1940, é preciso interpretar os poucos indícios que remetem a estruturação inicial. Para isso, no que diz respeito ao início das atividades de ensino de inglês pode-se considerar os demonstrativos de alunos e sócios como espelhos das receitas do ICBNA nos primeiros anos. Porém, não se pode descartar algum tipo de apoio financeiro da embaixada estadunidense, principalmente, no pagamento do salário dos professores nativos.

Infere-se que houve apoio da embaixada no envio de livros para biblioteca e pagamento de salários aos professores nativos. Esse apoio permitiria que as mensalidades de alunos e sócios fossem direcionadas para os custos de aluguel e as primeiras contratações de funcionários dos quadros administrativos.

¹⁴⁵ MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas**: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

¹⁴⁶ GOUVÊA, P. Apud MONTEIRO, Op. cit., p.43.

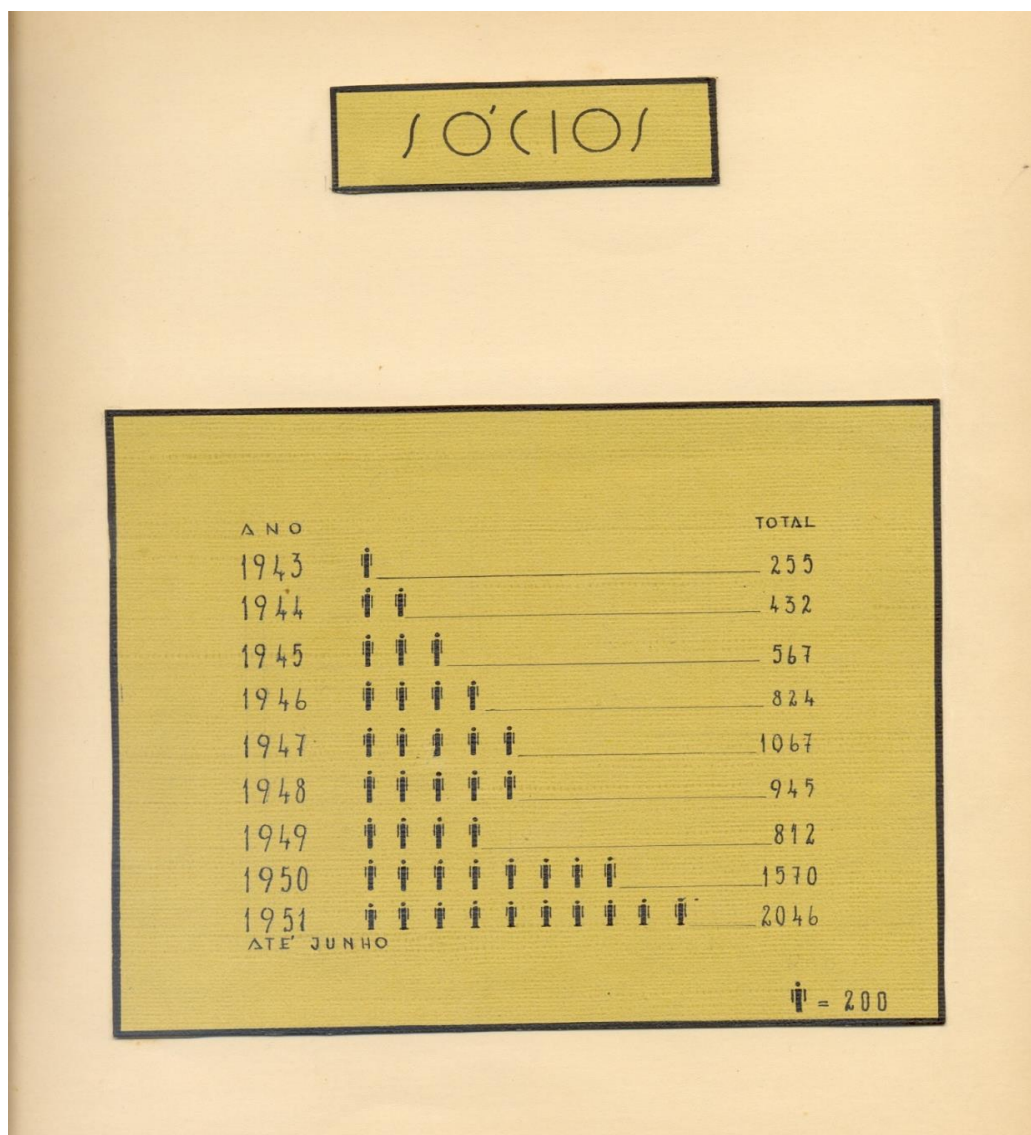


Figura 11: Demonstrativo de sócios do ICBNA¹⁴⁷

Desde os primeiros encontros até o início da década de 1940, a instituição já contava com 255 sócios (figura 11). Conforme as fontes, todos contribuíam mensalmente para as finanças do ICBNA e garantiam benefícios especiais nas atividades proporcionadas pela instituição. Os registros apontam que, entre 1938 e 1943, todos os eventos institucionais tinham cunho cultural. Porém, fontes que comprovem tal informação não foram encontradas. O fato é que o departamento

¹⁴⁷ ICBNA. Documentos de fundação: Demonstrativo de Sócios 1943 a 1951.

comercial do ICBNA, ao que tudo indica, conseguiu cumprir sua missão inicial de estruturar as finanças da instituição.

The image shows two identical blank receipt forms side-by-side. Each form is headed with 'I. C. B. N. A. DEPARTAMENTO COMERCIAL INFORMATIVO' and the address 'Secretaria : 7 de Setembro, 1156 - 4.º andar - TEL. 7688'. Below the header, there are fields for 'Rs.' (amount), 'Recebemos da firma' (signature), 'a quantia de' (amount), 'referente a sua mensalidade de' (monthly fee), 'Porto Alegre,' (location), and 'Selado' (sealed). The forms are designed for recording payments and are currently blank.

Figura 12: Recibo do Departamento Comercial¹⁴⁸

O recibo acima (figura 12) apresenta outro endereço, o que reforça a ideia de que a instituição pode ter sido setorizada em locais diferentes. Além disso, o recibo indica que o ICBNA possuía empresas associadas. Os relatos no Livro Digital indicavam que a instituição foi durante sete décadas referência de cultura para a sociedade gaúcha. Com isso, pode-se imaginar que as empresas podem ter iniciado parcerias com a instituição e oferecido os benefícios de ensino de inglês, eventos culturais e acesso à biblioteca para seus funcionários. Trata-se de pensar em estratégias desenvolvidas pelo departamento comercial para aumentar a carteira de alunos, sócios e a divulgação do Instituto. Nesse sentido, compreende-se que o número de alunos da instituição foi aumentando conforme as estratégias encontradas para época. O período de nacionalização alterou profundamente o sistema educacional.

¹⁴⁸ ICBNA. Documentos de fundação: Recibo do departamento comercial.

Além do que é comumente citado na historiografia sobre o período, a proibição do ensino de alemão e italiano também interferiu no sistema de ensino educacional privado. Segundo Fábio Kuhn, o quadro educacional privado era dramático.

Dessa forma, a “nacionalização” atingiu fortemente os currículos escolares, em especial as escolas alemãs, que não puderam mais ministrar suas aulas no idioma natal. O controle era tão severo a ponto de proibir até mesmo que os alunos conversassem em alemão durante os intervalos nos pátios das escolas... Os efeitos dessa campanha nacionalizadora foram dramáticos para o sistema educacional privado. Das quase dez mil escolas particulares católicas, evangélicas, e de outros credos que existiam no estado em 1938, somente duzentas sobreviviam em 1945, sendo que a maioria foi sumariamente fechada ou transformada em escola estadual.¹⁴⁹

Existiu alguma relação entre o período nacionalista da ditadura Vargas e o ensino de inglês na capital? Novamente, volta-se a questão sobre a relevância do governo ditatorial para com o ensino de inglês. O sistema educacional privado carecia de novas alternativas e o inglês já tinha espaço consolidado nos currículos da rede pública. Há de se ponderar também o ensino das demais línguas estrangeiras, como por exemplo, o francês que, através da Aliança Francesa, teve início na capital gaúcha somente em 1973.¹⁵⁰

Nos depoimentos gravados no Livro Digital, há um consenso que o ICBNA foi referência no ensino do idioma e na difusão cultural norte-americana. Tanto que a partir da década de 1950 foram ministrados cursos de formação para professores de inglês da rede pública. Portanto, a instituição e a oferta do ensino de inglês foram tomando espaço na sociedade, com grande receptividade por parte da elite intelectual porto-alegrense.

3.2 Os Efeitos da difusão cultural estadunidense:

A penetração cultural estadunidense deve ser analisada sobre vários aspectos. É preciso compreender os anseios da sociedade gaúcha e o desenvolvimento da capital no século XX. As transformações socioculturais foram globais, com reflexos acentuados nas capitais brasileiras. Os centros binacionais tinham um canal direto com a

¹⁴⁹ KUHN, op. cit., p.122.

¹⁵⁰ Disponível em: http://www.afpoa.com.br/wp/?page_id=159. Acesso em 12 de março de 2014.

embaixada norte-americana, interpretados pela elite que os compunham. Não há como pensar que as elites que fundaram os centros binacionais pelo Brasil estavam sendo “seduzidas”. Compreende-se que as mesmas possuíam interesses bem claros quanto à aproximação com a embaixada estadunidense em função das oportunidades que surgiam.

A elite gaúcha, considerada pela historiografia e também pela narrativa do Livro Digital como “elite intelectual”, foi responsabilizada pelos avanços culturais e pelas transformações na capital. Entende-se que essa elite intelectual porto-alegrense articulou-se na busca da cultura norte-americana que apresentava o poder através do trabalho e do consumo.

Nesse sentido, defenderam seus interesses particulares, suas pretensões de aperfeiçoamento. A sociedade gaúcha já estava interessada no que *Hollywood* tinha a oferecer. Diante disso, a estratégia estadunidense teve em certa facilidade de difusão:

A “magia do Tio Sam” nos contaminava já há algum tempo através de Hollywood, projetando sua civilização pragmática nas telas do Guarany, do Central, do Rex, do Roxi ou do moderno Vera Cruz, ali na Av. Borges de Medeiros. Hollywood ensinava que o bem sempre derrotava o mal, que o amor sempre se realizava e as “pessoas pequenas poderiam sonhar com a grande vida”. A indústria de mitos, com a guerra, voltava-se contra o Eixo, “mobilizando milhões de almas simples contra os novos vilões da história”. Não apenas mobilizando essas almas simples contra os vilões, mas, muito mais, conquistando para si, seus corações e mentes.¹⁵¹

Luiz Carlos Carneiro¹⁵² lembra que Erico Verissimo foi um dos intelectuais brasileiros convidados pelo “Coordinator” para uma visita aos Estados Unidos e cita que de lá trouxe ótimas impressões (figura 13). Erico Verissimo, Coordinator, Estados Unidos e ICBNA, coincidência? As boas impressões trazidas por Erico Verissimo influenciaram a sociedade em suas obras. Nesse caso, não se tratava da literatura norte-americana penetrando na sociedade, mas um gaúcho legitimando e ressaltando a cultura estadunidense. Talvez esse apoio da elite intelectual possa ter ajudado o crescimento do ICBNA, aumentando o interesse da sociedade em “usufruir” os benefícios da instituição.

¹⁵¹ CARNEIRO, op. cit., p.124.

¹⁵² Idem, Ibidem, p.124.



Figura 13: Palestra de Erico Verissimo 1942 ¹⁵³

No contexto internacional, conforme Leticia Pinheiro, de outubro de 1943 a fevereiro de 1945, as grandes potências reuniram-se para definir o mapa do novo mundo e novas instituições de controle internacional, como por exemplo, as Nações Unidas. Com o ingresso na Segunda Guerra, o Brasil garantiu lugar nas Conferências de Paz de Paris (1946), além do almejado assento no Conselho de Segurança da ONU.¹⁵⁴

A ditadura do Estado Novo já apresentava desgastes em função da contradição brasileira. O envio de tropas contra o Eixo e a manutenção de uma ditadura eram extremamente contraditórios e deflagraram os episódios finais de um período marcado por muita repressão e crimes ocultos pelo governo. O “pai dos pobres” não era mais unanimidade, nem mesmo para os Estados Unidos:

Os principais instrumentos de tortura mencionados em depoimentos no Congresso e registrados por David Nasser eram: o maçarico, que queimava e arrancava pedaços de carne; os “adelfis”, estiletes de madeira que eram

¹⁵³ ICBNA. Documentos de fundação: Acervo fotográfico 1938-2010.

¹⁵⁴ PINHEIRO, op. cit., p.26.

enfiados por baixo das unhas; os “anjinhos”, espécie de alicate para apertar e esmagar testículos e pontas de seios; a “cadeira americana”, que não permitia que o preso dormisse; e a máscara de couro. Era também prática comum queimar presos com pontas de cigarros ou de charutos e espancá-los com canos de borracha. Em alguns momentos o requinte era maior.¹⁵⁵

No regime autoritário de Vargas, existiam níveis profundos de tortura. Fato que em tese não foi ignorado pelo governo estadunidense. Na contradição Varguista, ao mesmo tempo em que seu governo efetuava perseguições e torturas, ingressava em uma luta contra os regimes totalitários na Europa, com um discurso de libertação.

Fabio Kuhn¹⁵⁶ relata que, em 1943, Cordeiro de Farias partiu com a Força Expedicionária Brasileira (FEB) rumo à Itália, onde participaria da guerra. O substituto foi Ernesto Dornelles e, conforme o autor, o fato coincidiu com o processo de redemocratização do país, pela Lei Agamenon (28/05/1945). As eleições foram agendadas para dezembro do mesmo ano, com um novo código eleitoral que permitia a formação de partidos políticos.

Voltando à análise da instituição, o ICBNA iniciou suas atividades de ensino de inglês com 214 alunos e, até 1951, alcançou 1390 alunos, com crescimento gradual ano após ano. A instituição se consolidou no cenário porto-alegrense, aumentou o número de alunos e sócios, expandiu sua área de ocupação e sua biblioteca. A ideia de um grupo de intelectuais havia alcançado seus objetivos. O inglês ganhava importância no decorrer da década de 1940. A Segunda Guerra com a participação brasileira, as obras de Erico Verissimo, suas viagens para os Estados Unidos, a Livraria do Globo e as traduções de literatos estadunidenses criavam um cenário muito favorável ao *American Way of Life*.

¹⁵⁵ CARVALHO, José Murilo de. Golpe militar, violência e exclusão. IN **História do Brasil para ocupados**: os mais importantes historiadores apresentam de um jeito original os episódios decisivos e os personagens fascinantes que fizeram o nosso país. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. p.193.

¹⁵⁶ KUHN, op. cit., p.123.

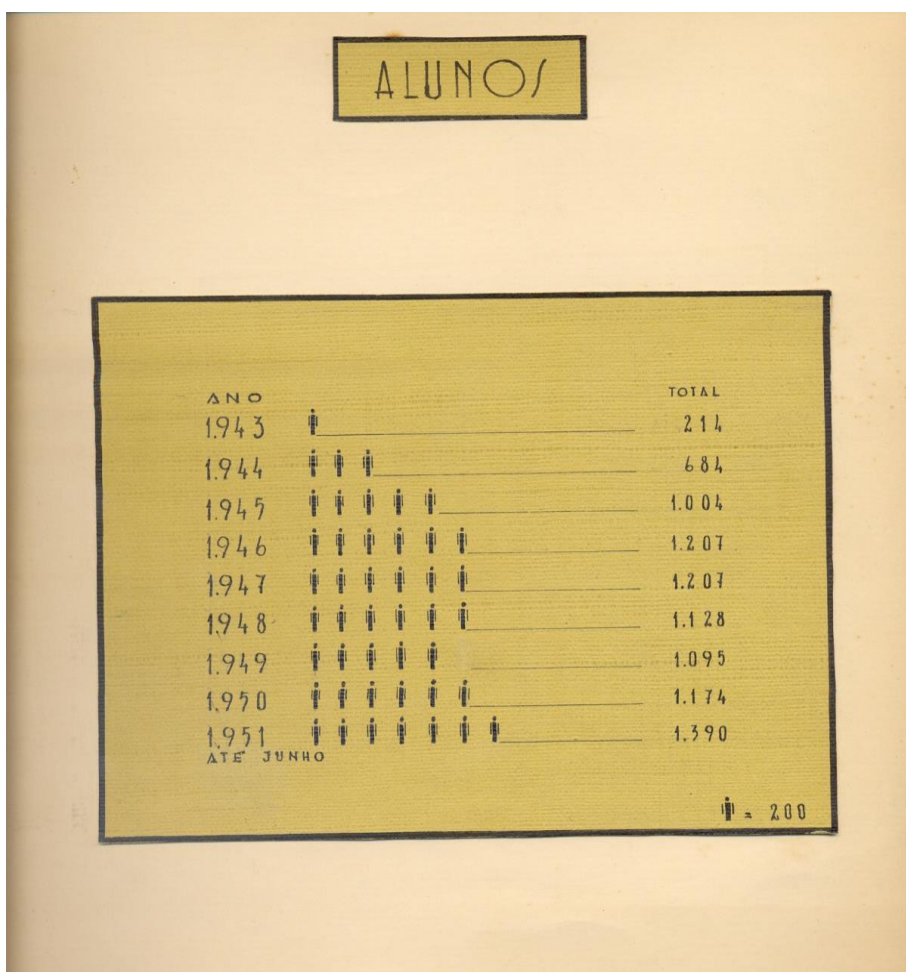


Figura 14: Demonstrativo de alunos do ICBNA¹⁵⁷

As influências norte-americanas também eram visíveis em outros aspectos que modificavam os costumes da cidade. Aos poucos, novos hábitos foram se tornando comuns na sociedade porto-alegrense. A estrutura física da capital também sofreu influência da arquitetura norte-americana. Entre os anos de 1943 e 1944, duas novas construções alteraram os modelos tradicionais de prédios na capital. O conhecido Edifício Sulacap e o prédio da antiga Mesbla. Era a inserção dos conceitos da Escola de Chicago em Porto Alegre.

Entretanto não era somente a alma da cidade a metamorfosear-se, também o corpo modificava e adquiria feições norte-americanas. Em 1943, começava a construção do Ed. Sulacap, um projeto feito no Rio de Janeiro pelo escritório de Roberto Capelo sob a responsabilidade do arquiteto Arnaldo Gladosh. O projeto

¹⁵⁷ ICBNA. Documentos de fundação: Demonstrativo de Alunos. 1943-1951.

de Gladosh era um exemplo arquitetônico de inspirações da “Escola de Chicago”. Pensando em 1938, ano em que Gladosh havia executado estudos para o plano diretor de Porto Alegre, fazia uma magistral utilização do espaço e cuidava de simplificar certos exageros característicos da escola inspiradora, bastante presentes nas torres nova iorquinas.¹⁵⁸

No Livro Digital, além da menção sobre o aspecto arquitetônico da capital, há mais uma informação sobre o passado cultural da capital que não consta na historiografia pesquisada. Os espaços culturais pareciam ser escassos na década de 1940. Com isso, as fontes institucionais informam que a galeria do ICBNA foi o primeiro espaço cultural para exposição de obras de artistas gaúchos. A informação foi confirmada pelo antigo diretor do MARGS e ex-presidente do Instituto Luís Inácio Franco de Medeiros:

Na verdade, a falta de galerias de arte na cidade fez com que o Museu se tornasse um local de exposições temporárias quando o acervo não estava exposto. Galerias, na época, havia a do Cultural Americano, que até hoje funciona e que revelou muitos dos mais importantes artistas daqui, como Vera Chaves, Eduardo Cruz, entre outros. Lembro de uma exposição muito interessante de arte pop, com artistas, quase todos estrangeiros, que me causou grande impacto, especialmente pelos suportes não convencionais, pelo abundante uso da cor. O Correio do Povo fez exposições esporádicas e depois parou. A Associação Chico Lisboa tinha uma pequena sala no Edifício União, onde também funcionava o Cultural, e havia sempre gravuras à venda e algumas expostas. Mas era uma sala pequena.¹⁵⁹

Conforme a narrativa institucional, a *Cultural Gallery of Arts* foi fundada em 1947 como um dos primeiros e mais importantes espaços das artes visuais do Estado. Seus eventos marcaram época, pois nela foram expostas obras de grandes nomes da arte local, nacional e internacional. O acervo de obras de arte da instituição é bastante considerável. Conforme o regulamento da galeria, os artistas poderiam utilizar o espaço sem qualquer custo adicional. Em troca, o ICBNA solicitava que fosse doada uma obra para seu acervo. Com isso, o acervo de obras de arte institucional tornou-se variadíssimo, pois além das obras dos artistas gaúchos, recebia também obras de artistas norte-americanos e de outros centros binacionais brasileiros.

¹⁵⁸ CARNEIRO, op. cit., p.125.

¹⁵⁹ MEDEIROS, Luís Inácio Franco de. Do Theatro São Pedro à Praça da Alfândega. Memória do Museu. Disponível em: http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_memo_efinalmente.php. Acesso em 10 de março de 2014.

Embora a galeria não tenha sido mencionada nos primeiros registros na ata da instituição, acredita-se que, entre 1938 e 1943, sua criação possa ter sido planejada pelo grupo de intelectuais em parceria com o Cônsul.

A narrativa institucional explica que os primeiros anos que antecederam o ensino de inglês foram voltados para atividades culturais. O fato é que após quatro anos de funcionamento do ICBNA, com ensino de inglês somado à ampliação da área de ocupação, foi possível semear a ideia entre a sociedade gaúcha de que a instituição abriria espaço para os artistas gaúchos.



Figura 15 : Exposição de Arte Folclórica José Lutzenberger ¹⁶⁰

¹⁶⁰ José Franz Seraph Lutzenberger. Em 1926, instalado em Porto Alegre e atuando junto à construtora Weis & Cia, casou-se com Emma Kroeff. Dedicou-se à vida acadêmica no então Instituto de Belas Artes da UFRGS, como professor de Geometria Descritiva, Perspectiva e Sombras, a partir de 1938. Sua primeira exposição individual em galeria de arte foi realizada somente em 1977, pela extinta Oficina de Arte, embora sua obra tenha sido mostrada no ICBNA em 1955, na SEC em 1960, no Instituto dos Arquitetos em 1966, pelo Círculo Militar em 1972 e na Galeria de Arte do Clube do Comércio em 1981. (Extraído do Catálogo da Exposição "José Lutzenberger – O Universal no Particular", no Espaço Cultural BFB, 1990, Porto Alegre/RS).

3.3 A consolidação do ICBNA:

A década de 1940 foi o período de crescimento e consolidação para o ICBNA. Além da difusão de inglês, a instituição se credenciava para tornar-se um pólo cultural para a sociedade que acompanhava ansiosamente as transformações do mundo. Após a queda de Vargas, Cylon Rosa foi nomeado interventor do Estado até 1947. No período pós-guerra e pós Estado Novo, ocorreu uma eleição democrática no Rio Grande do Sul. A vitória foi de Walter Jobim, que cumpriria seu mandato até 1951, sendo substituído pelo Cel. Ernesto Dornelles. Eurico Gaspar Dutra, apoiado por Vargas também foi democraticamente escolhido, após o nefasto período ditatorial para governar o país.¹⁶¹

Ao final da II Guerra Mundial a América Latina sofreu um rápido processo de transformação na configuração política da maioria dos seus governos. No Brasil, em outubro de 1945, após uma década e meio no poder, Getúlio Vargas foi deposto pelos mesmos militares que haviam articulado o golpe que instituiria o Estado Novo. Seu sucessor, o general Eurico Gaspar Dutra, foi sufragado por meio do mais amplo processo eleitoral que o país havia experimentado, tendo participado do pleito cerca de quatro vezes mais eleitores do que na eleição presidencial precedente.¹⁶²

E quanto aos Estados Unidos? Como se redefiniria sua política externa? O desenvolvimento estadunidense estava diretamente ligado ao sistema internacional e sua nova conjuntura. Após interferir por duas vezes em conflitos mundiais, os Estados Unidos estaria disposto a prevenção de futuros conflitos ou manter-se neutro até determinado momento, obrigando-se a interferir no equilíbrio global. Novos questionamentos surgiam com o fim da guerra e o cenário mais uma vez favorecia os Estados Unidos.

Comumente, o período é apresentado na historiografia como de transição imediata para a bipolarização mundial entre Estados Unidos e URSS. Porém, faz-se necessário perceber mais atentamente essas articulações e seus reflexos na América Latina. Economicamente, os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra Mundial extremamente fortalecidos, com status de nação mais poderosa do planeta. As bases instaladas nos países aliados permaneciam funcionais. As relações estreitadas tiveram

¹⁶¹ PINHEIRO, op. cit., p. 27-29.

¹⁶² MUNHOZ; SILVA, op. cit., p.165.

início ainda no pré-guerra e continuidade com a Política de Boa Vizinhança. Conforme Leandro Karnal¹⁶³, os Estados Unidos planejaram, antes do fim do conflito, uma ordem econômica pós-guerra, com os norte-americanos focados em conquistar novos mercados e a expansão de investimentos estrangeiros sem restrições ao fluxo de capital e bens.

O processo de construção da ordem patrocinada pelos Estados Unidos começou ainda durante a o conflito, nas Conferências de Dumbarton Oaks e Bretton Woods. Nessas conferências foram criadas, respectivamente, as Nações Unidas, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, definindo-se, ainda, novos parâmetros de relacionamento político e econômico para os países. Em meio ao caos da guerra, pelo menos no campo institucional, havia o aumento do comprometimento das nações, dos Estados Unidos de fato, com a instauração de uma certa estrutura capaz de ordenar e limitar as relações internacionais. No campo político, buscava-se a não-repetição do fracasso da Liga das Nações, embora a Organização das Nações Unidas trouxesse alguns de seus princípios, como os da segurança coletiva, segundo Ruggie, ela adotou, na verdade, um modelo híbrido.¹⁶⁴

Monica Hirst¹⁶⁵ destaca que a política internacional na América Latina esteve condicionada pela Guerra Fria. No caso brasileiro, a autora explica que expandiram-se as relações comerciais com os Estados Unidos. De 1947 a 1950, 60% das exportações brasileiras destinavam-se ao mercado estadunidense. O café era o produto responsável por mais de 60% das vendas externas. O governo de Eurico Gaspar Dutra seguiu o mesmo padrão de relações com os Estados Unidos no decorrer da II Guerra. Com isso, os estadunidenses tiveram o Brasil como fiel da balança na montagem do sistema interamericano.

Se as relações comerciais aumentaram entre Brasil e Estados Unidos, as culturais mantiveram uma crescente, levando em conta o desenvolvimento do ICBNA. Na década de 1950, Getúlio Vargas retorna ao poder substituindo a política diplomática do Governo Dutra pela outrora funcional barganha nacionalista, buscando pressionar diretamente os Estados Unidos.

Em sua campanha presidencial de 1950, Vargas defendeu a criação de uma empresa petrolífera nacional como um projeto prioritário de seu novo governo.

¹⁶³ KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2013. p.227.

¹⁶⁴ PECEQUILO, op. cit., p.132.

¹⁶⁵ HIRST, op. cit., p.34.

Em dezembro de 1951, foi enviado ao Congresso um anteprojeto que previa a criação da Petrobras como empresa de economia mista, com percentuais fixos para o capital nacional e o estrangeiro. Depois de quase dois anos de intenso debate, dentro e fora do Congresso, foi aprovada, em outubro de 1953, a Lei nº 2.004, que assegurava o monopólio estatal na pesquisa, prospecção, refinamento e transporte do petróleo.¹⁶⁶

Do ponto de vista institucional, no decorrer da Segunda Guerra e do Estado Novo, o ICBNA continuou a crescer. Com isso, o ininterrupto progresso da instituição não teve revés. As fontes da década de 1950 apresentam uma instituição mais articulada, com relações mais estreitas com o governo do estado. O decreto de utilidade pública havia sido conquistado após pouco mais de uma década de existência. Entretanto, não foram localizados os relatórios produzidos para que a instituição recebesse a condição de reconhecimento público.

O fato é que para qualquer instituição ser reconhecida como de utilidade pública, faz-se necessário reunir uma série de documentos e comprovar contrapartida social. Isso significa prestar inúmeros serviços a comunidade comprovados através de relatórios. Dessa forma, entende-se que o ICBNA, no decorrer da década de 1940 e início de 1950, estabeleceu-se como referencial na difusão cultural em Porto Alegre e deve ter produzido relatórios de contrapartida social, que expressassem benefícios diretos para a sociedade porto-alegrense.

¹⁶⁶ HIRST, op. cit., p.38.

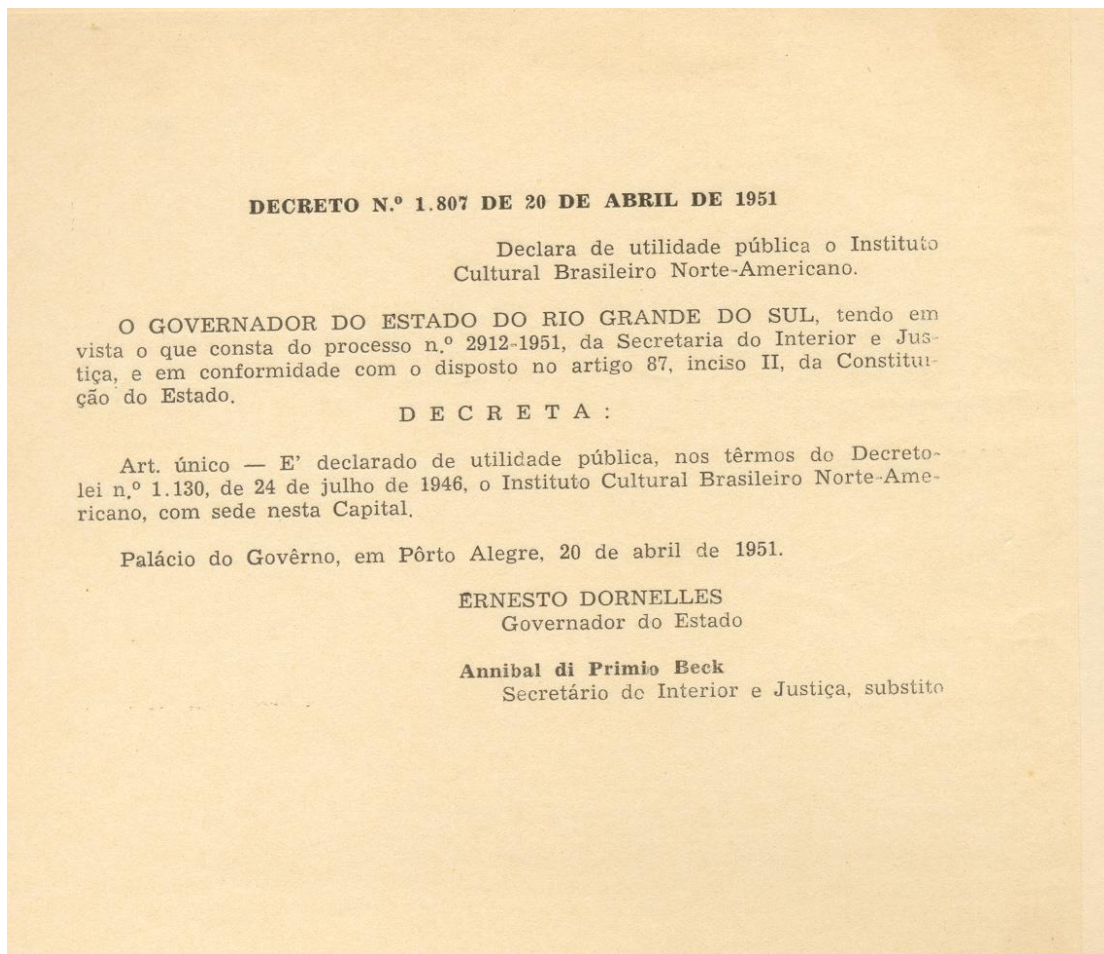


Figura 16: Decreto nº 1.807 de 20 de abril de 1951¹⁶⁷

A década de 1950 coloca o ICBNA em evidência inclusive para mídia. Logo após o Instituto ter sido decretado como de utilidade pública em 20 de abril de 1951, (figura 16) recebe a visita do embaixador estadunidense Herschel V. Johnson.¹⁶⁸ As visitas de embaixadores ao ICBNA foram constantes na narrativa do Livro Digital, porém, essa visita, em especial, é a primeira que recebe destaque midiático, assim como o Instituto (figura 17). O embaixador veio à capital a convite do governador Ernesto Dornelles. Aproveitando a oportunidade para prestigiar a inauguração das novas instalações do ICBNA, no 12º andar do Prédio União. Além do governador,

¹⁶⁷ ICBNA. Documentos de fundação: Decreto de Utilidade Pública Estadual, 1951.

¹⁶⁸ Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário (Brasil) Nomeado: 14 de abril de 1948 - Término da Missão: 27 de maio, 1953. Disponível em: <http://history.state.gov/departments/history/people/johnson-herschel-vespasian>. Acesso em 10 de março de 2014.

estavam presentes na recepção o General Olimpo Falconieri da Cunha, Comandante da 3ª Região Militar, o arcebispo metropolitano, Danilo Smith, comandante da Brigada Militar do Estado e o presidente do ICBNA Guilherme Moojen.



Figura 17: Recepção do Embaixador Americano e de sua comitiva no Palácio do Governo ¹⁶⁹

¹⁶⁹ ICBNA. Documentos de fundação: Acervo fotográfico 1938-2010.

A NOITE PAG. 12 — 15-5-1951



Flagrante tomado na inauguração das novas instalações do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano, vendo-se ao centro o embaixador Herschel V. Johnson, ladeado pelo governador Ernesto Dornelles e general Olímpio Falconiere da Cunha, comandante da 3.ª Região Militar, o arcebispo metropolitano, Dr. Guilherme Moojen, Danilo Smith, comandante da Brigada Militar do Estado, assim como outras pessoas da alta sociedade portalegrense.

INAUGURA-SE EM PORTO ALEGRE A NOVA SEDE DO INSTITUTO CULTURAL BRASILEIRO NORTE-AMERICANO

(REPORTAGEM DE DILERMANDO O. SCHAEWER)

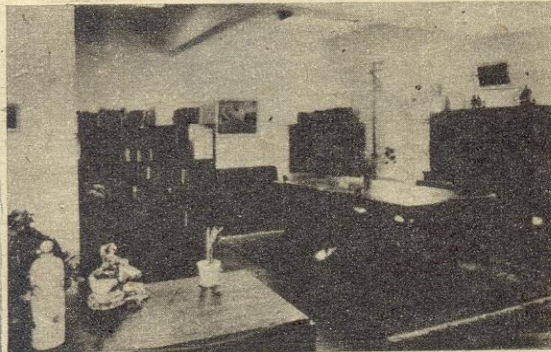
Conforme noticiou a imprensa, esteve em Porto Alegre o embaixador dos Estados Unidos, Sr. Herschel V. Johnson, a convite do governador Ernesto Dornelles.

Aproveitando a sua estada na capital gaúcha, o ilustre visitante inaugurou as novas instalações do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano, situadas no 12.º andar do Edifício União, que agora correspondem de modo total a quantos procuram aprender a língua inglesa. Conta o Instituto com uma riquíssima biblioteca e com várias salas de aulas, salão de festas e recepções e demais instalações de ordem administrativa.

Dirige os interesses daquela casa de fins culturais e aproximação entre os povos do Brasil e Estados Unidos, o Dr. Guilherme Moojen, que, coadjuvado pelos Srs. Danilo Coelho Smith, Armando Abrantes, De Koven Puldorf, Ivo Tonin, Halley Marques, Mario Araujo Azambuja e pelo adido cultural, Howard O. Hill, que vem imprimindo ao Instituto um grande surto de progresso, não só no tocante ao número de associados, que está em franca ascensão, como também no campo das realizações, pois, como no início fizemos menção, as novas instalações ora inauguradas bem testemunham este fato.



Na ocasião em que fazia uso da palavra o embaixador norte-americano, Sr. Herschel V. Johnson, inaugurando as instalações do Instituto.



Aspecto parcial da biblioteca do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano, cujas instalações ocupam todo o 12.º andar do Edifício União, na capital gaúcha.

Figura 18: Reportagem sobre a inauguração do ICBNA ¹⁷⁰

¹⁷⁰ ICBNA. Documentos de fundação: Hemeroteca 1938-2010.

A reportagem (figura 18) de Dilermando Schaewer elogia as novas instalações do ICBNA e destaca a presença do “ilustre” visitante estadunidense. O conteúdo do periódico assemelha-se à exaltação da narrativa contida no Livro Digital. A fase institucional parece ter chegado ao seu auge e, nos anos que seguiram, o aumento de alunos foi considerável. Conforme os apontamentos do Livro Digital, passaram pela instituição mais de 300 mil alunos em sete décadas.

Contudo, alguns trechos no discurso do Presidente do ICBNA, Guilherme Moojen (figura 19) merecem destaque:

Ao Senhor Governador Ernesto Dornelles muito agradecemos o apoio moral que vem prestando ao nosso trabalho, apoio este que culminou com a expedição, altamente significativa, do decreto que acaba de nos entregar, declarando que este instituto é de utilidade pública. Muito nos anima esta afirmação do Governo do Estado, pois ela traduz a compreensão de axioma de que todos os fatores sociais, econômicos e geográficos, militares no Brasil e nos EE. UU, nos conduzem a uma união fraternal. Dentro dessa sábia política, tem sido trabalho de nosso Ministério das Relações Exteriores e do departamento de Estado Americano desenvolver a aproximação de nossos povos. No terreno não oficial por seu lado, os Institutos Culturais Brasileiros Norte-Americanos procuram cooperar no sentido da aproximação individual entre cidadãos brasileiros e norte-americanos e entre instituições culturais de ambos os países.¹⁷¹

A declaração do presidente evidencia o apoio do estado nas atividades do ICBNA, o que nas primeiras décadas não era tão evidente. Além disso, coloca os centros binacionais no terreno não oficial, porém aproximando de maneira individual cidadãos brasileiros e norte-americanos. Com base nesse discurso, fica evidente que a existência dos centros binacionais era conhecida, apoiada e com vantagens, pelo menos na década de 1950. Em outro momento do discurso, o presidente do ICBNA revela que possui “muitos” cidadãos norte-americanos cooperando com o Instituto.

Consideramos um dever afirmar que a nossa obra é de conjunto no mais amplo sentido. Cada membro da diretoria do Instituto está identificado com o seu setor de atividade. Concomitantemente é digno de ser proclamado o trabalho verdadeiramente útil e patriótico que muitos cidadãos americanos vêm desenvolvendo ao nosso lado, em cooperação com as finalidades do Instituto. A citação dos nomes dos cidadãos dos nossos dois países que, entre nós, dão o melhor de seu idealismo desinteressado pela consecução dos fins do Instituto, seria enumerar uma longa lista e repetir um fato conhecido por todos os presentes. Na realidade, homens da indústria e do comércio – todos, brasileiros e norte-americanos – se irmanam, dentro das finalidades do Instituto, identificados num mesmo ideal de aprimoração cultural. Em geral as relações de caráter econômico têm um limite na balança de pagamentos. Entretanto, o comércio das ideias

¹⁷¹ ICBNA. Documentos de fundação: Discursos de inauguração 1951.

diz da alma e do sentimento das nações. Este último comércio não tem limites. Ele repercute, profundamente, na alma dos povos e acarreta, em profundidade e em extensão, tolerância, entendimento, compreensão, simpatia fraternal recíprocas de caráter eterno, que são a segurança da paz, do processo e da felicidade das nações.¹⁷²



Figura 19: Discurso do Presidente do ICBNA Guilherme Moojen¹⁷³

Aprimoração (sic) cultural é o termo utilizado pelo presidente do ICBNA para descrever as atividades “irmanadas” realizadas por brasileiros e norte-americanos. O discurso forte de Guilherme Moojen reitera a narrativa do Livro Digital no que diz

¹⁷² ICBNA. Documentos de fundação: Discursos de inauguração 1951.

¹⁷³ ICBNA. Documentos de fundação: Acervo fotográfico 1938-2010.

respeito aos anseios dos intelectuais que fundaram o ICBNA. O Instituto tornava-se um dos principais difusores da cultura norte-americana em Porto Alegre, com reconhecimento das autoridades do Estado.

O governador Ernesto Dornelles, em seu discurso, saúda a ação do Instituto e demonstra conhecimento das rotinas institucionais e da importância da entidade para a capital gaúcha. Todos os fatos até agora mencionados fazem parte de um universo de possibilidades ainda não mencionado na historiografia. São muitas alternativas de cruzamento presentes nas fontes institucionais e governamentais.

O discurso do governador é parte integrante do acervo institucional do ICBNA, porém não se trata de um documento oficial do Estado do Rio Grande do Sul, pois foi transcrito pelo setor comercial da instituição. A mídia da época não transcreveu na íntegra os discursos proferidos. O embaixador estadunidense (figura 20) fez um discurso breve e aparentemente contemplativo ao Estado do Rio Grande do Sul e para o ICBNA.

Considero-me imensamente satisfeito por estar neste momento em Porto Alegre, neste magnífico Estado do Rio Grande do Sul, quando em todas as Américas os povos que trabalham se unem para a construção de um mundo melhor, mais livre e mais pacífico. Digo que estou excepcionalmente satisfeito por ser esta, também uma terra de gente laboriosa e empreendedora. Estou aqui para juntar-me a vós outros na inauguração de um novo edifício onde, espero, muitos de vós vireis conhecer melhor o povo de meu país. Aprendemos sobre o Brasil e seu povo em nossos livros escolares. Nós, norte-americanos, sabemos sobre suas vastas terras cultivadas, suas florestas e seus grandes rios, sua bela capital e seus grandes empreendimentos industriais. E quando nós dos Estados Unidos, pensamos no Brasil, sabemos que sois nossos amigos. Vossa história nos enche de orgulho, tal como a nossa.¹⁷⁴

O Embaixador evidencia o trabalho como preponderante em nossa cultura. Quando cita o processo de industrialização, pensa-se no processo desenvolvido por Vargas que, coincidentemente ou não, esteve lado a lado com o desenvolvimento do ICBNA. A questão cerne a ser analisada diz respeito à ligação entre o Estado do Rio Grande do Sul, ICBNA e a embaixada. No decorrer dessa pesquisa, questionou-se o papel dos consulados e demais agências espalhadas pela América Latina. Após o estudo das fontes do ICBNA, pode-se imaginar os resultados do cruzamento dos processos de fundação de instituições como o Instituto pela América Latina.

¹⁷⁴ ICBNA. Documentos de fundação: Discursos de inauguração 1951.



Figura 20: Discurso do Embaixador Herschel V. Johnson 1951¹⁷⁵

Há mais um trecho que merece destaque no discurso do embaixador, no qual o mesmo menciona a fundação dos centros binacionais como sendo acontecimentos “espontâneos”, com objetivo apenas do estreitamento dos laços entre indivíduos com culturas diferentes. Ora, pelo que foi visto até o momento, incluindo o discurso do

¹⁷⁵ ICBNA. Documentos de fundação: Acervo fotográfico 1938-2010.

presidente do ICBNA, a espontaneidade foi embasada em interesses socioeconômicos, além de uma possível linha de ação da Política de Boa Vizinhança.

Com o mesmo espírito de amizade, desenvolveu-se na América Latina um sistema continental de organizações culturais bi-nacionais. Estas sociedades formaram-se espontaneamente, seu objetivo é estreitar os laços de amizade entre os Estados Unidos e os demais países do Hemisfério Ocidental. Estes laços são o resultado de um intercâmbio de ideias e conselhos que nos fazem apreciar nossas idênticas atitudes humanas. Por meio de nossos contatos nos setores culturais, somos levados a aumentar nossa compreensão e boa vontade mútuas. O estabelecimento desses centros culturais está, então, em acordo direto com o ideal do Dia do Pan-Americano.¹⁷⁶

Complementando as interpretações sobre os discursos proferidos, analisam-se as palavras do governador Ernesto Dornelles, para que seja possível encontrar nas entrelinhas do documento alguma informação que possa exemplificar os verdadeiros motivos pelos quais o ICBNA virou uma instituição de utilidade pública. Vale lembrar que todas as bibliotecas dos centros binacionais sempre ofereceram acesso gratuito à população, tendo em vista o acervo bilíngue do Instituto como um os fatores decisivos para a escolha por parte do governo.

Congratulo-me com os dirigentes desta casa pela expansão a que ela atingiu em poucos anos de funcionamento, o que bem demonstra a sinceridade da boa acolhida que lhe dispensou a culta população porto-alegrense e, de outra parte, a valia dos serviços que a instituição vem prestando ao nosso meio. O governo do Rio Grande do Sul traz seu aplauso a essa iniciativa e, para exprimi-lo de modo amplo e perdurável, nenhuma data, mas feliz do esta, em que comemoramos o Dia Pan-Americano. Comunico-vos que assinei hoje um decreto executivo que considera o Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano entidade de utilidade pública para que possa gozar dos benefícios a que faz jus. Ao fazer-vos essa comunicação, devo ainda exprimir a Sua Excelência o Senhor Embaixador Herschel V. Johnson, que temos a honra de hospedar, as saudações do Rio Grande, com os melhores votos de felicidade pessoal, em sua proveitosa atuação de representantes, no Brasil, da grande nação norte-americana.¹⁷⁷

¹⁷⁶ ICBNA. Documentos de fundação: Discursos de inauguração 1951.

¹⁷⁷ ICBNA. Documentos de fundação: Discursos de inauguração 1951.



Figura 21: Saudação entre o embaixador estadunidense e o governador do RS em 1951¹⁷⁸

No discurso do governador, há uma contradição ou, quem sabe, um jogo de palavras para impressionar o embaixador e os demais presentes na recepção. Trata-se da data referente ao decreto de utilidade pública. No documento apresentado anteriormente, a data registrada é 20 de abril de 1951. Porém, conforme o discurso do governador, no dia da recepção, em 15 de maio de 1951 foi assinado o decreto. Não que isso interfira na ordem dos acontecimentos, mas trata-se de uma informação divergente.

¹⁷⁸ ICBNA. Documentos de fundação: Acervo fotográfico 1938-2010.

Após a análise dos discursos, propõe-se refletir sobre as transformações da instituição. No decorrer da década de 1950 até o fim da década de 1960, o ICBNA também conquista o decreto de utilidade pública municipal conforme a narrativa do Livro Digital. A ascensão da instituição foi evidente e manteve-se pelas décadas futuras. Há de se ressaltar que, em apenas duas décadas, o desejo dos intelectuais fundadores tornava-se realidade.

O discurso de apoio mútuo e a visível necessidade de intercâmbio cultural foram uma constante. Entretanto, alguns questionamentos se fazem necessários. Como se deu a aproximação do ICBNA com o governo de Ernesto Dornelles? Como foi executado o processo de utilidade pública?

Poder-se-ia citar vários questionamentos, porém, prefere-se abrir caminho para novas pesquisas, principalmente no recorte escolhido neste trabalho. O tema não se esgotou, há de se refletir sobre as décadas de 1940 e 1950 sobre outras perspectivas. A questão cerne se resume a comparar se os processos de ascensão dos centros binacionais foram similares e quais os agentes envolvidos. Nos discursos proferidos pelas autoridades no momento de inauguração da sede nova do ICBNA, são mencionados muitos brasileiros e norte-americanos. Entende-se que os registros não totalizam todas as informações, mas sistematizam boa parte delas, por esse motivo a necessidade de fazer estudos comparativos entre os centros binacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início das primeiras reflexões sobre o ICBNA, não se imaginava que houvesse uma rede de centros binacionais espalhados pelo Brasil, quiçá na América Latina. Como toda pesquisa, as expectativas foram modestas, inocentemente projetadas para questionamentos de âmbito local e regional. Via-se uma importância em demasia na elite intelectual que fundou a instituição. Existia muita expectativa em trilhar os caminhos percorridos pelo grupo e, quem sabe, encontrar em suas biografias informações que pudessem justificar o que de fato significava o “Cultural Americano”¹⁷⁹, na memória dos sujeitos que por lá passaram.

Em todo o processo de compilação do Livro Digital, desde a análise das fontes até a gravação de depoimentos, apareciam respostas quase imediatas às problemáticas que surgiam. Definições induzidas pelo ambiente institucional e sua estratégia de encantamento, muito bem executada por seus colaboradores mais antigos. Contudo, pode-se afirmar que a pesquisa para o Livro Digital dissociou-se desse trabalho. A ruptura se deu no decorrer do aprendizado historiográfico e na reinterpretação das fontes institucionais, constantemente interrogadas no decorrer do processo de estudo do tema. Dessa forma, foi possível se libertar da influência institucional e perceber que o processo ocorrido em Porto Alegre, com suas devidas peculiaridades, possa ter se repetido em outras capitais.

Além da busca constante para não cair nas armadilhas criadas pela narrativa institucional, fez-se necessário superar os temores de trabalhar com um tema sem referências de outras pesquisas. Os centros binacionais ficaram de fora da historiografia sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos, conforme expressado em diversos pontos do texto. Com isso, a interpretação das fontes foi um solitário caminhar, uma construção calcada em algumas inferências, conciliadas com as análises que envolvem as relações entre os dois países.

A tentação em percorrer as sete décadas de história institucional esteve presente na elaboração do projeto inicial. Existia um acervo inédito a ser interpretado,

¹⁷⁹ Expressão utilizada por alunos, antigos colaboradores, sócios em seus depoimentos no Livro Digital do ICBNA.

mas o bom senso permaneceu. Optou-se por um recorte temporal mais modesto, porém rico em nuances. Praticamente duas décadas, duas fases distintas, interligadas por um processo de crescimento gradual e seletivo. Como resultado, a construção crítica de uma narrativa paralela a institucional, tendo como base as mesmas fontes, porém com anseios diferenciados.

O ICBNA, a partir da década de 1950, consolida-se na capital gaúcha como um referencial não apenas no ensino de inglês, mas também como um dos difusores culturais da cidade. Conforme a narrativa institucional, passaram pelo Instituto aproximadamente 300 mil alunos, sem contar os inúmeros artistas nacionais e internacionais, além de figuras ilustres que fizeram e ainda fazem a história do Rio Grande do Sul. Com isso, a entidade sem fins lucrativos teve como missão tornar-se o principal agente de integração entre as culturas brasileira e estadunidense, pelo menos em tese.

Em busca de seus objetivos, o ICBNA, entre as décadas de 1950 e 1960, adquiriu um terreno na Rua Riachuelo nº 1257, no qual seria construída sua sede própria através dos esforços combinados do conselho deliberativo, diretoria e conselho fiscal. Após a conquista da sede, a instituição investe para ampliar sua capacidade de difusão do inglês, além de obviamente buscar a projeção de sua marca na capital. A conquista do decreto de utilidade pública abriu o caminho para uma série de parcerias e acordos com demais instituições consagradas no Rio Grande do Sul.



Instituto Cultural Brasileiro Norteamericano

Declarado de utilidade pública estadual e municipal
ED. UNIÃO — AVENIDA BORGES DE MEDEIROS, 261 — 12.º ANDAR
PÔRTO ALEGRE — RIO GRANDE DO SUL — BRASIL

ATA DA SOLENIDADE DE LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO EDIFÍCIO SEDE DO INSTITUTO CULTURAL BRASI LEIRO NORTEAMERICANO.-

O Instituto Cultural Brasileiro Norteamericano, entidade declarada de utilidade pública Estadual e Municipal, fundado em 1938, aos vinte e quatro dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e sessenta e nove, nesta cidade de Pôrto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, na Rua Riachuelo nº 12 57, Zona Centro, procedeu ao Lançamento da Pedra Fundamental de seu Edifício Sede. A Diretoria do Instituto, composta pelos Srs Cyro Guimarães Fernandes - Presidente; João Carlos Krahe - 1º Vice - Presidente; Ivo Wolff - 2º Vice-Presidente; Philix Aragon - Secretário; Almiro Eugênio Barichello - 1º Tesoureiro; Leopoldo Boek - 2º Tesoureiro; José Truda Palazzo - Diretor Cultural; Ciro Ney Whited - Diretor Social; Ivo Sefton de Azevedo - Diretor de Biblioteca e o Sr Presidente do Conselho Deliberativo - José Truda Palazzo, fizeram convite para a cerimônia ao Exmo Sr. Governador do Estado do Rio Grande do Sul - Coronel Walter Perachi Barcellos, Exmo Sr. Presidente da Assembléia Legislativa - Deputado Octávio Germano, Exmo Comandante do 3º Exército - General Emílio Garrastazu Médici, Exmo Sr. Prefeito Municipal - Engenheiro Telmo Thompson Flôres, Exmo Sr. Cônsul dos Estados Unidos da América do Norte - Sr Ashley Hewitt, Jr, Exmo. Sr. Adido Cultural junto ao Consulado Americano - Sr Ciro Ney Whited, Exmo Sr. Vice-Cônsul dos Estados Unidos da América do Norte - Sr Robert Lane, às autoridades Eclesiásticas, Cíveis e Militares. Foram também convidados os membros do Conselho Deliberativo e os Sócios do Instituto, além de convidados especiais que igualmente assinam a presente ata, sendo desenvolvido o programa, elaborado e constante do seguinte: I. - Discurso do Sr Presidente do Instituto - Dr Cyro Guimarães Fernandes. II. - Discurso do Adido Cultural junto ao Consulado Americano - Sr Ciro Ney Whited, que falou em nome do Cônsul dos Estados Unidos da América do Norte. III. - Discurso do Sr Professor Say Marques, representando o Sr Presidente do Conselho Deliberativo e na qualidade de ex-presidente do Instituto. A solenidade foi encerrada aproximadamente às onze horas, de tudo se lavrando a presente ata.-

Figura 22: Ata de lançamento da pedra fundamental ¹⁸⁰

¹⁸⁰ ICBNA: Documentos de fundação: Ata de lançamento da pedra fundamental.

Conforme o Livro Digital, a integração da sociedade porto-alegrense com o ICBNA foi intensa. Coquetéis, recepções, mostras, recitais, shows, espetáculos de dança, inaugurações e importantes visitas levaram “pequenas multidões” ao Instituto. A narrativa com base nos depoimentos de Luís Inácio Franco Medeiros menciona diversos nomes considerados expressivos na vida pública e artística do estado. Governadores, prefeitos, embaixadores, ministros, jornalistas, dentre eles nomes como o ex-governador do Rio Grande do Sul Synval Guazzelli, Ivete Brandalise, Célia Ribeiro, Paixão Cortes, José Fogaça, Luís Fernando Verissimo, Luiz Carlos Lisboa, Celso Loureiro Chaves, Germano Bonow, até mesmo a presença da atual Presidente da República, Dilma Rousseff, além de todos os principais pianistas brasileiros.

As afirmações de Luís Inácio Franco Medeiros não foram analisadas, por serem posteriores ao período pesquisado. Entretanto, o acervo fotográfico da instituição é vasto e apresenta algumas personalidades que foram mencionadas por ele. Há ainda uma afirmação curiosa que também não é objetivo desse trabalho, na qual o ex-presidente explica que a ligação entre o Rio Grande do Sul e Estados Unidos já remonta desde os tempos da Guerra dos Farrapos, quando os lenços maragatos teriam sido “impressos” em Chicago. Além de Erico Verissimo, foram presidentes da instituição, por exemplo, o historiador Dante de Laytano, o fundador da Feira do Livro Say Marques e o Ministro Moyses Vellinho.

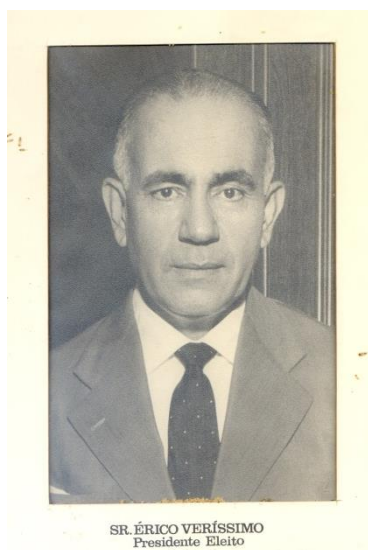


Figura 23: Érico Verissimo¹⁸¹

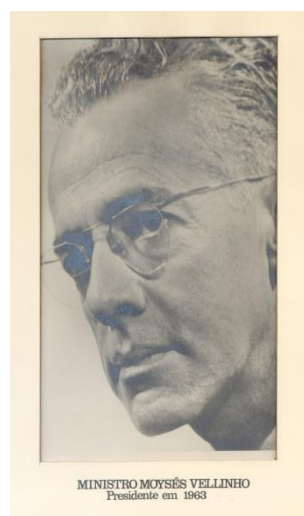


Figura 24: Ministro Moyses Vellinho¹⁸²

¹⁸¹ ICBNA: Documentos de fundação: Acervo fotográfico.

¹⁸² ICBNA: Documentos de fundação: Acervo fotográfico.



FIGURAS DO CULTURAL




DANTE DE LAYTANO
PRESIDENTE 1954-55
Foi juiz de direito, professor e escritor. Lecionou nas faculdades de Filosofia e Comunicação Social da PUCRS e faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFRGS. Entre suas obras estão "Congadas", "Lendas do Rio Grande do Sul" e "Folclore do Rio Grande do Sul".

SAY MARQUES
PRESIDENTE 1956-57
O jornalista Say Marques, diretor-secretário do Diário de Notícias, foi o idealizador da Feira do Livro, que teve a sua primeira edição em 1955. Inspirando-se em uma feira que havia visitado no Rio de Janeiro, o jornalista convenceu livreiros e editores de Porto Alegre a organizar o evento. A intenção era popularizar o livro e o mercado livreiro da cidade e do Estado. Até então, as livrarias gaúchas eram consideradas elitistas. Foi por isso que o lema dos fundadores da Feira era "Se o povo não vem à livraria, vamos levar a livraria ao povo". Escreveu o jornalista Walter Galvani sobre aqueles tempos: "Naquele bom começo, o grande ausente fora o escritor mais conhecido do Rio Grande do Sul. Os jornais do dia 25 de novembro noticiavam, com grande destaque, que Erico Veríssimo, "depois de três anos e meio servindo na OEA, chegaria ao Brasil pela primeira vez depois desta longa ausência e seria homenageado pelos colegas e amigos". Mas isso se deu depois do encerramento da Feira, no dia 30 de outubro".

Figura 25: Figuras do cultural ¹⁸³

Graças ao acervo fotográfico do ICBNA, apresentado no Livro Digital, foi possível saber que houve cursos de formação de professores da rede pública, apresentações do Coral do ICBNA, em parceria com Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), palestras abertas ao público, entre outros eventos de cunho acadêmico. Estreitaram-se também os laços com a cultura gaúcha, representada na figura de Paixão Cortes, em que foram estabelecidos eventos que promoviam exibições de danças típicas gaúchas e norte-americanas, as chamadas *square dancing*.

Nas décadas do Regime Militar, o acervo institucional não traz nenhuma menção à dura realidade enfrentada pelo país, muito pelo contrário, assim como no

¹⁸³ Disponível em: <http://www.cultural.org.br/Livro70anos/Default.htm>. Acesso em 10 de outubro de 2012, p.54.

período do Estado Novo, a instituição manteve-se focada em suas atividades, neutra, não demonstrando qualquer posição pró ou contra o sistema implementado no país. Neste período, em 1971, é inaugurado o Edifício Joaquim Nabuco, construído sobre o terreno adquirido na década de 1950.

A sonhada sede própria do ICBNA, muito bem localizada, próxima à Biblioteca Pública e ao Palácio Piratini foi finalizada. Graças a esse feito, um grupo de ex-presidentes, dentre eles Erico Verissimo, Guilherme Moojen e Dante Laytano assinaram uma carta saudando o então Presidente e engenheiro Cyro Guimarães Fernandes pela execução do projeto, além de sugerir que o nome do prédio fosse Joaquim Nabuco:

Na qualidade de ex-presidentes do Instituto Cultural Brasileiro Norte – Americano, vimos, antes de mais nada, manifestar-lhe as nossas mais efusivas congratulações pela maneira feliz com V.S. conseguiu, mercê de seus incontestáveis dotes de administrador, levar a bom termo a realização dessa magnífica obra que foi o sonho dourado de todos nós – a construção de Sede própria do nosso Instituto. Entidade brasileira, fundada por brasileiros, constituída segundo as leis brasileiras, nada mais apropriado do que ter tido o ICBNA a oportunidade de fazer construir sua própria casa com os seus próprios recursos. Disto todos nós orgulhosamente nos ufamamos. Como o nosso Instituto tem por finalidade promover o conhecimento recíproco da cultura do Brasil e dos Estados Unidos, facilitando a intensificação da amizade e natural intercâmbio entre os dois países, queremos sugerir a V.S. seja dado ao nosso prédio o nome de “Edifício Joaquim Nabuco” e assim o fazemos pelas razões que passamos a expor. Vulto dos mais eminentes de nossa História destacou-se Joaquim Nabuco sobremaneira como um dos grandes incentivadores das boas relações de amizade entre os povos do Brasil e dos Estados Unidos. Não se encontrará na História de nossa pátria outra figura que melhor represente e simbolize o anseio de intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos do que Joaquim Nabuco.¹⁸⁴

Um ano após a inauguração, a instituição recebe a visita intermediada pela embaixada norte-americana dos astronautas norte-americanos James Lovell e Donald Slayton. Conforme as fotos, o evento foi amplamente divulgado e obviamente a agenda dos dois astronautas não contemplava a visita apenas ao ICBNA.¹⁸⁵

Neste mesmo período, a instituição já possui uma agência consular, direcionada ao atendimento de norte-americanos em Porto Alegre, além de um

¹⁸⁴ ICBNA. Documentos de fundação: Homenagem à Cyro Guimarães Fernandes, 1971.

¹⁸⁵ No decorrer da década de 1970 algumas universidades brasileiras receberam para seus planetários o projetor Space Master do Ministério da Cultura, dentre elas a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por esse motivo, os astronautas James Lovell e Donald Slayton foram convidados pouco antes da inauguração do planetário Prof. José Baptista Pereira. Disponível em: <http://issuu.com/ufrgmuseu/docs/remamcatalogo/22>. Acesso em 12 de março de 2014.

laboratório para aplicação de testes internacionais, o que tornou a instituição ainda mais popular entre os estudantes que almejavam estudar no exterior. Em 1978, foi fundado o Auditório Erico Verissimo, palco de importantes shows locais, nacionais e internacionais. Conforme as fontes institucionais eram frequentes os grandes shows internacionais de jazz, trazidos pelo consulado norte-americano, como o show de Gerry Mulligan, um dos mais importantes saxofonistas americanos. Jazz, rock, MPB e artistas locais eram as principais atrações culturais que se apresentavam no auditório, que também tinha como preocupação a abertura para talentos locais que estavam no começo de suas carreiras. Além de música e dança, os espetáculos cênicos e peças de teatro também tiveram espaço no Auditório Erico Verissimo, através do projeto Drama Club, uma ação cultural voltada para alunos, ex-alunos, sócios e interessados em atividades teatrais em inglês, encenando principalmente obras de autores e dramaturgos norte-americanos.



Figura 26: Inauguração do auditório Erico Verissimo¹⁸⁶

¹⁸⁶ ICBNA. Documentos de fundação: Acervo fotográfico.

O ICBNA entre as décadas de 1980 e 1990, construiu filiais em bairros tradicionais de Porto Alegre, Petrópolis, Moinhos de Vento e Tristeza, buscando ampliar sua área de atuação e principalmente estabelecer o ensino de inglês por toda a capital. Nas décadas subsequentes, os investimentos da embaixada parecem ter diminuído, o ensino de inglês se propagado através de outras redes privadas e o ICBNA, preso ao glamour de sua fundação, não conseguiu acompanhar as novas exigências de mercado.

A instituição cedeu sua marca, por cinco anos, para um grupo multinacional exercer as atividades de docência na língua inglesa. Sem o ensino de inglês, tentou projetar-se novamente no cenário cultural, assim como no início de suas atividades na década de 1930, mas sem sucesso, o que fatalmente coincidiu com o aluguel de alguns andares de sua sede, venda das filiais e da biblioteca. As únicas atividades exercidas pela instituição são os projetos sociais em parceria com a embaixada norte americana. O acervo atualmente está acondicionado de maneira imprópria em um box mantido pela instituição na zona norte de Porto Alegre.

As considerações iniciais da pesquisa alteraram a estrutura do projeto. Não se tratava de estudar a vida e a obra de cada intelectual como as fontes do Livro Digital estimulavam, mas sim de encontrar suas ações explícitas ou implícitas nos documentos institucionais, dando ênfase apenas à história institucional e não exaltando os fundadores que faziam parte da elite intelectual da época. Para tanto, tornou-se imperativo fazer o estudo das referências sobre a política externa estadunidense, discutidas no primeiro e no terceiro capítulo. Percebeu-se nessa etapa que as discussões historiográficas sobre as ações estadunidenses giravam em torno da Política de Boa Vizinhança, a partir de 1940, contemplando as dinâmicas socioculturais e sociopolíticas na América Latina de maneira muito superficial.

Após esse breve histórico, faz-se necessário refletir sobre alguns apontamentos mencionados no decorrer da pesquisa. Inicialmente, com relação à ação dos consulados e embaixadas estadunidenses, embora não tenha sido considerada como parte integrante da Política de Boa Vizinhança, acredita-se que, através de suas articulações por toda a América Latina, seja no suporte para construção de centros binacionais e demais instituições de ensino de inglês, seja na ajuda à elite intelectual latino-americana para estudo nos Estados Unidos, foi determinantes, no mínimo, para

consolidar o formato da política externa cultural e educacional a ser adotada por Franklin Delano Roosevelt. Portanto, as ações dos agentes e órgãos estadunidenses necessitam ser profundamente analisadas, país por país, antes que se possa afirmar o que de fato foi a Política de Boa Vizinhança na América Latina.

Há de se pensar também que os órgãos norte-americanos tiveram interesses diversificados que podem ter convergido em pontos específicos. Trata-se de interpretar as ações estadunidenses considerando não só os aspectos culturais, mas também as ofertas de aperfeiçoamento acadêmico, convênios entre universidades e os interesses das diferentes elites intelectuais da América Latina.

Os centros binacionais são exemplos da convergência, de múltiplas ofertas de aperfeiçoamento num único local. Ao mesmo tempo em que houve a oferta do ensino de inglês, também houve a oferta de testes de proficiência, além de oportunidades para diversas atividades culturais. No caso do ICBNA, o conhecido Cultural Grad, durante décadas, manteve contato com todas as universidades dos Estados Unidos, além de desenvolver programas com instituições como *Education USA*¹⁸⁷, Comissão Fullbrich¹⁸⁸ e Companheiros das Américas¹⁸⁹.

Como foi abordado no primeiro capítulo, a Associação dos Centros Binacionais da América Latina possui aproximadamente 265 centros binacionais vinculados à instituição, espalhados por todo continente latino-americano. Acredita-se que a fundação de boa parte deles esteve ligada às ações de agências e órgãos estadunidenses, em conjunturas diferentes, conforme cada país.

Portanto, as inferências dos Estados Unidos sobre a América Latina não foram uniformes. Estiveram condicionadas às particularidades de cada país, além dos interesses estadunidenses diversificados conforme cada região. Entende-se, então, que os estudos sobre o tema necessitam invariavelmente de uma revisão no que diz respeito às diversas frentes de ação norte-americanas. Significa ampliar as problematizações e não apenas continuar as análises observando apenas as tomadas de decisão do governo Roosevelt.

¹⁸⁷ Disponível em: <http://www.educationusa.info/>. Acesso em 15 de março de 2014.

¹⁸⁸ Disponível em: <http://www.fulbright.org.br/>. Acesso em 15 de março de 2014.

¹⁸⁹ Disponível em: <http://www.partners.net/partners/default.asp>. Acesso em 15 de março de 2014.

No caso brasileiro, torna-se necessário refletir sobre todas as instituições que, no decorrer das três primeiras décadas do século XX, foram fundadas com objetivos de difusão cultural e educacional. Não se direciona aqui o foco única e exclusivamente para os centros binacionais, mas também para instituições de fomento a pesquisa, bolsas no exterior e clubes fundados por norte-americanos.

Diante disso, deve-se, todavia, compreender todas as nuances a partir da era Vargas, pois foi a partir da década de 1930 que ocorreram as articulações de fundação das primeiras instituições difusoras da cultura norte-americana em solo brasileiro. Compreende-se que, durante o Estado Novo, a campanha de nacionalização andou paralelamente à difusão de inglês. Não houve qualquer tipo de incentivo por parte do governo brasileiro, mas também não houve nenhum impedimento para que o intercâmbio cultural ocorresse. O espaço foi ocupado pela cultura estadunidense, desejada pelas elites intelectuais no Brasil. Há a ascensão dos regimes totalitários na Europa e o regime totalitário de Vargas de um lado e de outro, a neutralidade norte-americana amparada em interesses econômicos, sendo esses estrategicamente alcançados, em parte, através da difusão de sua cultura.

Sendo assim, o pêndulo de Vargas entre Alemanha e Estados Unidos carece ainda de estudos mais específicos, focados não apenas nas Relações Internacionais, ou então, nas análises historiográficas focadas nos aspectos econômicos e políticos, mas sim de um mapeamento das instituições difusoras da cultura norte-americana, suas relações com a embaixada, bem como as diferentes elites intelectuais e suas aspirações no período. Após isso, talvez seja possível compreender como a Política de Boa Vizinhança foi aplicada no Brasil e como os agentes estadunidenses agiram no decorrer das três primeiras décadas no século XX.

No segundo capítulo, alguns questionamentos foram levantados e de certa forma respondidos no último capítulo. Contudo, algumas fontes institucionais seriam determinantes para que se pudesse ter uma ideia melhor do alcance do ICBNA na sociedade porto-alegrense. A instituição possui um arquivo cardex, com todas as fichas de alunos desde 1943. Porém, infelizmente, não foi permitido ter acesso ao arquivo, pelo menos até o momento de finalização da coleta de fontes. Por esse motivo, preferiu-se deixar essa parte da pesquisa para o futuro, tendo em vista que o tema não se esgota por aqui.

O estudo sobre a criação do ICBNA pode ser complementado pela análise das personalidades que fizeram parte do processo. Inicialmente pensava-se em analisar paralelamente o desenvolvimento da instituição com as ações de seus principais atores. Contudo, optou-se pela interpretação das fontes institucionais e da narrativa do Livro Digital para tentar compreender especificamente os cinco primeiros anos de funcionamento do ICBNA.

A tarefa não foi muito fácil, em função das poucas fontes sobre o período e principalmente da dificuldade de conciliar os avanços descritos em ata sem os registros de finanças da instituição. Além disso, a falta de informações na mídia no período leva a crer que inicialmente a instituição não teve o mesmo espaço e destaque que nas décadas subsequentes. Isso não significa dizer que não houve considerável crescimento institucional, muito pelo contrário, compreende-se que este período foi primordial para a estabilidade nas décadas de 1940 e 1950.

Como foi mencionado no final do segundo capítulo, o início da Segunda Guerra pode estar diretamente relacionado à falta de registros em ata durante o período entre 1940 e 1943. A dúvida sobre qual lado o governo de Vargas penderia pode ter sido forte. Por outro lado, a entrada do Brasil na guerra coincidir com a retomada das atividades e o início do ensino da língua é uma coincidência que merece destaque. Se houve algum tipo de fomento financeiro por parte dos Estados Unidos a partir de 1943, somente futuras pesquisas poderão responder.

A tensa descrição dos primeiros anos na década de 1940, relatada no último capítulo, ajuda a compreender, em parte, o esvaziamento institucional, embora os registros posteriores sequer cite qualquer referência à enchente de 1941 ou, então, ao período de guerra. As fontes apontaram apenas o crescimento institucional, o qual se credita ao departamento comercial, além, obviamente, das conjunturas externas que contribuíram na consolidação do ICBNA.

Os demonstrativos de alunos, de área ocupada, de livros catalogados e de sócios foram inseridos no terceiro capítulo com objetivo de apresentar ao leitor o crescimento do Instituto através de fontes e não só apenas da narrativa institucional. Nesse complexo conjunto de dados, composto por diferentes interpretações, buscou-se simplificar a explicação para ambos. O crescimento de alunos e sócios fortaleceu as

finanças do ICBNA, porém, acredita-se que essa combinação não tenha sido suficiente para manter as despesas da instituição.

Manter o quadro de funcionários, professores, propaganda e marketing, expansão da biblioteca, mesmo na década de 1940, em pleno Estado Novo, para uma instituição sem qualquer isenção de impostos, representava um custo alto. Com isso, infere-se que a embaixada norte-americana tenha colaborado com envio de livros para crescimento da biblioteca, além de manter inicialmente os salários dos professores nativos. Como foram mencionados no segundo capítulo, os registros financeiros inexistem no acervo institucional, quiçá os relacionados ao departamento de pessoal. Tentaram-se ainda informações junto ao Ministério do Trabalho, porém as mesmas são confidenciais.

As décadas de 1940 e 1950, apresentadas no último capítulo, descrevem os pormenores de um processo evolutivo que resulta em um decreto de utilidade pública estadual, juntamente com diversas oportunidades que o mesmo proporcionou à instituição. Caso esse decreto tivesse sido conquistado em 1940, estaria de certa forma explicada a situação financeira da instituição, pois a utilidade pública denota isenções fiscais, mas não foi o caso.

De acordo com os demonstrativos, 1951 foi o ano em que todos os dados da instituição foram apresentados em franca ascensão, embora os relatórios tenham sido produzidos pelo setor financeiro para apresentação ao conselho deliberativo, fiscal e diretoria. Essa informação é estatutária, pois conselhos e diretoria são voluntários, ou seja, sem os registros financeiros torna-se arriscado acreditar fidedignamente nestes demonstrativos elaborados apenas para as cúpulas da instituição.

Entretanto, as fontes imagéticas da instituição não deixam dúvida, comprovam que o ICBNA participou da sociedade porto-alegrense ativamente, no recorte escolhido. A transcrição dos discursos possibilita uma ideia do sentimento envolvido no período entre as autoridades que compuseram a década de 1950. Trata-se de perceber que o período foi muito favorável não só para o ICBNA, mas também para os demais centros binacionais.

Por fim, considera-se que a pesquisa realizada não traz definições, nem tampouco encerra a discussão e os questionamentos sobre o tema. No entanto, apresenta interpretações que podem e devem ser problematizadas, todavia contribui

com uma proposta de debate em torno das relações entre Brasil e Estados Unidos. Com relação ao ICBNA, não foi intenção deste trabalho dar importância em demasia à instituição, nem tampouco aos intelectuais que a consolidaram. Por esse motivo, essa suposta “elite letrada de vanguarda” e suas participações serão analisadas *a posteriori*.

Tentou-se aqui expressar que nem todos os aspectos envolvidos no complexo esquema das relações entre Brasil e Estados Unidos foram explorados. Há uma ausência considerável de elementos importantíssimos que constroem a identidade latino-americana, não sendo possível engessar toda uma diversidade cultural e adotar um discurso totalizante.

As ações dos agentes norte-americanos em território latino-americano, somados aos interesses das diversas elites intelectuais do continente, resultaram em inúmeras instituições que fomentaram a estrutura da supracitada Política de Boa Vizinhança. Portanto, ficam aqui os apontamentos para novas possibilidades de pesquisa e várias evidências que podem incitar novos questionamentos sobre a política externa dos Estados Unidos, bem como toda a ação norte-americana na América Latina. Tendo ciência disso, o trabalho iniciado com essa dissertação terá sua continuidade com análise dos demais centros espalhados pelo continente latino-americano, buscando incessantemente complementar as lacunas que permeiam o tema.

FONTES:

Carta do consulado Del Uruguay 12/10/1938 – Cônsul A.F. Brueggemann;
 Correspondências recebidas: Secretaria do Estado dos negócios do interior 12/10/1938;
 Decreto de utilidade pública estadual 1951;
 Decreto de utilidade pública municipal 1963;
 ICBNA. Documentos de fundação: Acervo fotográfico 1938-2010;
 ICBNA. Documentos de fundação: Discursos de inauguração 1951;
 ICBNA. Documentos de fundação: Estatutos do ICBNA – Registrado sob o nº 59382, fls 1448 F do livro A;
 ICBNA. Documentos de fundação: Fichas de associação. Acervo Privado;
 ICBNA. Documentos de fundação: Hemeroteca 1938-2010;
 ICBNA. Documentos de fundação: Livro de atas de 1938 a 1943;
 MINISTÉRIO FEDERAL. Relatórios Ministeriais: Relações Exteriores de 1938 a 1944. Disponível em: <http://www.nd.edu/~kic/brazil/pindex.htm>. Acesso em 17 de outubro de 2012;
 Propostas de adesão de sócios: 1938;
 Registro Civil das Pessoas Jurídicas no dia 03 de Agosto de 1944 POA.RS. p.3 e 7;
 Telégrafo recebido 12/10/1938 – Embaixador Americano Jefferson Caffery;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcelo Paiva. **O Brasil e a economia mundial 1930-1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ALVES JR., Alexandre Guilherme da Cruz. Olhares sobre a política de boa vizinhança (1933-1945). **Revista Eletrônica Boletim do Tempo**, Ano 4, Nº22, Rio, 2009.

ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as nações**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil: Dois Séculos de História**. Rio de Janeiro: Ed. da Civilização Brasileira, 1973.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

BUENO, Clodoaldo. CERVO, Amado Luiz. **História da política exterior do Brasil**. 4.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

BULL, Heddley. **A sociedade anárquica**. Brasília: Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006.

CARNEIRO, Luiz Carlos. **Porto Alegre – de Aldeia a Metrópole** – Porto Alegre: Marsiaj Oliveira; Oficina da História, 1992.p.122-123.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Fascismo verde-amarelo. In: **História do Brasil para ocupados**: os mais importantes historiadores apresentam de um jeito original os episódios decisivos e os personagens fascinantes que fizeram o nosso país. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. Golpe militar, violência e exclusão. IN **História do Brasil para ocupados**: os mais importantes historiadores apresentam de um jeito original os episódios decisivos e os personagens fascinantes que fizeram o nosso país. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DORFMAN, Ariel. MATTELART, Armand. **Para ler o Pato Donald**: Comunicação de massa e colonialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas**: influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977.

GAY, Peter. **O estilo na história**: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

GERTZ, René. Nazismo tropical. In **História do Brasil para ocupados**: os mais importantes historiadores apresentam de um jeito original os episódios decisivos e os

personagens fascinantes que fizeram o nosso país. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1982.

HIRST, Monica. **Brasil-Estados Unidos: Desencontros e Afinidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

HOBSBAWM, Eric. A história de baixo para cima. IN: HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p.216-231.

JAMBEIRO, Otto et.al. **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: EDUFRA, 2004.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KUHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**- 4.ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2011.

MARTINS, Estevão Chaves de Resende. História das Relações Internacionais. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier Universitária, 2011.

MATHEWS, Gordon. **Cultura Global e Identidade individual: à procura de um lar no supermercado cultural**. São Paulo: EDUSC, 2002.

MEDEIROS, Luís Inácio Franco de. Do Theatro São Pedro à Praça da Alfândega. Memória do Museu. Disponível em: http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_memo_efinalmente.php. Acesso em 10 de março de 2014.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MOURA, Gerson. **Autonomia da dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **O tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense. 1984.

_____. **Estados Unidos e América Latina**. São Paulo: Contexto, 1990.

MUNHOZ, Sidnei. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2011.

NOGUEIRA, Margareth. Os Centros Binacionais Brasil-Estados Unidos: sua importância na história do ensino de línguas no Brasil. **Revista Helb**. Brasília, Ano 4 - Nº 4, 1/2010.

PECEQUILO, Cristina Sorenu. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PINHEIRO, Letícia. **Política externa brasileira (1889-2002)**. 2.ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PINSKY, Jaime. et al. **História da América através de textos**. 10.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

RINKE, Stefan. **História da América Latina: das culturas pré-colombianas até o presente**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos: poder e submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina**. São Paulo: EDUSC, 2000.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. IN: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011, p. 39-63.

TORRESINI, Elisabeth Wenhausen Rochadel. **Editora Globo: Uma Aventura Editorial no Anos 30 e 40**. São Paulo: EDUSP: Com-Arte; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VERISSIMO, Erico. **Olhai os lírios do campo**. 20 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VILLAÇA, Mariana. Estados Unidos: “farol” e “polícia” da América Latina. In: MUNHOZ, Sidnei. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **Relações Brasil – Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2011.

WRIGHT, Edmund. Guerra Hispano-Americana. IN: WRIGHT, Edmund. **Dicionário de história do Mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.329.

_____. Doutrina Monroe. IN: WRIGHT, Edmund. **Dicionário de história do Mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.234.

_____. New Deal. In: WRIGHT, Edmund. **Dicionário de história do Mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.540.

_____. Imperialismo. In: WRIGHT, Edmund. **Dicionário de história do Mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.381.

REFERÊNCIAS A ENDEREÇOS ELETRÔNICOS:

<http://www.cpdoc.fgv.br/>

<http://www.midiaindependente.org>

<http://www.iie.org/>

<http://www.ibeu.org.br/>

<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/index.html>

<http://www.history.state.gov>

http://www.icpna.edu.pe/contenido.aspx?cod=9&cod_1=6

<http://www.norteamericano.cl/index.php>

<http://www.massey-harris.com>

<http://www.cultural.org.br/Livro70anos>

<http://www.thomas.org.br/>